

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
DOUTORADO EM TEORIA LITERÁRIA

Título da Tese:

RESGATES E RESSONÂNCIAS: MARIANA COELHO

Tese de doutoramento apresentada como requisito à obtenção do título de “Doutora em Literatura”, do curso de Pós-Graduação em Literatura, área de concentração em Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina.

Doutoranda: Rosana Cássia Kamita

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Zahidé Lupinacci Muzart

Florianópolis

2004

RESUMO

Esta tese tem por objetivo o estudo da vida e da obra de Mariana Coelho, escritora e educadora portuguesa que, ainda jovem, se estabeleceu em Curitiba, no Paraná. Procuramos mostrar como, em décadas de intensa atuação social, na terra adotada, Mariana Coelho foi muito influenciada pelo feminismo e dedicou-se sempre a difundir, em sua obra, os ideais feministas que a guiavam. Mulher à frente de seu tempo, mantinha-se informada sobre as principais questões políticas, além de atuar diretamente para o encaminhamento de uma sociedade mais desenvolvida, o que ela acreditava ser possível com a atuação feminina efetiva.

ABSTRACT

This thesis has the purpose to study the life and work of Mariana Coelho, writer and portuguese educator who was still young, came to Curitiba, state of Paraná. To show how, in decades of intense social activity in her adopted land, Mariana Coelho had a lot of influence by the feminism and was always dedicated to diffuse, in her work, the feminism ideal that was her guidance. A woman, ahead of her time, she kept herself up to date about the main political questions, besides being directly involved in guiding of a better develop society. She believed that it would be possible with the effective feminism.

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) A Mulher na Literatura, que reúne pesquisadoras exponenciais na pesquisa de resgate..

À Prof^ª Dr^ª Tânia Regina Oliveira Ramos pelas informações acadêmicas, sugestões de leitura e generosidade.

À Prof^ª Dr^ª Simone Pereira Schmidt pela relevante contribuição em relação às teorias feministas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

À Elba Maria Ribeiro pela atenção, compreensão e auxílio, quando centenas de quilômetros me separavam da universidade.

Aos colegas da pós-graduação pelo apoio e amizade.

À Prof^ª Dr^ª Constância Lima Duarte pelas referências de leituras e oportunidade de aprendizado com sua experiência literária.

Ao Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte pela confiança e oportunidade em participar do Projeto Antologia Crítica da Literatura Brasileira Afro-descendente.

Às senhoras Júlia D. Follador e Irene Lupion de Moura Brito, sobrinhas-netas de Mariana Coelho, pela inestimável contribuição para o desenvolvimento desse trabalho.

Ao Sr. Wilson da Silva Bóia, da Academia Paranaense de Letras pelo envio de materiais raros, inclusive cópias de manuscritos.

À Prof^ª Dr^ª Zahidé Lupinacci Muzart, orientadora desta tese, exemplo de conduta profissional e capacidade intelectual, pela oportunidade de reflexão a partir das leituras sugeridas, por me ensinar a buscar sempre o melhor resultado possível e para isso ler e reler, escrever e reescrever, em um exercício de paciência e humildade.

À minha família, que soube compreender e me amparar nesses anos de mestrado e doutorado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
MARIANA COELHO: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS	10
O LEGADO DE MARIANA COELHO	23
Primícias poéticas	23
Tentames narrativos	27
Desideratum	32
Por que somos feminista?	45
Uma embaladora utopia, um sonho apenas	70
HISTÓRICO SOBRE O FEMINISMO	95
Cuidado, sexo frágil	95
Enquanto isso, no Brasil...	100
Permanentes desafios: sufrágismo	103
Feministas brasileiras em destaque	113
MARIANA COELHO E SUA ÉPOCA	119
Escritoras paranaenses do período: Mariana Coelho nesse cenário	143
MULHER E LITERATURA: UMA RELAÇÃO TÃO DELICADA	168
REMATES	183
BIBLIOGRAFIA	197
ANEXOS	210

INTRODUÇÃO

O trabalho de resgate de escritoras do século XIX é responsável por desfazer equívocos e reparar lacunas na constituição do *corpus* literário, além de desafiar regras intrínsecas e extrínsecas do cânone. À primeira vista, a maioria dos leitores poderia julgar que não houve mulheres que escreveram no cenário dos oitocentos, no entanto, quando esse tipo de pesquisa é empreendida, o resultado é bem diverso daquele que se poderia esperar, uma vez que houve sim, várias escritoras. Porém, ainda haveria a possibilidade de se argumentar que sua produção literária carecia de qualidade, constituindo-se em mera colaboração ao mundo das letras, aprisionada geográfica e temporalmente, carecendo de atributos que a tornasse referência, ou seja, obra clássica constituinte do cânone. Mas, eis novamente que houve aquelas que escreveram e os atuais estudos dessa produção já nos permitem dizer que muitas nos legaram obras merecedoras de atenção.

O fato de que essas escritoras tenham ficado à sombra do mundo literário induz a interpretar esse silêncio como resultado de um preconceito em relação à capacidade intelectual feminina. Portanto, cumpre destacar que um trabalho ensejado nesses termos conta com o auxílio do feminismo de ontem e de hoje.

Pesquisadoras(es) empreendem a árdua tarefa de trazer à luz escritos olvidados e, em um movimento simultâneo, outras(os) se dispõem a analisá-los, estudá-los, compreendê-los. É este o presente caso. Mariana Coelho era uma das escritoras que a história literária revestiu de finas camadas de esquecimento as quais ao longo do tempo se tornaram densa omissão.

No início de meu projeto de pesquisa para o doutorado, tinha a intenção de estudar as escritoras paranaenses nascidas no século XIX. No entanto, ao visitar o Centro Paranaense Feminino de Cultura e conversar longamente com sua presidente, expondo meus projetos de estudo, vim a saber, alguns meses após, que o próprio Centro organizaria pesquisa de similar teor visando a posterior publicação. Assim sendo, ponderei que a pesquisa perderia em interesse, o que me levou à escolha de outro tema para a tese. Dentre as muitas escritoras já pesquisadas, considerava Mariana Coelho uma das mais ilustradas e inspiradas.

Assim, a pesquisa de doutorado seria centrada apenas em Mariana Coelho, interessando destacar que 2004 é o ano do cinquentenário da morte da escritora. As principais obras da Mariana foram redescobertas pela pesquisadora Zahidé L. Muzart, e, a partir de então, foi possível o contato com livros e artigos publicados pela escritora em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. A leitura de seus textos permitiu vislumbrar uma atuante feminista, que utilizava a pena como instrumento para fazer ecoar suas idéias de emancipação feminina. Isso nos levou a empreender esforços para compreender a importância do feminismo na vida e obra de Mariana Coelho, encaminhando questões como: de que forma os ideais feministas se manifestaram; em quais obras podem ser melhor percebidos; quais nuances perceptíveis de acordo com o gênero eleito pela autora.

O título dessa tese foi escolhido a partir de um ensaio da Prof^a Dr^a Zahidé L. Muzart: “Resgates e ressonâncias: uma *beauvoir* tupiniquim”, publicado no livro *Refazendo nós*. Foi também uma forma de homenagear a orientadora desse trabalho, uma das precursoras no Brasil a dedicar-se ao estudo de escritoras do século XIX.

No primeiro capítulo, são salientados aspectos biográficos da escritora, sua atuação enquanto educadora, com informações a respeito do Colégio Santos Dumont, por ela fundado em 1906. Ressaltou-se também, sua postura em relação a doutrinas como o Positivismo e o Evolucionismo e o fato de ter se dedicado ao ensaísmo, quando a maioria das mulheres que escrevia não optava por esse gênero literário.

O segundo capítulo aborda o legado literário da escritora, obras com características próprias, no entanto, muitas delas unidas por um ponto em comum: o feminismo. Partiu-se dos poemas, primeiros registros de sua atuação literária. Em seguida os contos, que apesar de terem sido publicados em 1940, foram compostos a maior parte em sua juventude e posteriormente compilados. Foi também empreendido o estudo da obra *O Paraná mental*, crítica literária sobre as artes nesse estado. O estudo de *A evolução do feminismo* permitiu compreender melhor a postura feminista adotada por Mariana Coelho, a defesa pela educação e profissionalização feminina, a preocupação em relação a questões como a prostituição, a violência contra a mulher, a situação dos idosos, entre outras. A última obra apresentada nesse capítulo foi *Um brado de revolta contra a morte violenta*, publicada após a palestra proferida, no qual a autora destacou os ideais pacifistas e a preocupação com os conflitos bélicos; o exemplo escolhido para tratar da pena de morte foi a execução de Mata Hari.

O terceiro capítulo estabelece o histórico do feminismo, com a intenção de compreender as idéias feministas apropriadas por Mariana e contextualizar os diferentes períodos de atuação das feministas, como a preocupação com a formação educacional das mulheres, as campanhas sufragistas em diferentes

países – assunto abordado por Mariana em *A evolução do feminismo* –, e destacar o papel das periodistas ao lançarem jornais e revistas que tratassem das questões femininas de maneira crítica, contribuindo para a emancipação da mulher.

O quarto capítulo contextualiza a escritora ao Paraná, em especial Curitiba, cidade na qual permaneceu até o final da vida. Conhecer o meio sócio-político-cultural onde ela viveu e a produção literária de escritoras paranaenses nascidas no século XIX, permite alcançar a dimensão da posição de vanguarda de Mariana. Salientou-se o relacionamento que ela mantinha com os principais intelectuais da região, como Rocha Pombo e Dario Veloso e a maneira como ela era vista e considerada por aquelas pessoas que com ela conviviam.

O último capítulo trata da relação entre mulher e literatura, a posição muitas vezes transgressora que assumiam as escritoras do século XIX, o trabalho de resgate, o qual possibilita reavaliar os textos produzidos por essas escritoras a partir de novos paradigmas.

Em “Anexos” foram reunidos documentos obtidos ao longo dessa pesquisa os quais se constituem de reproduções de manuscritos, recortes de jornais, certificados, atestados, fotos, com especial ênfase ao caderno organizado pela própria Mariana. Alguns deles foram diretamente utilizados na tese; outros, contribuíram indiretamente para subsidiar as reflexões contidas nesse trabalho.

Enfim, o objetivo foi o de mostrar como o feminismo permeou a vida e obra de Mariana Coelho de diferentes maneiras ao longo do tempo de sua produção literária.

MARIANA COELHO: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

Neste capítulo, abordarei os principais aspectos da vida da escritora. Por ter sido uma pessoa extremamente reservada, é grande a dificuldade de acesso a informações biográficas de Mariana Coelho. Para abordar o tema em questão, foi valioso o auxílio de familiares e pesquisadores, através de entrevistas, correspondências, cópias de documentos e mesmo conversas informais. Grande parte do material obtido a partir dessa pesquisa encontra-se em “Anexos”, nesse trabalho.

Mariana Coelho nasceu em Portugal, em 10 de setembro de 1857, em Vila de Sabrosa, distrito de Vila Real, filha de Manoel Antonio Ribeiro Coelho e de Maria do Carmo Meireles Coelho. Faleceu em Curitiba, Paraná, em 29 de novembro de 1954. Leonor Castellano¹ declarou: “Mariana Coelho, é ela mesma que o afirma, quando veio de Portugal, sua terra de origem, em julho de 1892, de lá trazia como herança paterna os princípios de sua vocação literária”². Participou de maneira efetiva na sociedade paranaense através de seu trabalho como educadora, escritora e defensora dos direitos da mulher.

Há uma grande controvérsia em torno do ano de nascimento da escritora. As várias fontes consultadas para essa pesquisa divergem quanto à essa data. O Centro Paranaense Feminino de Cultura afirma ser 1857,³ mesma data apontada

¹ CASTELLANO, Leonor. In: COELHO, Mariana. *Palestras Educativas* (Obra Póstuma). Edição do Centro de Letras do Paraná – Volume 58, 1956, p. 9.

² Oração proferida na Sessão Solene realizada no Centro de Letras do Paraná, ao trigésimo dia de falecimento de Mariana Coelho, quando Leonor Castellano cita o prefácio escrito por ela para o livro *Palestras Educativas*.

³ Afirmação constante no livro *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, op. cit., p. 145.

por Pompília Lopes dos Santos em *Sesquicentenário da Poesia Paranaense*,⁴ assim como *O Dicionário Mulheres do Brasil*.⁵ *O Dicionário crítico de escritoras brasileiras*⁶ registra o ano de 1872; no quarto volume de *Vultos Paranaenses*,⁷ Maria Nicolas afirma ser 1873; na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*⁸ afirma-se ser o ano de 1858. Zahidé L. Muzart em pesquisa sobre Mariana Coelho, aponta ainda como 1857 a data mencionada em *Dicionário mundial de mulheres notáveis*⁹ e 1872, a data registrada pelo *Dicionário de Mulheres*.¹⁰ Em virtude dessa divergência, através de contatos com familiares, pesquisei no cemitério São Francisco de Paula, onde a escritora está sepultada, na quadra 14, rua 3, lote 46. A informação que lá constava é a de que teria falecido em novembro de 1954 com 74 anos de idade, sendo a *causa mortis* colapso cardíaco. Portanto, ela teria nascido em 1880. Aprofundei a pesquisa e pesquisei nos cartórios de registro civil de Curitiba em busca do registro de óbito. Depois de exaustiva busca, encontrei o registro no 1º Ofício do Registro Civil, ao qual requeri segunda via, que consta em “Anexos”. No livro C-131, Folha 334, Termo 001940, a Certidão de Óbito ° 1940 certifica que foi lavrado em 29 de novembro de 1954, o assento de óbito de Mariana Coelho:

⁴ SANTOS, Pompília Lopes dos. *Sesquicentenário da poesia paranaense: antologia*. 2. ed. Curitiba: Academia Feminina de Letras do Paraná, 1985, p. 233.

⁵ SHUMAHAR, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 418.

⁶ COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 463.

⁷ NICOLAS, Maria. *Vultos paranaenses* (4º Vol.). Curitiba: [s.e.], 1966, p. 66

⁸ COUTINHO, Afrânio e SOUSA, Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1990, vol. 1, p. 441.

⁹ OLIVEIRA, Américo Lopes de e VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*. Porto: Lello e Irmãos Editores, 1967, p. 267.

¹⁰ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999, p. 129.

[...] falecida no dia vinte e nove de novembro de um mil, novecentos e cinqüenta e quatro (29/11/1954), às sete horas e cinqüenta minutos (07:50h), à rua Presidente Taunay, nº 445, em Curitiba-PR, do sexo feminino, de profissão doméstica, de estado civil solteira, natural de Portugal, residente e domiciliada nesta cidade, em Curitiba-PR, com setenta e quatro (74) anos de idade.

Portanto, o documento registra os mesmos dados constantes no arquivo de cemitério. No entanto, os próprios familiares da escritora que conviveram com ela, afirmam terem lembranças de Mariana bem idosa, aparentemente com mais do que os supostos setenta e quatro anos. Há também informações de que ela teria publicado já em 1893, segundo consta no livro *Um século de poesia*, sendo assim, a controvérsia permanece. Para além da questão da data, a quem pesquisou a vida e a obra de Mariana incomoda bastante ler em um documento oficial que sua profissão era doméstica.

Fundou em Curitiba o Colégio Santos Dumont em 1906, instituição conceituada de acordo com as opiniões correntes à época, como a de Pompília Lopes dos Santos¹¹: “Tive a felicidade de ser sua aluna no Curso Primário e posso testemunhar que essa mestra inata deu excelentes aulas de Português à nossa geração. [...] Lavro aqui, um voto de louvor à ilustre Professora e ao seu inigualável Colégio Santos Dumont.”¹²

Recebeu a visita de Santos Dumont em 1916, o qual trouxe um jogo de taças de cristal como presente para a diretora e proprietária do colégio, do qual algumas peças ainda são conservadas pelas sobrinhas-netas da escritora.¹³ Segundo informações de familiares, Mariana Coelho e Santos Dumont teriam

¹¹ Pompília Lopes dos Santos (1990-1992). Professora, com intensa atuação no campo das letras, autora de extensa obra que reúne romances, memórias e crítica literária.

¹² Id. *Sesquicentenário da poesia paranaense*, op. cit., p. 234.

¹³ Em “Anexos” há vários materiais relativos à essa visita do aviador.

mantido correspondência, mas essas cartas perderam-se no decorrer dos anos. À época em que provavelmente mantiveram contato, Santos Dumont já sofria com problemas psicológicos. Francisco Pereira da Silva relata:

Quando Santos Dumont escreveu em sua “Encantada” de Petrópolis, em 1918, o livro *O que eu vi, o que nós veremos*, já havia sido atingido por fortes crises de depressão mental. A doença, os “nervos abalados”, já vinha, quer nos parecer, desde 1908, quando ele declara que anunciou aos amigos a intenção de encerrar a sua carreira de aeronauta, e que tivera a aprovação de todos.

[...]

Os amigos certamente haviam notado que ele estava sendo atingido por um sério esgotamento psíquico.

Com a guerra de 1914 Santos Dumont sofre uma violenta crise, jogando para si toda a responsabilidade pelo que então ocorria: o emprego do avião como arma de guerra; mais, como poderosa arma de extermínio.¹⁴

Olga Macedo Gutierrez destaca que Mariana Coelho adotava em seu colégio modernos métodos de ensino, sendo pioneira no Paraná ao empregar o método João de Deus de alfabetização. Essa é uma informação pertinente na medida em que reflete o espírito empreendedor e dinâmico da educadora e auxilia a compor um retrato de Mariana Coelho. João de Deus (1830-1896), poeta português, publicou em 1876 a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*¹⁵ o qual tornou-se um dos métodos preferidos pelos professores portugueses, e, alguns anos, depois esse método foi introduzido no Brasil. No início da República a educação era tema importante para a nação e havia muitas discussões que procuravam distinguir o melhor método de alfabetização. Os questionamentos apontavam para duas vertentes principais, uma, defensora das teorias tradicionais,

¹⁴ SILVA, Francisco Pereira da. *Santos Dumont*. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 175.

¹⁵ DEUS, João de. *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

e outra, que se pautava em práticas inovadoras. Através da leitura do livro *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, o próprio João de Deus deixa claro em que consistia sua proposta e quais eram seus principais objetivos:

Este sistema funda-se na língua viva. Não apresenta os seis ou oito abecedários do costume, senão um, do tipo mais freqüente, e não todo, mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem; de modo que, em vez do principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras inteligíveis. Assim ficamos também livres do silabário, em cuja interminável série de combinações mecânicas não há penetrar uma idéia! Esses longos exercícios de pura intuição visual constituem uma violência, uma amputação moral contrária à natureza. Seis meses, um ano, e mais, de vozes sem sentido, basta para imprimir num espírito nascente o selo do idiotismo. [...] oferecemos, neste sistema profundamente prático, o meio de evitar a seus filhos o flagelo da cartilha tradicional.¹⁶

O método escolhido por Mariana Coelho é bastante coerente com as idéias que a escritora defendia. Em seu colégio ela procurava colocar em prática aquilo que julgava ser o melhor. Interessa sobretudo destacar seu empenho em transcender o campo teórico e colocar em prática atitudes nas quais acreditava. Quando havia anos de tradição em relação a um método de ensino, ela preferiu uma tendência pedagógica moderna, que não estivesse ancorada na tradição de práticas conservadoras.

A escritora manteve-se sempre atuando no magistério: “Mais tarde, nomearam-na diretora da Escola Profissional República Argentina, em cujo cargo aposentou-se.”¹⁷ . No livro *Antologia Paranaense*, informa-se sobre a atuação

¹⁶ Ibid., p. 7-8. [Ortografia atualizada].

¹⁷ NICOLAS, Maria. *Vultos Paranaenses*. 4º volume. Curitiba: [s.e.], 1966, p. 67.

profissional de Mariana Coelho: “Partiu para o Brasil em julho de 1892, e no mesmo ano fixou a sua residência na capital do nosso estado, dedicando-se mais tarde ao magistério, e educando, por largos anos, várias gerações femininas no seu conceituado ‘Colégio Santos Dumont’.”¹⁸

O fato de ter homenageado Santos Dumont através do nome do colégio por ela fundado, de certa forma corrobora um dos ideais que nortearam a atuação de Mariana Coelho. Ela acreditava que a evolução da sociedade poderia afiançar à mulher a emancipação que lhe garantiria autonomia e participação efetiva no meio ao qual pertencia. O aviator fora uma personalidade com os olhos totalmente voltados para o futuro; representava o progresso, um novo modo de vida, pautado em ideais diversos daqueles que até então consideravam a mulher o *sexo frágil*. Entre o final do século XIX e início do século XX houve a disseminação de conceitos como o Evolucionismo e o Positivismo. Mariana Coelho não se manteve alheia a eles, mas é necessário distinguir aspectos importantes e não se confundir tratar deles com coadunar-se a eles. Também é necessário destacar que essas idéias foram primeiramente concebidas e após, tornaram-se, por assim dizer, de domínio público, conforme salienta Showalter:

Em fins do século [XIX] as intelectuais feministas buscaram na teoria evolucionista de Darwin, assim como na política e na arte, uma fonte para suas idéias sobre os gêneros. Uma vez que a teoria darwiniana era tão complexa e ambígua, todos os radicais, tanto feministas como socialistas puderam apropriar-se da idéia da evolução para seus próprios fins. Assim, enquanto alguns imperialistas interpretaram a teoria de Darwin como explicação de que o homem anglo-saxão era o ápice do desenvolvimento e da evolução, as feministas persistiram no processo de mudança que

¹⁸ RODRIGO JUNIOR e PLAISANT, Alcibiades. *Antologia Paranaense* – tomo primeiro – Poesia. Curitiba: França & Cia. Ltda, 1938., p. 264.

estava tendo lugar, com as mulheres como precursoras do futuro.¹⁹

O conceito de evolução era utilizado não apenas em relação aos indivíduos e às espécies; a mudança evolutiva se daria também em relação aos costumes, instituições, idéias religiosas, enfim, incidiria sobre a sociedade. Assim, quando Mariana Coelho escolhe o título *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, o sentido de evolução era o de desenvolvimento do movimento feminista que faria com que a mulher conquistasse sua emancipação. Fato similar ocorre quando a autora se refere ao Positivismo. Uma doutrina como essa, iniciada com Auguste Comte e que ainda hoje encontra adeptos, com certeza não permaneceu a mesma desde que foi idealizada. Ainda há que se acrescentar que muitas idéias eram postuladas pelo positivismo, e que talvez houvesse algumas com as quais a escritora tivesse simpatia assim como outras que lhe causassem aversão. Ainda, a mesma pessoa pode, em determinada época de sua vida aderir a determinadas idéias que tempos depois não lhe sejam mais de interesse. Portanto, ao se estudar sobre uma escritora intelectualmente atuante por várias décadas, não se pode ter a pretensão de afirmações genéricas e totalizantes há que sempre se relativizar os questionamentos levando-se em conta essas premissas. Se as idéias de Comte de certa forma sustentavam alguns dos argumentos de Mariana, no sentido de conceber uma sociedade diferente daquela de então, em especial em relação às

¹⁹ A finales del siglo las intelectuales feministas buscaron en la teoría evolucionista de Darwin, así como en la política y en el arte, una fuente para sus ideas sobre los géneros. Dado que a teoría darwiniana era tão complexa e ambígua, todos los radicales tanto feministas como socialistas pudieron apropiarse la idea de la evolución para sus propios fines. Así, mientras algunos imperialistas interpretaron la teoría de Darwin como explicación de que el hombre anglosajón era el cumen del desarrollo y la evolución, las feministas hicieron hincapié en el proceso de cambio que estaba teniendo lugar, con las mujeres como precursoras del futuro.

²⁰ SHOWALTER, Elaine. *Mujeres rebeldes: una reivindicación de la herencia intelectual feminista*. Trad. Inés Belaustegui. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2002, p. 79.

mulheres, era justamente pelas mulheres que ela lançou críticas severas ao seu idealizador:

Dão-se às vezes, em certos pensadores distintos, contradições interessantes: Augusto Comte, que, inspirado por Clotilde de Vaux, tanto sublimou a mulher, preconizou a “santa lei da viuvez eterna!” – aplicável somente, é claro, ao sexo feminino... Quem, na nossa época de franca tendência para a liberdade, não discordará de tão excêntrica opinião que, a ser aceita e legislada, viria coarctar a principal liberdade individual feminina? Tal idéia parece um reflexo supervivente dos costumes dos povos bárbaros onde as pobres viúvas se faziam queimar vivas para que a sua alma aflita fosse encontrar o esposo lá na eternidade... Cremos que ainda hoje se dão alguns desses deploráveis exemplos na Índia, embora muitíssimo raros atendendo à interferência civilizadora européia. Nunca vimos, em toda a história da humanidade, um só exemplo de tão estúpida e absurda dedicação na viuvez masculina – o que prova dolorosamente a condição da proverbial inferioridade feminina através dos séculos.²¹

Na citação anterior a autora expõe a indignação à “viuvez eterna” e sua crítica surge com os recursos gráficos que a autora estimava utilizar para expor de forma mais veemente os assuntos que a incomodavam, embalados por fina ironia.

Mariana Coelho colaborou em vários periódicos, em seu país natal e no Brasil. *O Comércio de Vila Real, Jornal da Manhã e A Voz Pública*, em Portugal. No Brasil: *Diário do Comércio, A República, O Cenáculo, Almanaque Paranaense, Gazeta do Povo, Almanaque do Paraná, A Pena, O Sapo, O Beijo, Breviário, Diário da Tarde, Folha Rósea, Olho da Rua, Fanal, A Bomba, Comércio do Paraná, Senhorita, Prata da Casa, A Sempreviva, O Estado do Paraná*, dentre outros.

²¹ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. 2ª ed. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002, p. 372-373.

Mariana Coelho sempre teve intensa atuação na sociedade paranaense, como escritora, educadora e feminista. O livro *A Evolução do Feminismo: subsídios para a sua história* atesta sua atuação em defesa da emancipação feminina. A obra foi editada em 1933 no entanto, décadas antes ela publicava vários artigos pautados nos ideais feministas. A escritora mantinha relações com vários intelectuais da época, tanto no Paraná quanto no Brasil e no exterior, conforme se evidenciará ao longo desse trabalho através de citações da própria Mariana em seus livros, referências a cartas e telegramas recebidos, viagens empreendidas. Em “Anexos” há a reprodução de alguns desses documentos.

As dificuldades encontradas por uma mulher como Mariana Coelho foram muitas, com certeza. Sua postura foi condizente aos obstáculos que se apresentaram, conquistando um espaço importante em uma sociedade ainda tão reticente à participação feminina. Enfrentou uma situação até certo ponto hostil, como ela mesma destacou em seu livro *A evolução do Feminismo*: “Quase todos os antifeministas cuja opinião temos auscultado, são desfavoráveis à instrução no sexo feminino – razão por que detestam as feministas, que, como se sabe, são todas mais ou menos instruídas”.²² Mas seu posicionamento conquistou respeito e consideração. Pessoas que com ela conviveram descrevem-na como autoritária e exigente, o que é compreensível para quem tem que “provar” a todo momento a própria capacidade, alvo de constante avaliação por parte de uma sociedade estruturada de maneira tal que Mariana Coelho parecia uma “intrusa”, procurando situar-se em um espaço que não era aquele destinado às mulheres.

²² Ibid., p. 45.

Leonor Castellano afirma, no prefácio de *Palestras Educativas*, que a participação literária de Mariana Coelho estendeu-se por sessenta e dois anos, da mocidade à velhice. É um tempo bastante longo e uma pessoa intelectualmente ativa como ela passou por diferentes fases; a postura em relação a determinadas idéias também não se manteve inalterada, como anteriormente apontado; sua produção literária o demonstra. Nos primeiros versos e contos, quando ela trata do amor, por exemplo, e escreve sobre encontros e desencontros, alegrias e decepções, percebem-se alguns comentários que prenunciam a defesa de alguns pontos de vista que ao longo do tempo se evidenciariam.

Enquanto nas poesias e contos Mariana é competente escritora, em seus livros de crítica literária e sobre feminismo ela se destaca. Escreve com fluência e erudição, defendendo idéias de maneira consciente e criteriosa. É uma leitura surpreendente pela diferença entre o que ela e o que a maioria das outras escritoras escreve. A mulher que escrevia já era um tabu, um preconceito a ser enfrentado e as idéias que defendia a tornavam singular. As mulheres que ousavam invadir território dominado pelos homens de letras, entravam como se fosse em um campo sagrado: temerosas, esquivas, preocupadas, escolhendo palavras, desculpando-se de maneira (in) consciente. E então, versos, muitos, falando de coisas do coração, nobres sentimentos, dedicando poemas ao pai, à mãe, aos filhos, ao marido... assim podiam escrever, ocultando-se sob esses artificios, não se afastando do ensino das lições repetidas exaustivamente no decorrer de suas vidas. Algo como se depois de cumprir com todas as obrigações, a mulher abrisse uma gaveta e tirasse um caderno lindamente adornado, com uma fita de veludo como marcador. Escrevesse singelos poemas nos quais expressasse

sua alma feminina, gentil e amorosa. Depois, colheria uma flor próxima à janela onde escrevia e a colocaria no meio das páginas, onde ficaria, sem vida, sem viço, como quem a colheu. Mariana não escreveu somente versos, optou por outros caminhos, guiou-se por idéias feministas, questionou a literatura, proferiu palestras sobre temas diversos. Isso tudo nas primeiras décadas do século XX, quando a campanha sufragista ainda não tinha atingido seus propósitos.

Mariana Coelho dedicou-se a diferentes gêneros literários, porém, foi no ensaísmo que ela produziu seus melhores textos, embora não fosse comum à época que as mulheres se dedicassem a expressar suas opiniões através do ensaio. Se em poesias havia o eu-lírico, narrador ou narradora nos textos ficcionais, nos ensaios a voz era a de quem assinava ao final, ou seja, a exposição e os “riscos” assumidos eram maiores. Uma mão feminina produzindo páginas em que expressasse seus pensamentos era uma novidade, partindo-se da premissa de que tinham o “cérebro fraco”. Esses preconceitos infundados ou fundados em pseudociências, ao se repetirem *ad infinitum*, acabaram adquirindo auras de verdade portanto, as mulheres deveriam ficar temerosas de expor de maneira explícita seus pensamentos e opiniões. No entanto, Mariana Coelho se distinguiu por subverter o “esperado”. E escreveu ensaios. E enfrentou as críticas. E continuou escrevendo seus ensaios apesar das críticas ou justamente por causa delas, quem o saberá?

Sílvio Lima discorreu sobre o ensaio a partir de Montaigne²³ e os antecedentes histórico-ideológicos até o ensaio como atitude e destacou três idéias básicas expressas na concepção de um texto do gênero ensaístico : o estímulo à

²³ Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592). Escritor francês, precursor do ensaio como forma literária.

mente; o fato de expressar liberdade pessoal e a busca constante de um pensamento original. O autor cita:

O ensaio, visto que é um esforço pessoal pelo pensar autônomo, original, representa uma tentativa, um *conatus*. Os ensaios de Montaigne foram citados em latim pelos seus contemporâneos com o título geral de *conatus*. Justíssima tradução! *Conatus* é a tentativa de praticar qualquer ação (física ou mental); a palavra deixa transparecer a heróica tensão do indivíduo que opera uma ofensiva contra as coisas. O eu liberta-se, e marcha, pensando, e pensa, marchando.

Notemos: liberta-se não porque o libertem, mas porque a sua libertação está no próprio pensar. É o pensar que o torna livre (liberdade interior) e não a liberdade externa que o faz pensar.

Por outras palavras: só na medida em que pensa, é que o eu se liberta. O ensaio constitui, pois, uma escola de liberdade. [...]. A liberdade é uma conquista pessoal; não é uma dádiva, mas o fruto agridoce do *conatus* do eu que quer ser livre (auto-determinação). Repitamos: que quer ser livre. De aqui se tira o seguinte corolário: se o pensar é que liberta o eu, segue-se que a liberdade é um bem sempre precário, ou frágil; ganha-se pelo pensar, como se perde pelo não-pensar. A liberdade não é um estado, portanto, repouso, mas um ato ou função, portanto, um aspirar, um esforçar-se.²⁴

O fato de Mariana Coelho ter sido um árdua defensora de seus ideais, de ter enfrentado a sociedade de seu tempo, de certa forma justifica que tenha sido através do ensaio sua maior contribuição às letras. Ainda segundo o autor português: “Atente o Leitor nestas notas: vivência, universalidade, exercício, autonomia crítica. Elas representam o nervo não só dos *Ensaio*s de Montaigne, mas de todo ensaio e do ensaísmo em geral.”²⁵ Portanto, ao discorrer sobre literatura, ideais feministas, pacifismo, entre outros temas, ela demonstrava confiar em sua capacidade intelectual e procurou um caminho para veicular suas

²⁴ LIMA, Sílvio. *Ensaio sobre a essência do ensaio*. São Paulo: Saraiva, 1946, p. 57. [Ortografia atualizada].

²⁵ *Ibid.*, p. 63.

idéias que não era o comumente escolhido pelas mulheres da época. Em um auto-exercício crítico com a intenção de refletir de maneira diversa sobre tradicionais concepções, está implícito (ou explícito, na verdade) que a autora discordava dos dogmas da sociedade de seu tempo, e sua reação a isso se dava através das palavras.

Depois de muito empenho conquistou na época o espaço que merecia, mas há uma espécie de auto-regulamentação social que faz com que, no decorrer do tempo, uma escritora como ela deixe de ocupar seu lugar de direito. Para que uma pessoa permaneça em sua obra é necessário que essa obra continue sendo estudada, analisada, questionada. Mas não foi, ou, ao menos, não como deveria ter sido. Mariana Coelho teve que manter durante toda a vida uma postura firme e combatente e continuar destacando seu trabalho seria ampliar seu espaço e capacidade de difundir suas idéias, principalmente as que se referem à emancipação feminina, que ainda se mantêm atuais, pois contemporaneamente há mais “aura” de conquistas femininas do que conquistas efetivamente.

O LEGADO DE MARIANA COELHO

A escritora Mariana Coelho produziu as seguintes obras: *Discurso*, 1902; *O Paraná Mental* (1908); *A evolução do feminismo: subsídios para sua história* (1933); *Um brado de revolta contra a morte violenta* (1935); *Linguagem* (1937), *Cambiantes* (1940) e *Palestras educativas* (obra póstuma, 1956). Dentre essas, foram selecionadas *O Paraná Mental*, *A evolução do feminismo*, *Um brado de revolta contra a morte violenta*, *Cambiantes* e alguns poemas publicados em *Um século de poesias: poetisas do Paraná*. O objetivo foi o de analisar a influência do pensamento feminista na obra de Mariana Coelho e optou-se pela escolha de textos representativos dos diferentes gêneros literários.

PRIMÍCIAS POÉTICAS

Os poemas de autoria de Mariana Coelho constituem-se no mais antigo registro literário da escritora, datando de final do século XIX e início do século XX.

Foram compilados e publicados no livro *Um século de poesia: poetisas do Paraná* em 1959 no entanto, segundo consta na própria edição citada, de início figuraram em periódicos da época em que haviam sido compostos. São apenas sete poemas, os quais integraram as revistas literárias *Revista Azul*, *A Arte* e *Fanal*, as quais foram editadas em Curitiba.

A *Revista Azul* circulou no ano de 1893 nos textos predominavam os temas relacionados ao decadentismo. *A Arte* data de 1895, reproduzia escritos literários de colaboradores e ao lado de outros periódicos da época, como a *Revista Clube Curitibano* (1890-1900) e *Galeria Ilustrada* (1888-1889), estava ligada à expressão simbolista no Paraná. *Fanal* surgiu em 1911, “foi a primeira manifestação dos poetas que despontavam sem o propósito de impor uma nova estética ou contestar a produção anterior”²⁶.

No soneto com versos alexandrinos “Na orla do abismo”, Mariana trata do sofrimento do amor e na última estrofe recomenda “filosofia e estoicismo” para aplacar esse suplício sentimental:

Levanta a tímida fronte,
Sublime mártir de amor!
Contempla n’outro horizonte
Fúlgido astro redentor

Poética imagem da rosa
Que a amar se definha e esvai!
Não sigas a mariposa
Que morre na luz que a atrai!

Arranca est’alma ao abismo,
Onde a pode arremessar
A onda do fatalismo!

Eu venho-te aconselhar
Filosofia e estoicismo,
Para essa dor conjurar
(*Revista Azul*, setembro de 1883)²⁷

²⁶ CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Dicionário histórico-biográfico do estado do Paraná*. Curitiba: Ed. Livraria do Chain/Banco do Estado do Paraná, 1991, p. 151.

²⁷ CENTRO Paranaense Feminino de Cultura. *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, op. cit., p. 147. [Ortografia atualizada].

Publicado em 1893, revela a preocupação a poetisa por uma outra espécie de amor, não aquele dedicado exclusivamente a uma pessoa, mas um sentimento que levasse os seres humanos a tornarem-se capazes de praticar o bem. A esse respeito ponderou Zahidé Muzart sobre a poesia de Mariana Coelho:

[...] expressa sentimentos que tendem mais para o amor universal do que para o amor romântico. Cria uma metáfora, o *mar de amor*, que representaria o amor à Humanidade, o desejo iluminista do progresso humano condicionado à aquisição da cultura, da instrução.²⁸

A figura de linguagem acima referida, *mar de amor*, remete a outro soneto, “Amor e sombra”, escrito em 1895, no qual os sentimentos são novamente evidenciados, mas ao final, a morte estaria à espreita, responsável por finalizar as angústias que acompanhavam a vida:

Este mar de amor que sinto
Em alvoroço, no peito,
Debate-se sobre um leito
De dores num labirinto!

O horizonte triste e escuro
Que lugubrememente obumbra
E envolve em fatal penumbra
Este mar de amor tão puro.

É a acerba desesperança!
– Um vendaval sem bonança –
Que me arrebatou a alegria!

E a Morte – a cruel bacante,
Que aparece a todo o instante
A apontar-me a campa fria!
(*A Arte*, 15 de março de 1895)²⁹

²⁸ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op.cit., p. 12.

²⁹ CENTRO Paranaense Feminino de Cultura, op. cit., 147.

O historiador paranaense David Carneiro³⁰ analisou a produção poética de Mariana Coelho, análise à qual tive acesso através de cópia do manuscrito de dez páginas enviado por Sr. Wilson da Silva Bóia³¹, membro da Academia Paranaense de Letras. Cito parte do conteúdo do documento, datado de 13 de dezembro de 1954:

Não quero, entretanto, falar de D^a Mariana como professora ou como enérgica feminista, mulher emancipada intelectualmente das estreitezas retrógradas dos ambientes coloniais e provincianos.

Venho apenas apontá-la como poetisa, ainda mesmo que sua bagagem não seja volumosa.

Das poesias suas que me chegaram às mãos, algumas publicadas em revistas, outras em jornais, é fácil tirar-se a impressão de uniformidade quanto ao ritmo. Se variava o número de versos e a disposição das rimas, num ponto Mariana Coelho foi perfeitamente ibérica não aceitando, para vazar por eles suas idéias, os decassílabos de origem dantesca ou petrarquiana.

Escrevia sistematicamente em redondilhas, à moda do romanceiro espanhol.

Não é isso só: D^a Mariana ao que parece, poetava sob o influxo de uma grande emoção, e apenas sob seus efeitos.

Por isso mesmo estou por acreditar que as suas poesias representariam, se de fato não representam, situações cruciais de sua biografia.

Elas mostram, com efeito, claramente, situações afetivas profundas e maneira toda sua de interpretar-se em face da vida real que lhe coube em sorte ter concretamente a enfrentar.

Em *orla do abismo*, por exemplo, soneto de sua plena mocidade, sente-se a mulher em luta contra a paixão que provavelmente nem tinha o beneplácito materno, nem a indiferença da sociedade do seu tempo:

[...]

Madrigal é do mesmo tom e parece ter sido provocado pela mesma causa.

Logo, contudo, há a terrível luta entre a consciência de um lado, que a chamava ao dever, e a inclinação natural, que se opunha às conveniências sociais.

³⁰ David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990). Historiador, professor da Universidade Federal do Paraná; autor de livros e artigos de História do Paraná.

³¹ A cópia consta em “Anexos”, nesse trabalho.

Fica isso patente em *Amor e sombra*, soneto em que vislumbra o desejo de aniquilamento após anulação dos impulsos de instinto pelas imposições exteriores.

David Carneiro trabalhou com a suposição de um eu-lírico que sofria por amor, assim como também se debatia entre o amor e a razão. A leitura de Zahidé Muzart está mais próxima dos ideais que a escritora deixou claros em anos subseqüentes, uma vez que não se sofre apenas pelo amor romântico, mas por outras formas de amor. No entanto, o intuito aqui não é o de estabelecer a melhor interpretação para os poemas produzidos por Mariana Coelho, mas justamente confrontar as diferentes óticas sob as quais foram lidos. Interessa-nos destacar que nesses poemas não se vislumbra seu pensamento feminista – oculto em camadas de romantismo extemporâneo – expresso através de prelúdios literários. Os poemas compostos por Mariana Coelho não expressam os ideais feministas como em outras obras serão observados, mas foram destacados para se estabelecer um panorama de sua atuação nas letras e como registro da caminhada literária da autora, por ser este um trabalho de resgate.

TENTAMES NARRATIVOS

*Cambiantes*³² foi o último livro publicado pela escritora, apresenta ilustrações de Guido Viaro, professor e artista plástico paranaense. A própria escritora explicitou que esse havia sido o primeiro livro escrito por ela na

³² COELHO, Mariana. *Cambiantes (contos e fantasias)*. Curitiba: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1940.

juventude, mas que apesar disso, somente então (1940) estava sendo publicado. Na início da obra são apresentadas as apreciações críticas de dois eminentes intelectuais do Paraná: Dario Veloso³³ e Leôncio Correia³⁴.

A carta de Dario Veloso data de 25 de maio de 1934 e nela o escritor destacou que alguns textos não seriam propriamente contos, mas “páginas fortes de pensamento”, ou seja, nessa primeira obra já era possível perceber a propensão da escritora pelo ensaio. Em sua análise literária, Dario Veloso reportou-se à *Evolução do Feminismo*, considerado por ele “estréia de mestre”. Ao ser publicada a obra, Mariana Coelho lamentou o falecimento do escritor simbolista, com quem havia convivido literariamente por décadas.

Leôncio Correia enviou-lhe correspondência a 9 de janeiro de 1939, na qual comentou sobre os textos, enaltecendo o estilo da autora e tecendo vários elogios aos contos. Porém, em boa parte de sua carta, refletiu sobre o que Mariana havia escrito no prólogo “Duas palavras”, em que a autora discorreu sobre as antigas e novas idéias e afirmou que “não há prisões que aferrolhem o pensamento”. Manifestou-se a crença de Mariana na liberdade das idéias e a esperança de que novos conceitos gerariam uma sociedade mais evoluída.

No livro há quinze contos, e em grande parte deles a escritora discorre sobre o amor. O tema chama a atenção, uma vez que Mariana Coelho sempre

³³ Dario Veloso nasceu no Rio de Janeiro em 1869 e se transferiu para Curitiba, PR, onde terminou seus estudos de Humanidades. Ocupou vários cargos públicos e, concomitantemente, foi pedagogo e professor, lecionando, além de História Universal e do Brasil, outras matérias, como Português e Literatura, no Ginásio Curitibano e na Escola Normal. Escritor, publicou várias obras de pedagogia e de história. Poeta, foi um dos precursores e principais representantes do movimento simbolista paranaense, publicando, entre outras obras poéticas, *Efêmera*, *Esquifes*, *Alma penitente*. Fundou, em Curitiba, o Instituto Neopitagórico de expressiva atuação filosófica e cultural. Faleceu na capital paranaense em 1937.

³⁴ Leôncio Correia (1865-1950). Escritor, fundou os jornais *15 de Novembro* e *Diário do Comércio*, atuando como jornalista; colaborou em revistas literárias da época. Deputado estadual de 1892 a 1897, escreveu várias obras de tema republicano.

prezou a valorização da razão, em especial nas mulheres, pelos preconceitos que a tinham por excessivamente sentimental. Porém, leitoras e leitores já haviam sido alertados de que as histórias datavam de anos atrás, primícias literárias da juventude. Mesmo em “verdes anos”, Mariana Coelho já mostrava sua verve feminista, manifesta em alguns textos que compõem o livro.

No conto “Página antiga”, a autora criticou o clero católico que exige celibato dos seus sacerdotes. Em uma passagem narrativa na igreja, surge o comentário mordaz:

Perto de um dos confessionários destinados a aliviar a consciência do sexo frágil – demasiadamente susceptível naqueles tempos em que ainda não corriam mundo as arrojadas teorias de Novicow... destacava-se uma mulher elegantemente envolta em toilette negra [...] ³⁵.

A ironia também já se fazia perceber na incipiente carreira literária de Mariana Coelho e com o tempo se constituiria em recurso de linguagem largamente empregado pela escritora. A autora utilizou uma epígrafe de Novicow³⁶ no capítulo “Emancipação Feminina”, no livro *A evolução do feminismo*, a qual explicita o motivo que a levou a citá-lo em *Cambiantes*: “A emancipação da mulher é um dos fuzis da cadeia imensa que vai da selvageria à civilização”³⁷.

Em outra história intitulada “O selvagem do casebre”, a narradora conta a desventura de uma jovem que havia se apaixonado sem ser correspondida. Mesmo abandonada, permanecia sofrendo e entre lágrimas relata o caso de amor. A

³⁵ COELHO, Mariana. *Cambiantes (contos e fantasias)*, op. cit., p. 27.

³⁶ J. Novicow (1849-1917). Sociólogo russo, defensor do evolucionismo e da fraternidade humana.

³⁷ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 37.

narradora a tudo ouve, no entanto, sua opinião já havia sido exposta no início da narrativa, quando cita um pensamento: “o coração da mulher amante é um santuário de ouro, onde muitas vezes impera um ídolo de barro” e conclui resoluta: “e não serei eu jamais quem o conteste”³⁸.

Mesmo que os contos tenham sido escritos na “idade de ouro das ilusões”, conforme a própria escritora destacou, ela já se mostrava bastante cética em relação aos sentimentos amorosos e reticente no tocante ao comportamento masculino. Em nenhuma das histórias houve um final feliz, mas desventuradas raparigas sofrendo por mancebos que não lhes valiam as lágrimas. No conto “...Um urso”, a autora questiona o medo que os homens demonstravam ter de mulheres mais esclarecidas intelectualmente. Talvez esse texto seja um daqueles que Dario Veloso classificou como “páginas de forte pensamento”:

Parecerá, talvez, inverossímil ou exagerado, o que deixo exposto. Entretanto, a experiência me tem feito concluir que existem realmente tipos excepcionais que se gabam com o mais curioso desplante, da sua falta de coragem para ligar o seu destino ao de uma mulher de espírito culto – evidentemente inimigos da sociedade e flagrantemente refractários ao influxo civilizador.³⁹

Por esse comentário é possível perceber que enquanto as histórias estavam sendo redigidas, o pensamento masculino era o de que a mulher deveria ser aquela responsável pelo lar e não que tivesse estudado e cultivado seu espírito, essa seria de certa forma temida. Segundo ela, os homens que pensavam assim eram os responsáveis, em grande parte, pela dificuldade em se avançar no campo das idéias e construir uma sociedade mais evoluída. Como a maioria das mulheres

³⁸ Idem. *Cambiantes (contos e fantasias)*, op. cit., p. 45.

³⁹ Ibid., p. 59.

crescia aspirando ao casamento, o fato de os pretendentes se afastarem daquelas mais cultas seria um incentivo para a debilidade intelectual feminina.

Em seus contos surpreende-se a feminista, que se mostra através da inserção de comentários como o que aparece em “Nas malhas do destino”, no qual um filho ainda garoto acompanha o sofrimento da mãe nas mãos do padrasto, o qual pertencia “à ínfima classe dos que, tratando-se de casamento, teem por único escopo achar na aquisição da mulher a posse de um animal doméstico, ou antes um animal de carga [...]”⁴⁰. Em “Prazo fatal”, Mariana acentuou que um artigo publicado sobre os riscos da guerra assemelhava-se a “produto de vingativa pena feminina fulminando os responsáveis (pois são todos masculinos...) pelo tremendo desabar de toda a sorte de hecatombes que temos de suportar [...]”⁴¹. Suas idéias feministas aqui parecem mais uma tentativa de denúncia da forma como a mulher era vista. Em outras obras ela não se limitaria a isso, mas aprofundaria seu pensamento, refletindo sobre os caminhos que poderiam levar à emancipação feminina. É possível afirmar que, mesmo nesse início do caminho literário, há uma imbricação entre literatura e feminismo, conforme revelam os trechos anteriormente citados.

No entanto, é no gênero ensaístico que se percebe o valor maior de Mariana Coelho, ao defender ideais muitos dos quais debatidos até os dias de hoje. A seguir, o feminismo será analisado em três obras de Mariana Coelho, nas quais aparece de maneira mais explícita: *O Paraná Mental*, *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história* e *Um brado de revolta contra a morte violenta*.

⁴⁰ Ibid., p. 103.

⁴¹ Ibid., p. 115.

DESIDERATUM

Mariana Coelho é autora de *O Paraná mental*⁴², livro de crítica literária publicado em 1908. Inicia a obra recordando sua chegada ao Brasil em 1892, no Rio de Janeiro, e o encanto que lhe proporcionou a visita ao Corcovado, com a vertiginosa vista da exuberante natureza brasileira. Ao chegar ao Paraná, relata o fascínio da viagem de trem pela Serra do Mar em uma estrada que representou um grande desafio para a engenharia da época. A escritora expressa em linguagem quase poética o percurso em estreito contato com a paisagem:

À medida que a locomotiva avança, aparece e desaparece por entre os quinze túneis que perfuram com extrema graça estes assombrosos morros e rochedos, desenrola-se sucessivamente, à vista do espectador deslumbrado, o quadro mais variado e surpreendente que se pode imaginar – embelezado ainda pela vista deliciosa de estrepitosas e lindas catadupas despenhando-se em cachões alvíssimos e ruidosos, e dos rios que serpeiam cristalinos ao fundo dessas colossais montanhas.⁴³

Mariana Coelho transferiu-se para o Brasil com toda a sua família: mãe, uma irmã e dois irmãos. O que transparece de suas descrições quando aqui chegou, levando-se em conta que havia um filtro temporal de quinze anos, era a de satisfação, admirando a terra adotada para viver. Ela demonstra através dos intensos contatos que mantinha com outros lugares do Brasil e do exterior que não se considerava geograficamente limitada; o fato de ter fixado residência em Curitiba não seria

⁴² COELHO, Mariana. *O Paraná mental*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

⁴³ *Ibid.*, p. 20.

impedimento para que trabalhasse como educadora e escritora e se mantivesse uma feminista atuante. Isso de certa maneira também nos induz a pensar que Mariana não se deixava paralisar aferrando-se a um ou outro obstáculo, em um posicionamento de “alienação voluntária”, ou seja, no fundo muitas mulheres reconheciam sua posição subalterna, mas preferiam iludir-se considerando-se valorizadas, no entanto, na verdade evitavam os embates, que as tirariam de sua serena submissão.

Mesmo se tratando de um livro sobre a literatura produzida no Paraná, a autora reservou espaço para discutir sobre as idéias feministas que a norteavam na “Introdução” do livro. A princípio discorre sobre a necessidade de que a sociedade se pautasse pela democracia, como forma de a mulher ocupar um espaço de maneira igualitária na sociedade e uma democracia plenamente justa deveria levar em conta esse aspecto. Mariana Coelho acreditava que as mulheres precisariam adquirir os mesmo direitos, legalmente falando, que os homens, por isso mostrou-se sufragista convicta. Além dos direitos legais, havia ainda aqueles que eram simulações de direitos adquiridos, que na prática não funcionavam. A igualdade entre os sexos, nesse momento da história equivaleria a dividir cargos públicos, receber salário compatível com a atividade desenvolvida, não ser a única responsável pelas atividades domésticas, enfim, que houvesse um tratamento igualitário entre homens e mulheres. No entanto, esse é um desafio que ainda se impõe, mesmo contemporaneamente:

A mais exata interpretação dos ensinamentos democráticos conduzir-nos-á, cedo ou tarde, mas precisa e vitoriosamente, à perfectibilidade no nosso viver social – porque eles dimanam da verdade e da razão e se espargem geralmente à luz imortal e

sedutora da liberdade –, à mesma maravilhosa luz que tem impelido na mesma fatal corrente heróicos predestinados a demolir bastilhas, e que continua a impelir inevitavelmente as grandes massas populares à compreensão nítida da sua incontestável soberania, de cuja monumental eminência hão de um dia volver, por entre lágrimas, através do caminho que nos abre a História, um olhar marejado por dolorosas recordações sobre os destroços de ingentes lutas que o fraco baldadamente empreendia contra o forte, instigado pela dor das pesadíssimas abjeções a que era condenado nas sociedades primitivas.⁴⁴

O livro foi publicado em 1908 e escrito ainda antes disso. Para a autora, a igualdade era o princípio fundamental da democracia e ao feminismo essa igualdade dizia respeito ao papel da mulher na sociedade. Porém, a democracia não garantia essa posição igualitária e as mulheres não tardaram a perceber que o princípio da igualdade mantinha-se mais em sentido teórico quando se tratava da equidade entre os sexos. Nesse momento da história, Mariana Coelho demonstrou paradoxalmente suas incertezas a par da confiança de que a democracia seria o caminho, e o tempo trataria de consolidar seus princípios básicos.

Terminando as breves divagações deste ligeiro estudo social, onde creio ter provado suficientemente que sou essencialmente democrata, seja-me permitido, entretanto, confessar que penso dever sê-lo somente em teoria, quando a experiência me leva à conclusão amarga de que me é raro dar um passo no amplo caminho do democratismo, que não tenha de *regressar* acompanhada de arrependimento.

... Mas não; nem mesmo em face de tão evidente contradição, deixarei de pertencer, convicta, ao número dos mais fervorosos e entusiastas apóstolos da igualdade bem entendida.⁴⁵

⁴⁴ Ibid., p. 21.

⁴⁵ Ibid., p. 23.

Ao finalizar os questionamentos relativos à democracia, a autora justificou seu objetivo ao escrever uma obra sobre a literatura paranaense. Nessa justificativa explícita que há tempos escrevia sobre o tema e considerou por bem coligar seus escritos em um livro. Como os tempos não eram propícios aos tentames literários produzidos por penas femininas, Mariana fez como muitas outras escritoras do período e tratou de invocar os céus – na figura de Camões – “para, ao arriscar este passo temerário, levantar bem *alto* o meu livro de estréia, com o fim de salvá-lo... do naufrágio da crítica severa e erudita”⁴⁶.

No capítulo “Literatura”, a autora discorre sobre o artista, o escultor que anima o mármore, o pintor que usa as tintas para simbolizar a luz do sol poente e o escritor, que traduz através de sua pena a inspiração que lhe domina a alma. Destacou que em todas as artes existem os gênios e aqueles que estão prestes a dar seus primeiros passos em busca do aprimoramento e que ambos, cada qual em sua especificidade, merecem sua estima: “Admiro, por conseqüência, não só os artistas de nome feito, mas igualmente os que lutam por atingir a realização das suas aspirações respectivas”⁴⁷. No entanto, há uma classe de artistas a qual considera uma impertinente nulidade: os pedantes. A “sarcástica petulância” do olhar de quem se considera superior em intelectualidade, sendo o pedantismo “um achaque intolerável, quer ele se manifeste no sexo masculino, quer atinja o feminino”⁴⁸. Nesse ponto da leitura a afirmação pode surpreender, mas no parágrafo seguinte se esclarece:

⁴⁶ Ibid., p. 24.

⁴⁷ Ibid., p. 29.

⁴⁸ Ibid., p. 30.

No homem, porém, torna-se mais irrisória e indesculpável; e senão, transformemos a pena num afiado bisturi e anatomizemos os seus atos exteriores, sempre por ele estudados.

Se é janota o moço, o meu herói há de ser forçosamente de salão, todo empertigado na casaca e luva, deixando por onde passa um rasto importuno de essências caras e prodigalizando a todos a qualificação de estúpidos.

Quem o enfrentar depara ordinariamente com um bigode que tenta a custo traçar uma espiral, mas que apenas consegue descrever imperfeitamente dois pontos de interrogação.

[...]

Se o pedante é viajado, quer sair da *vulgaridade*; nesse caso, adota com sofreguidão estulta costumes de uma nação que em qualquer sentido acha superior à sua, prefere falar um idioma que não é o seu, valoriza com mais entusiasmo a sociedade estrangeira que a sua própria, e tudo que é da sua pátria lhe parece fóssil, ridículo, antipático, digno de desprezo e indigno dele.⁴⁹

Esse último trecho encontra ecos até os dias de hoje, quando muitos intelectuais se distanciam de questões relevantes de seu local de origem e passam a respirar ares estrangeiros mesmo em terras brasileiras. Os outros parágrafos do excerto acima mostram a escritora sem “paciência” com o sexo oposto, considerando ainda mais ultrajante o pedantismo masculino e mesmo que a proposta do livro fosse estabelecer as principais características das artes e letras paranaenses e fazer conhecer seus representantes, ela mesma assume que poderia transformar sua pena em “afiado bisturi” e dissecar o comportamento masculino. O feminismo era uma preocupação maior em vários escritos de Mariana, sempre haveria espaço para a discussão da diferença no valor dos papéis atribuídos a homens e mulheres e o difícil percurso para se conquistar a emancipação feminina. Às vezes os questionamentos eram feitos com o uso de metáforas, outras, permeados por indignação, outras ainda, com intuito persuasivo, listando argumentos e exemplos para convencer quem a lesse da validade de suas idéias.

⁴⁹ Ibid., p. 30-31.

A obra *O Paraná mental* se inicia com a antiga geração de nomes ilustres. Nela, figuram escritores como Fernando Amaro⁵⁰, Rocha Pombo⁵¹, Leôncio Corrêa, Emiliano Pernetta⁵², Silveira Netto⁵³, Emílio de Menezes⁵⁴, Dario Veloso, Júlia da Costa⁵⁵, Júlio Pernetta⁵⁶, Romário Martins⁵⁷, entre outros. Dentre os escritores que a autora nomeia como “nova geração”, figuram Euclides Bandeira⁵⁸

⁵⁰ Fernando Amaro de Miranda (1831-1857). Um dos mais antigos escritores paranaenses. Exerceu a profissão de guarda-livros. O crítico Silveira Neto destacou-lhe a “melancolia e candidez” e a provável influência de Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias. Deixou as seguintes obras: *Versos* (1901); *Pulsões de minha alma* (versos), inédito; e os seguintes dramas que se extraviaram: *Ialmar*, *Triunfo dos agredidos* e *Alboim*.

⁵¹ José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933). Escritor e historiador. Foi mestre-escola em Morretes, em 1875. Ao se transferir para Curitiba, em 1880, dedicou-se ao jornalismo. Em 1897 ficou residência no Rio de Janeiro, onde atuou no magistério e na imprensa. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Defendeu as idéias abolicionistas e republicanas. Publicou vários livros, dentre eles, *História do Brasil* (10 vols.), *O Paraná no centenário* e *No hospício*, o qual apresenta características precursoras do romance psicológico moderno. Manteve com Mariana Coelho uma relação de recíproca admiração pelo trabalho intelectual desenvolvido.

⁵² Emiliano David Pernetta (1866-1921). Utilizou o pseudônimo Victor Marinho. Escritor, professor paranaense, colaborou em vários periódicos da época, como *Diário Popular* (São Paulo), *Vida Literária*, *Clube Curitibano* e *Revista Azul* (Curitiba), *Parnaso Brasileiro* (Barcelona). Em 1889 diplomou-se em Direito em São Paulo, tendo como colega Afonso Arinos. Colaborou na formação de grupo literário revolucionário, que se reunia na Rua da Glória. Ao regressar ao Paraná, atuou no magistério, ingressando após na carreira militar. Foi considerado o *príncipe do literatos paranaenses* de seu tempo.

⁵³ Manuel Azevedo da Silveira Neto (1872-1942). Escritor, dedicou-se também à litografia e à pintura. Residiu no Rio de Janeiro, onde tornou-se bacharel em Filosofia e Letras em 1920. Colaborou em diversos periódicos. Escreveu, dentre outros: *Pela consciência* (panfleto anticlerical, 1899), *Luar de inverno* (versos, 1900), *Ronda crepuscular* (versos, 1923).

⁵⁴ Emílio de Menezes (1866-1918). Escritor, irreverente, declamava seus versos em festas. Ainda jovem, transferiu-se para o Rio de Janeiro, formando-se em farmácia. Poeta parnasiano, atuou como jornalista, dono de célebre verve humorística. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Colaborou em vários periódicos da época. Contam-se entre suas obras: *Marcha fúnebre* (sonetos, 1892), *Poemas da morte* (1901), *Os deuses de ceroulas* (versos satíricos, 1924).

⁵⁵ Júlia da Costa (1844-1911). Poetisa, será estudada mais detidamente no decorrer desse trabalho.

⁵⁶ Júlio David Pernetta (1869-1921). Usou o pseudônimo Ribeiro Garcia. Escritor, fundou revistas literárias, polemista, anticlerical, defensor de idéias anarquistas; dedicou-se também ao jornalismo. Colaborou em vários periódicos paranaenses. Com considerável atividade literária, escreveu, dentre outras obras: *Amor bucólico* (contos, 1898), *Epístola* (polêmica, 1900), *A Igreja de Roma* (crítica religiosa, 1901), *O clero e a monarquia* (estudo político-social, 1907).

⁵⁷ Alfredo Romário Martins (1874-1948). Historiador e jornalista. Trabalhou como tipógrafo no jornal Dezenove de Dezembro. Entre 1902 e 1928 foi por dez vezes eleito deputado estadual. Deixou obras sobre história e geografia do Paraná, dentre as quais: *História do Paraná* (1899) e *Quantos e quem somos – dados para a História e a Estatística do povoamento do Paraná* (1941).

⁵⁸ Euclides da Motta Bandeira e Silva (1876-1947). Utilizou vários pseudônimos, entre eles, D. Juan Lascivo, Diavolo, Max. Escritor, livre-pensador e republicano. Ingressou na carreira jornalística e trabalhou diretor e redator. Cultivou fino humor em seus textos. Colaborou em várias revistas, como *A Luz*, *Azul*, *Clube Curitibano*, *Fanal*. Escreveu *A mulher e o Romantismo* (opúsculo de propaganda anti-clerical, 1901), *Versos piegas* (1903), *Heréticos* (sonetos, 1904), *Contos humorísticos* (1909).

e Rodrigo Júnior⁵⁹. Desses, em alguns nomes nos deteremos para compreender melhor os objetivos de Mariana Coelho ao compor esse livro.

A única escritora a merecer a atenção da autora foi Júlia da Costa “primeira e única literata paranaense; distinta poetisa e prosadora”⁶⁰. Prossegue em comentário sobre a poetisa: “Vive, atualmente, essa adorável e infeliz poetisa, numa cidade do estado de Santa Catarina, envolta na treva da demência”⁶¹. E se mostra condoída por tal situação: “Por que tortuoso caminho iria esta doce peregrina do ‘sonho’ dar em tal abismo?”⁶² O tom de apoio que se depreende no comentário será reforçado ao se estabelecer a ligação entre o pensamento feminista e o conteúdo dos textos de Júlia da Costa, de um dos quais ela destaca excertos:

São eloqüentes e dolorosamente amargas as seguintes expressões que suscitam lágrimas:

“Deus diz à mulher sonhadora: Não sonhes! Se queres ser feliz cala o entusiasmo que te vai no coração.”

[...]

Santa, – porque és mártir, como te adoro e te sei compreender!⁶³

O tom humano, demasiado humano, projeta-se a partir das palavras eleitas para expressar sua avaliação em relação à poetisa, em uma solidariedade incomum em outros livros que tratam de crítica literária. A escolha dos excertos não foram

⁵⁹ João Batista Carvalho Oliveira (1887-1964). Utilizou preferencialmente o pseudônimo Rodrigo Júnior, mas havia outros bem curiosos com os quais assinava seus textos: Dr. Penetra, O Pequeno Polegar, Dr. Arrocho, General Perna de Pau. Escritor e ensaísta. Em 1930 bacharelou-se em Direito, em Curitiba. Colaborou em diversos periódicos. Publicou, dentre outros, *Antologia Paranaense*, com Alcebiades Plaisant (1938), *Estrela d'alva* (poesias, 1905), *Sonatinas morosas* (versos, 1922), *Um caso fatal* (novela, 1926).

⁶⁰ COELHO, Mariana. *O Paraná mental*, op. cit., p. 39.

⁶¹ Ibid., p. 39.

⁶² Ibid., p. 39.

⁶³ Ibid., p. 40.

aleatórias, mas responderam a uma postura de quem reconhece o talento da primeira poetisa paranaense, porém, também utiliza sua triste biografia de mulher oprimida e lastima o malfadado casamento assim como final que o destino lhe reservou.

Em relação ao escritor Júlio Pernetta a questão se desenvolverá através dos periódicos com réplicas e trélicas e Mariana destacou a controvérsia que os havia feito digladiar no campo das idéias. Em uma espécie de vingança sublimada chamou-o “nevrótico literato”, “torturado”, “insaciável coração”. Aludo a uma “vingança sublimada” uma vez que os críticos literários costumavam utilizar justamente expressões semelhantes quando se referiam às literatas. Ela demonstra que o que se convencionou rotular como características relacionadas às escritoras, podem também estar presentes em escritores.

O nacionalismo exacerbado do escritor deu início à altercação intelectual envolvendo Mariana Coelho e Júlio Pernetta. Ele, brasileiro exaltado, defendia as belezas naturais de seu país, ela, portuguesa exaltada (não necessariamente pela pátria...) sentiu-se atingida pelos comentários, aos quais argumentou que se dependesse da vontade do escritor, o Brasil estaria até aquele momento “envolto nas trevas do selvagismo”. A autora era partidária da evolução, do progresso, pois acreditava que isso impulsionaria a emancipação da mulher e a colocaria definitivamente em um patamar de maior valorização, devendo, também ela, ser responsável pela construção de uma sociedade igualitária. O escritor, por sua vez, aferrava-se ao patriotismo em detrimento da civilização. Em trecho de carta enviada ao contendor, ela assim se expressou:

O ponto principal da sua carta é bastante cruel para a bela Lusitânia antiga, para reforço do qual V. Ex^a cita autores que vêm em seu auxílio, da mesma forma que eu também os poderia citar para reforçar a opinião por mim expendida. Não lanço, porém, mão de tão maçante sistema, porque creio que o meu prezado contendor pensa como eu; isto é, não subordino o meu “modo de ver” ao de pessoa alguma por mais autorizada que pareça.⁶⁴

Mariana pôs fim ao embate declarando:

Não é só o sentimento de amor pátrio que me comove, é igualmente o do amor ao progresso; pois sou de tal forma evolucionista, que desejava ter uma clarividência tão ilimitada que me permitisse abranger de um só golpe, desde o início dos tempos pré-históricos até a consumação dos séculos, o maravilhoso e surpreendente efeito do constante e afanoso destruir e reconstruir da evolução.⁶⁵

A autora não passava ao largo das principais discussões da época e expunha de maneira corajosa sua opinião há quase cem anos atrás, quando a maioria das mulheres se limitava ao contato familiar.

Ao finalizar a parte relacionada à literatura paranaense, Mariana enaltece nos escritores que compõem seu livro as várias crenças e ideais aos quais estavam ligados. Os textos literários refletiam essa diversidade de posturas, pautando-se no socialismo, anticlericalismo, espiritismo, doutrinas as quais disputavam espaço por essa época.

A segunda parte do livro é dedicada ao Teatro, salientando a atuação de comediógrafos e dramaturgos. A terceira parte diz respeito às Belas Artes, subdividida em musicistas e pintores. A quarta parte apresenta a Escola de Belas

⁶⁴ Ibid., p. 45.

⁶⁵ Ibid., p. 48-49.

Artes e Indústrias do Paraná. Em nenhuma dessas outras seções do livro a autora se aprofundou como quando refletiu sobre a literatura. Desincumbiu-se da tarefa de discorrer das outras manifestações artísticas sem examiná-las mais detidamente. O que chama a atenção é a inserção entre a terceira e a quarta partes de um texto totalmente fundamentado no feminismo.

Um aspecto relevante a ser observado é o de que esse texto foi inserido em um livro sobre literatura, ou seja, para Mariana Coelho sempre seria uma oportunidade para ampliar o debate feminista. A obra em questão não era dirigida às mulheres, mas ao público leitor em geral, por isso se observa o tom de seu discurso prevendo interlocutores de ambos os sexos. Isso é compreensível, uma vez que as efetivas mudanças no *status* feminino só se efetivariam com a participação de homens e mulheres.

O trecho, que se estende das páginas noventa e três a noventa e sete, foi uma inserção singular, uma vez que não era essa a temática do livro. Mas se considerarmos que a autora era convicta feminista e se atribuía o compromisso de despertar em outros a necessidade de rever a condição social feminina, torna-se compreensível seu objetivo, ou seja, veicular através de suas obras as idéias nas quais acreditava.

Ela inicia demonstrando intenso entusiasmo, próprio das pessoas que acreditam na legitimidade de suas acepções:

A despeito das muitas e várias opiniões retrógradas, em todos os grandes centros do mundo civilizado, a par dos graves problemas sociais que têm convulsionado a nossa época, há muito que se ventila franca e entusiasticamente a questão da emancipação da mulher, a que o grande movimento feminista, que abrange o novo e

o velho mundos, tem dado impulso e determinada importância, alimentando com denodo e convicção este *desideratum*.⁶⁶

Esse *desideratum* a mobilizou por toda a vida, uma vez que já em 1908 – ano da primeira edição desse livro – defendia com energia a emancipação feminina. No entanto, é preciso circunscrever e contextualizar alguns aspectos. Foram cinco páginas, de um total de cento e dez, para divulgar seus ideais, portanto, esse discurso ainda aparecia permeado por preconceitos, que denotavam um certo receio pela forma como suas idéias seriam acolhidas.

Era uma época ainda bem difícil para as mulheres de mente mais arrojada.

Um exemplo seria quando ela expôs como se sentia quando saía só pelas ruas:

Se uma mulher se destaca do vulgar, dando à sua inteligência um cultivo mais elevado; se tem o arrojo de iniciar-se nos irresistíveis segredos da Arte, manifestando em qualquer assunto desta – principalmente a literatura – a sua organização artística, quando aparece em público é ainda, para a segunda classe a que me refiro, motivo de sorrisos alvarmente *inteligentes*, de frases saturadas de ridículo, aparecendo muitas vezes que, quando ela atravessa uma rua, atrai a curiosidade de quem vai ver o *urso*!⁶⁷

Não era uma franca atitude de rebeldia sair desacompanhada pelas ruas de Curitiba; causava-lhe indignação ser vista como um *urso*, ou seja, como uma criatura excêntrica e fora de contexto. A “segunda classe” à qual ela se refere diz respeito aos ignorantes, incapazes de compreender o que deveria ser a completa educação da mulher. Se mesmo assim desafiava os olhares curiosos, era porque confiava no desenvolvimento da sociedade e acreditava que sua contribuição nesse sentido seria preciosa para acelerar esse processo. Expunha-se, dessa forma,

⁶⁶ Ibid., p. 93.

⁶⁷ Ibid., p. 93.

já que a maioria das mulheres não tinha coragem para o fazer e atraía para si o escárnio daqueles de “sorrisos alvarmente *inteligentes*”, em um sarcástico trocadilho.

Para pessoas que, como ela, não se conformavam com as atribuições da mulher na sociedade, o feminismo era a chance maior de alterar essa situação, pois apenas com a reflexão séria e sistematizada sobre a condição feminina as mulheres seriam capazes de conquistar autonomia, um dos primeiros objetivos da época e que infelizmente até hoje muitas não atingiram.

Como foi anteriormente abordado, ser escritora por esses tempos ainda era motivo para ter que enfrentar vários conflitos e ao acrescentar-se a isso o fato de ser feminista, os embates se multiplicavam. Mariana Coelho conheceu Júlia Lopes de Almeida⁶⁸ – conforme informações de um jornal de época⁶⁹ que anunciou a visita da escritora ao Paraná e o passeio que juntas fizeram – porém, a autora de *A falência* assumia uma postura não tão explicitamente feminista, e de certa forma se poupava das críticas mais acerbas, o que não a livrou, todavia, de ser indexada e fazer parte do que poderia ser chamado de *gueto literário de saias*.

Ao aproximar literatura e feminismo, Mariana tornou-se duplamente hostilizada e somente mostrando uma postura séria em sua vida de intensa dedicação ao trabalho, conseguiu receber a consideração de parte da sociedade que um dia a viu de maneira preconceituosa. Ela teve que “provar” a integridade e seriedade de suas propostas feministas durante anos, para que fosse reconhecida a

⁶⁸ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Escritora, colaborou em periódicos e dentre suas obras podemos destacar: *A família Medeiros*, *A viúva Simões*, *O livro das noivas*, *Correio da roça*, *Pássaro tonto*.

⁶⁹ Referência do Sr. Wilson Bóia, da Academia Paranaense de Letras: “1918 (29 jul.). Passeia com Júlia Lopes de Almeida, de automóvel, até Antonina, onde almoçaram.”

relevância de sua contribuição intelectual, e mesmo assim, passado um tempo de seu falecimento, uma pesquisa de resgate teve que ser empreendida para que ela pudesse novamente voltar à cena literária. Estabeleceu-se o sacrifício e dedicação de uma vida para ter condições de ser respeitada enquanto mulher, educadora, escritora e feminista.

Nesse início do século XX, portanto, quando *O Paraná mental* foi publicado, as idéias feministas eram mescladas por antigos conceitos, partilhados mesmo por Mariana Coelho, que assim se pronunciou em relação à emancipação da mulher, que em seu entender, não equivaleria a usurparem “uma posição *sempre* igual a do homem”:

Não, não é desta forma, absolutamente inaceitável, que a minha compreensão e o meu senso concebem a emancipação da mulher; ela deve ser relativa, e tão justamente compreendida que não isole o vulto feminino de toda essa atraente e doce poesia que o cerca no lar – pois só aí encontrará o império que mais lhe compete e que melhor corresponde, em todo o sentido, à sua amorável e melindrosa natureza.⁷⁰

A autora afinava-se com as concepções feministas, mas ainda se mantinha presa a antigos conceitos, inclusive o da “natureza” feminina, “amorável” e “melindrosa”. Destaque-se, por acréscimo, a valorização do lar como espaço por excelência da mulher, no cumprimento de seu papel de esposa e mãe. Porém, a própria escritora subverteu essa ordem, pois não se casou nem teve filhos.

⁷⁰ COELHO, Mariana. *O Paraná mental*, op. cit., p. 94.

POR QUE SOMOS FEMINISTA?

Mariana Coelho sempre se destacou por adotar posicionamento favorável à emancipação feminina. No entanto, seu inconformismo em relação ao papel secundário da mulher na sociedade não se limitava apenas a uma conduta pessoal, mas vinculava-se inclusive com sua postura de escritora. Dentre os muitos artigos escritos e palestras proferidas, a obra de maior relevo dedicada aos ideais feministas foi o livro *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, cuja primeira edição data de 1933. A segunda edição foi publicada graças ao empenho da Prof^ª Dr^ª Zahidé L. Muzart, quem – através de pesquisas sobre escritoras do século XIX – descobriu referência sobre a primeira edição dessa obra e empreendeu tempo e dedicação para que o livro se tornasse novamente acessível à leitura e à pesquisa. Constitui-se em obra pioneira não apenas no Brasil, mas também no exterior, se levarmos em conta que uma publicação de referência para o feminismo como *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, foi lançada somente em 1949. Portanto, Mariana novamente surpreende, pois mesmo morando em Curitiba, distante do centro da efervescência cultural brasileira, não se deixou intimidar pelas limitações que isso pudesse representar. Manteve estreitos contatos com pessoas que partilhavam propósitos semelhantes, em outros estados e países, através de correspondências e viagens que empreendia. Ao contactar com a sobrinha-neta da escritora, Sr^ª Irene Lupion de Moura Brito⁷¹, ela narrou uma história que bem ilustra o modo independente como Mariana encaminhava sua vida. Estavam os parentes reunidos em passeio pela Ilha do Mel, no Paraná,

⁷¹ Entrevista realizada em 24 de junho de 2003, em sua residência em Curitiba.

quando um navio vindo da Europa apresentou problemas e se aproximou da ilha para que os passageiros desembarcassem. Qual não foi a surpresa de todos ao avistarem a tia Mariana descendo pela escada da embarcação. Ela estava de volta quando todos sequer sabiam que havia viajado. Logo, o distanciamento geográfico dos centros de cultura não a impedia de acompanhar as novas idéias que irradiavam por esse tempo.

A escritora elege dois pareceres sobre sua obra elaborados por Rocha Pombo e Dario Veloso. Rocha Pombo foi um dos primeiros a elogiar a presença intelectual de Mariana no Brasil e a escritora demonstra valorizar sua opinião ao publicar a apreciação crítica feita por ele, da qual destaco o seguinte trecho:

Acabo de ler os originais do livro que vai publicar sob o título de *Evolução do Feminismo*. Não me limitei a tomar-lhe as proporções: li integralmente todos os capítulos; e não posso reprimir a minha satisfação ao reconhecer o valor desta obra, em que V. Ex.^a revela ainda uma vez as suas qualidades de escritora, a sua vasta erudição histórica, e a segurança com que versou o seu assunto. Julgo que é este um trabalho que tem de ficar em nossa história literária.⁷²

Rocha Pombo demonstra em seu parecer ser simpatizante ao movimento feminista que estava se gestando no Paraná com a liderança de Mariana Coelho, ou seja, assim como havia críticas em relação ao feminismo, havia igualmente aqueles que consideravam legítimas as aspirações femininas para uma ampliação do espaço na sociedade. O comentário de Dario Veloso relaciona o movimento feminista com outros ideais defendidos pelo escritor e livre-pensador:

É o criterioso e valioso labor de sua existência, consagrada honestamente ao trabalho e ao estudo.

⁷² COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 25.

Publicado, prestaria admirável serviço à causa liberal, pelos conceitos emitidos, pelo conjunto de assuntos tratados com largueza, elevação e sinceridade.

Não conheço, no gênero, obra tão completa, de tão rica documentação.

Quem a imprimisse e vulgarizasse, renderia, além de um preito a seu talento e esforço, nobre auxílio à causa magnânima da emancipação do espírito humano.

O mérito de quem a pudesse publicar se realçaria à luz da própria obra.

[...]

Seu livro, como as obras dos escritores gregos, tem a mais o mérito de haver sido longamente pensado. Fruto de anos de pacientes pesquisas, exigiu ainda numerosas cartas de informações, toda uma correspondência intensa que a relacionou com o alto mundo feminista, e despertou em dezenas de pessoas o desejo de conhecer o seu trabalho.⁷³

Dario Veloso evidencia o fato de que Mariana mantinha intenso contato através de cartas, telegramas e viagens com pessoas que tinham ideais em comum. Portanto, não é o caso aqui de uma pessoa que agisse intuitivamente pela emancipação feminina, mas de uma estudiosa do feminismo, que levava adiante seus projetos de ampliação do espaço de atuação para a mulher, estendendo sua postura militante para os ofícios que exercia, enquanto profissional ligada à educação e escritora. Rocha Pombo e Dario Veloso interessavam sobremaneira à Mariana porque representavam uma elite intelectual masculina e nesse aspecto é possível pensar que isso esteja diretamente relacionado com o fato de conseguir respaldo para sua luta em favor do feminismo. Não seria inteligente de sua parte isolar-se e tornar-se mártir de uma causa perdida portanto, melhor estar próxima a pessoas que garantissem apoio a seus escritos, pois assim poderiam ser lidos, e sendo lidos sempre haveria aqueles que refletiriam sobre antigos conceitos e quem sabe julgassem como oportuno o momento de modificações em seu modo de

⁷³ Ibid., p. 27.

pensar. A obra não era portanto, “para” mulheres, mas dirigida aos leitores em geral, com a intenção de que seu conteúdo fosse discutido e não se restringisse ao modo de pensar de uma pessoa, mas que representasse um anseio legítimo, que tivesse que ser encarado de maneira séria. O conteúdo da obra nos mostra o quanto a postura de Mariana Coelho estava bem à frente das discussões empreendidas à época. Seu contato com outras feministas e novas idéias não se limitavam a torná-la uma pessoa informada, mas a partir do conhecimento do que ocorria em relação ao movimento feminista ela ia além, empreendendo caminhada própria, contribuindo diretamente para escrever a história do título do livro.

A obra é extensa e por certo demandou muito tempo de dedicação para que fosse concluída, uma vez que a autora se dispôs a realizar um histórico sobre a participação feminina na sociedade através do tempo e em países diversos. Impressiona o quanto ela demonstra ter conhecimento das principais questões feministas em diferentes pontos geográficos.

Na “Introdução” do livro, Mariana aproveita o espaço para responder a uma pergunta que vem sendo insistentemente feita a ela: “ Por que somos feminista? – Eis uma pergunta ingênua de que várias vezes temos sido alvo, por parte do sexo masculino.”⁷⁴ Mariana mostrava-se preocupada com o tom de deboche com que as idéias feministas eram recebidas, uma vez que se fossem tidas como motivo para chacotas, o caminho para a ampliação do debate estaria comprometido, e as feministas permaneceriam com a imagem estereotipada, de mulheres feias e mal amadas que se recusavam a compreender o valor de serem as responsáveis pelo lar e pela perpetuação da espécie.

⁷⁴ Ibid., p. 29.

A autora destaca o que significou para a mulher a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que obrigou muitas nações a se reestruturarem e de uma forma coercitiva admitirem uma maior ampliação da participação feminina na sociedade, uma vez que os homens estavam às voltas com o conflito. Dessa forma, a ela foi garantido o direito ao trabalho fora do lar, ainda que isso causasse novos impasses no decorrer do tempo, como a questão da menor remuneração ao trabalho feminino e a dupla jornada de trabalho. Mariana lamenta a posição subalterna da mulher:

A fatalidade da lei sociológica que fez a divisão do trabalho, estabeleceu a diferença de deveres entre os dois sexos, dando à mulher os serviços caseiros e, naturalmente, os encargos da maternidade, colocando na arbitrária mão do homem o cetro do domínio – e sentenciando à sua companheira uma existência de submissão – que os legisladores de todos os tempos exageraram a ponto de a reduzirem ao deprimente papel de verdadeira e indefesa escrava.⁷⁵

A subordinação da mulher é histórica, como histórica é a predominância masculina no centro das decisões, com raras exceções a uma e outra assertiva. A indignação de Mariana ao discorrer sobre o modo como muitas mulheres eram tratadas ainda nas primeiras décadas do século XX demonstra claramente o inconformismo perante essa situação, principalmente porque homens – compreensivelmente – mas mesmo mulheres não viam, ou recusavam-se a ver, a total falta de equidade nas relações entre os sexos. Esse era o ônus de quem se dispunha a manter-se em posição de vanguarda:

⁷⁵ Ibid., p. 37.

Quando pensamos na apologia com que os antifeministas sistemáticos tanto se empenham relativamente à irracional submissão da sua companheira, lembramo-nos sempre com profunda angústia destes casos que nos surgem, na sua pura hediondez, à luz da história, e nos perguntamos: porque é considerada a liberdade dos escravos de cor, um bem moral e social, e por que é que os retrógrados não admitem a evolução que traz a libertação do sexo feminino?⁷⁶

Essa ponderação foi escrita após o exemplo dado da manutenção, até meados do século XIX na Inglaterra, de se colocar a mulher à venda caso o marido desconfiasse de sua fidelidade. Com o propósito de consolidar os argumentos utilizados, Mariana recorre a dois antropólogos de renome à época: Letourneau⁷⁷ e Lombroso⁷⁸, enfatizando que ambos não admitiam nenhum princípio que justificasse a suposta inferioridade feminina, além de focar a opinião do cientista Lamarck⁷⁹, concretizada na afirmação de que “a função cria o órgão”, à qual Mariana compreende ser o motivo pelo qual as mulheres assumiram-se enquanto seres subalternos, decorrência da educação que as tolheu e tornou-as infantilizadas:

Conclui-se da convicção de Lamarck que, desde que a verdadeira educação não impulsionava o cérebro feminino, não podia ser criado o órgão funcional da hereditariedade intelectual da mulher – dando o fato, como resultante, a sua inferioridade secular na ciência e na arte.⁸⁰

⁷⁶ Ibid., p. 38.

⁷⁷ Charles Letourneau (1831-1902), autor do tratado antropológico *La condition de la femme dans les diverses races et civilisations*.

⁷⁸ Cesare Lombroso (1835-1909), psiquiatra e antropólogo italiano.

⁷⁹ Jean-Baptiste de Monet de Lamarck (1744-1829), cientista francês defensor de uma teoria da evolução anterior à de Charles Darwin.

⁸⁰ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 39.

Mariana acreditava que a mulher foi socialmente colocada em posição inferior e que anos de submissão teriam alterado sua natureza, uma vez que primitivamente ela estava mais próxima física e espiritualmente do homem. Ou seja, a denominação “sexo frágil” tinha raízes históricas, tendo se constituído ao longo do tempo.

Na obra em questão, Mariana aproximou-se do público leitor e expôs seus pensamentos e convicções pessoais, como quando critica a posição da igreja católica em relação ao feminismo e afirma: “Além disto, em religião como em todos os assuntos que nos prendem à vida, somos intransigente partidária do ecletismo.”⁸¹ A autora deixa clara essa sua posição ao discorrer sobre a maneira como a mulher é vista nas diferentes religiões apontando a valorização (ou não) da figura feminina, embora tenha demonstrado maior simpatia pela igreja protestante, que, segundo ela, em comparação com a igreja católica, mostra-se mais progressista.

Um fato importante e que marcou o livro de Mariana, conforme anteriormente referido, foi a Primeira Guerra Mundial. Sempre que ela aludia ao conflito, mostrava a preocupação em esclarecer que se tratava de uma terrível experiência, que as nações jamais deveriam ter chegado a esse ponto. Depois de reiterar seu posicionamento pacifista, expunha os motivos pelos quais a guerra, de certa forma, havia impulsionado a emancipação feminina. Como os homens estavam mais diretamente envolvidos no conflito, restava delegar às mulheres tarefas até então cerceadas à sua atuação. Assim sendo, elas passaram a ocupar diferentes esferas, no trabalho fora do lar ou mesmo na administração dos bens da

⁸¹ Ibid., p. 60.

família. Isso fez com que fossem valorizadas e também ofereceu a oportunidade de mostrarem que seriam capazes de exercer outras funções além daquelas ligadas aos afazeres domésticos. Mariana preocupou-se em frisar o patriotismo feminino e tomou por exemplo Rosa Luxemburgo⁸², socialista com coragem suficiente para questionar o autoritarismo militar alemão e lamentou a forma como pagou com sua vida a dedicação a uma causa. Novamente a autora explicita suas convicções pessoais:

Conquanto nos seja simpática a causa do socialismo moderado, racional, não perfilhamos, absolutamente, o terrorismo, pela repugnância que nos inspira – pois que não pode achar guarida num bem formado espírito feminino. Conseqüentemente Rosa Luxemburgo nos parece uma das exceções estupendas que por vezes surgem no cenário das grandes revoluções sociais. Mas também não abdicamos o direito que nos assiste, e cuja elevada significação cala em nossa alma, de admirar todo o adepto de uma causa pela qual ele sacrifica o que tem de mais precioso – a própria existência.⁸³

Mariana nos dá conta de que acompanhou os acontecimentos, a atuação de Rosa Luxemburgo até sua morte e o funeral, através de “telegramas de Berlim”. Esse é mais um exemplo que comprova o fato de que ela não se limitava geograficamente ao lugar em que vivia, mas mantinha contatos valiosos e mostrava-se sempre informada.

Ao tratar dos direitos políticos das mulheres, Mariana apresentou um minucioso estudo apresentando a situação de vários países: se concediam ou não o direito de voto, em que ano isso se deu, quais conquistas advieram depois disso,

⁸² Rosa Luxemburgo (1871-1919). Polonesa, de origem judaica, ligada ao Partido Comunista Alemão. Foi assassinada pelos contra-revolucionários alemães.

⁸³ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 89-90.

com destaque às mulheres que integravam os parlamentos. Um argumento relevante que a autora oferece para as mulheres com o objetivo de que se dêem conta do valor do voto, diz respeito aos projetos de leis que, com a atuação feminina direta – através do voto ou como política – teriam maiores chances de serem aprovados e postos em prática. Seu espírito dinâmico e vanguardista empreendia esforços para que as atenções fossem direcionadas a questões como o amparo à velhice, a proibição da prostituição, investigação de paternidade e reconhecimento dos filhos ilegítimos e direito ao divórcio. Mariana Coelho estava bem à frente de seu tempo ao defender essas idéias, as quais exigiriam muito empenho para que se tornassem uma realidade. O Estatuto do Idoso foi sancionado no ano de 2003; a prostituição mantém-se como um problema a ser resolvido; a partir da década de 1980 o exame de DNA facilitou o estabelecimento de vínculo genético, porém, ainda hoje as mães com menor poder aquisitivo aguardam meses para terem acesso a essa comprovação científica; quanto ao divórcio, foi uma conquista em 1977. Esses dados contribuem para estabelecer a importância de pessoas como Mariana Coelho, que com seu arrojo impulsionaram debates de idéias de suma importância, as quais ainda levariam décadas para serem encaminhadas de maneira efetiva e outras que permanecem até hoje aguardando solução.

Outras questões faziam parte do seu universo de preocupações, como leis no Código Penal que punissem maridos agressores, como também que não lhe fosse “facultado” assassinar a esposa adúltera, já que não tinha direito de propriedade sobre ela. O problema da escravatura branca foi igualmente abordado por Mariana, que ressaltou o fato de a América do Sul ser representada por uma

mulher, a uruguaia Dra. Paulina Luisi, durante a reunião da Sociedade das Nações, em Genebra, no ano de 1924. Novamente enfatiza o cancro social que se constitui a prostituição feminina, geradora, em seu entender, do assunto em questão. A intensa correspondência da autora demonstra mais uma vez como ela se mantinha informada, pois refere-se a uma missiva recebida de Dra. Paulina, na qual menciona a luta pelo sufrágio:

Devemos a uma sua gentil carta particular, escrita a bordo, quando em viagem para a Suíça, como delegada de seu país à Sociedade das Nações, a notícia de que, não obstante todas as lisonjeiras promessas e tentativas a que já aludimos, a mulher uruguaia ainda não vota! – Apesar de ser considerado o Uruguai o país da América do Sul onde mais tem progredido o feminismo! É latino – e tanto basta...⁸⁴

Além de demonstrar seu intercâmbio com outras feministas, esse trecho expõe características da autora, como o uso intensivo de pontos de exclamação, reveladores de seu envolvimento no debate, a ponto de expor um preconceito explícito em relação a um país latino, sendo ela de origem européia. Mariana demonstrava confiar muito na atuação das feministas e após elogiar a condição da mulher americana, solicitou:

Terminamos este estudo relativo à América do Norte fazendo-nos eco de uma objeção que achamos justa.
Lamenta-se, em geral, o seguinte estranho fato: que tendo já as feministas norte-americanas tanto prestígio perante a sua nação, se não tenham ainda empenhado pela extinção da pena de morte – empreendendo a respectiva e simpática campanha. Pelo menos nada transpira, até hoje, a este respeito.
Esta objeção estende-se a todas as feministas influentes, cujos países ainda conservem tão retrógrada e bárbara lei.⁸⁵

⁸⁴ Ibid., p. 145.

⁸⁵ Ibid., p. 135.

Portanto, ela julgava que o papel das feministas não se restringiria a cuidar de seus próprios interesses, mas incluía atuar na sociedade de modo efetivo, combatente, e não como meras espectadoras. A intenção de seus ideais era elevada e incansável, uma vez que a conquista de um direito não foi considerada por ela como ponto final, havia questões pertinentes que reclamavam uma participação imediata, em especial das “feministas influentes”. O feminismo teria que ser um movimento politicamente engajado, atuante nas diversas áreas em que se fizesse necessário.

Ao estabelecer a história do feminismo no Brasil, citou as figuras representativas desde seu início, como Nísia Floresta⁸⁶, Ignez Sabino⁸⁷ e Josefina Álvares de Azevedo⁸⁸ que, assim como ela mesma, somente após intenso trabalho de resgate feito nos últimos anos puderam vir novamente à luz e ressurgirem no cenário das letras. Apontou-as como exemplos de mulheres atuantes e, demonstrando-se agastada com a discussão sobre o papel feminino, abandonando o português castiço que apreciava demonstrar em seus escritos, declarou:

Não têm cansado de insistir os nossos antagonistas na repisada lenga-lenga de um requintado sabor de realejo, de que a missão da mulher é simplesmente ser boa esposa, boa mãe, a *rainha* do lar... assim como quem receia a sua concorrência na vida pública e por isso a intima a limitar-se aos comezinhos serviços domésticos.⁸⁹

⁸⁶ V. Constância Lima Duarte, *Nísia Floresta. Vida e Obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

⁸⁷ Inês Sabino (1853-1911). Escritora, autora do livro *Mulheres Ilustres do Brasil*. Há um estudo sobre ela feito por Zahidé L. Muzart em *Escritoras Brasileiras do Século XIX*.

⁸⁸ Josefina Álvares de Azevedo (1851-?). Dramaturga, jornalista e feminista. V. Valéria Andrade Souto-Maior. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX e O florete e a máscara*.

⁸⁹ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 149.

A seguir, apresentou vários exemplos que comprovaram que a mulher era capaz de assumir outras responsabilidades. Como a própria Josefina, sobre quem Mariana frisou ser a fundadora da revista *A Família*;⁹⁰ a líder feminista Bertha Lutz;⁹¹ Revocata⁹² e Julieta de Melo,⁹³ “distintas literatas rio-grandenses”, e sua revista literária *Corimbo*.⁹⁴ O feminismo era assunto que absorvia o tempo de Mariana, que a ele se dedicava de forma beligerante, incansável, e mantinha-se atualizada em relação às conquistas femininas em todo o Brasil, assim como em outros países. Entendia o feminismo como uma postura diante da vida:

Aqui na capital do Paraná ainda que muito morosamente, o progresso feminino vai-se desenvolvendo naturalmente – sem o mínimo atrito entre os sexos; é, porém, por enquanto, um feminismo inconsciente. As moças procuram avidamente os empregos, por necessidade, não por convicção.⁹⁵

A autora confiava que as mulheres deveriam ter noção do valor de sua participação social e não buscarem de maneira desordenada uma ocupação quando se vissem sem alternativa. Por isso seu empenho para a educação feminina, e conseqüentemente a formação profissional, que lhes garantiria uma vida digna, sem depender das figuras masculinas representadas pelo pai e pelo marido. O tom de desalento que se depreende do texto é no sentido dessa falta de posicionamento feminista que Mariana julgava imprescindível em cada mulher, mas que parecia

⁹⁰ *A Família*, jornal fundado em 1888 por Josefina Álvares de Azevedo. Defendia ideais feministas, em especial a educação da mulher.

⁹¹ Bertha Lutz (1894-1976). Líder feminista e bióloga.

⁹² Revocata Heloísa de Melo (1862-1944). Escritora, editora e abolicionista. Rita T. Schmidt realizou estudo sobre ela em *Escritoras Brasileiras do Século XIX*.

⁹³ Julieta de Melo Monteiro (1863-1928). Escritora, fundou com a irmã Revocata a revista *Corimbo*.

⁹⁴ *Corimbo*, revista literária fundada em 1885 pelas irmãs Revocata e Julieta de Melo.

⁹⁵ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 182.

custar tanto a ser entendida e colocada em prática. Provavelmente sua atitude identificava-se com o título do periódico feminista português *A Semeadora*⁹⁶, o qual é citado por ela com a descrição do símbolo utilizado no frontispício, representando a imagem de uma mulher com as algemas partidas e acompanhada dos dizeres: Perseverança, Verdade, Justiça. À medida em que se avança a leitura por esse livro, são apresentadas novas propostas a serem encampadas pelo feminismo, as quais surpreendem pelo teor, uma vez que faziam parte de um contexto circunscrito às décadas iniciais do século XX. A autora defende dois projetos que considera de grande relevância e que serão oportunamente debatidos em um congresso feminista em Lisboa: um sobre “Educação Sexual”, proposta da médica Paulina Luisi e outro que tem por título “Proteção à mulher grávida e à criança”, da portuguesa Dra. Adelaide Cabette. A violência contra a mulher é tema dominante nas reflexões de Mariana, que sempre retoma o assunto acrescentando-lhe novos exemplos, outras perspectivas, constante na defesa de suas idéias, propugnando pelos direitos femininos. A complacência dos jurados em crimes praticados contra a mulher era flagrante do descaso com que ela era vista pela sociedade da época. Após narrar um caso ocorrido no Rio de Janeiro, voltou-se para o estado no qual fixara residência:

Aqui no Paraná têm-se dado casos semelhantes ao do Rio... Isto é, o júri inocenta o marido infiel, o adúltero, que menospreza e abandona a esposa, qualquer que seja o seu crime; concede-lhe, porém, o direito de matar à menor deslealdade que ela pratique, ainda que a ela lhe assistam o direito e a razão. A imprensa registra com freqüência a morte de esposa, noiva ou amante, perpetrada pelo homem – que é sempre absolvido com o pretexto de tal *dirimente*. Sabe-se perfeitamente que os uxoricidas se apegam

⁹⁶ *A Semeadora*, periódico feminista português publicado entre 1915 a 1918, cujas responsáveis foram: Ana de Castro Osório, Albertina Benício e Antônia Bermudes.

sempre ao costumado motivo da *infidelidade* – quando se querem desfazer da infeliz que lhe caiu nas mãos...

Os uxoricidas são freqüentes; não há muito tempo que aqui no Paraná, um marido assassinou a esposa – mãe de oito inocentes filhinhos, com uma bala no crânio. Este será absolvido com a dirimente da embriaguez... outro, em Campinas, mais ou menos na mesma data, assassinou a mulher *somente* com duas facadas em pleno coração. Têm sido tão alarmantes e repetidos, neste ano de 1928, estes crimes, e tão bárbaros e horripilantes os pormenores que os revestem, que à nossa pena falta a coragem de descrevê-los!⁹⁷

Os grifos do excerto anterior são da própria autora e integram os recursos dos quais ela se utiliza constantemente – como as reticências e pontos de exclamação – com o intuito de tirar da letargia leitoras e leitores. As atenuantes às quais se refere Mariana são conhecidas até a contemporaneidade, como se pode exemplificar através do crime que chocou o Brasil na década de 1970 e continuou repercutindo anos após: o assassinato de Ângela Diniz cometido por Raul Fernandes do Amaral Street, conhecido como Doca Street. Esse ato de violência mobilizou a opinião pública e o *slogan* “Quem ama não mata” passou a figurar nos noticiários. Essa mesma indignação já experimentara Mariana Coelho, no entanto, décadas antes, o que a distingue da maioria das mulheres daquela época. Quando os crimes contra as mulheres lhe causavam tanta revolta e comoção – “à nossa pena falta a coragem de descrevê-los” – sua voz não encontrava ressonância por esse tempo. Ainda em relação aos crimes contra a mulher, Mariana cita os infanticídios do sexo feminino na China, e considera a chinesa “digna de comiserção”, ainda que mesmo nessa nação os ideais feministas já se apresentassem, em especial quando houve a queda do Império e algumas mulheres

⁹⁷ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 216.

se uniram em sociedades secretas e “se comprometiam a morrer antes de serem vendidas para o matrimônio com homens que nem sequer conheciam”⁹⁸. No entanto, apesar do empenho das feministas, ainda hoje nos deparamos com livros como *As boas mulheres da China*⁹⁹, da jornalista e escritora Xue Xinran, que relata a deprimente situação de muitas chinesas atualmente.

Mariana Coelho considerava de grande relevo a organização de congressos, oportunidades para se aprofundarem os debates das questões anteriormente referidas. Os eventos citados por ela eram de âmbito nacional e internacional, e havia sempre a preocupação de que ao menos uma representante fosse enviada.

A autora de *A evolução do feminismo* prezava a participação feminina em todas as esferas, em especial naquelas em que se carecia de sua presença. Ao citar o escritor italiano Trombetta Michelangelo e o “livreco” que o mesmo publicou em 1911, *A mulher não pode instruir nem educar*¹⁰⁰, Mariana mostrou-se colérica com tal acinte e partiu de maneira feroz a uma contra-argumentação:

Uma das razões em que o mencionado autor fundamentou a denominação tendenciosamente excêntrica do seu livro, é o temperamento nervoso, irritável – cuja afirmativa ele justifica com o testemunho de cientistas antigos e igualmente misóginos – que ele atribui à mulher – o que a torna, conseqüentemente, incapaz de exercer, para com a infância, a nobre missão do magistério. Não hesitou, esta extemporânea *trombeta*, em *buzinar* no seu igualmente extemporâneo panfleto, o seguinte revoltante disparate relativo à educação da mulher – o qual nós encaramos como uma verdadeira e insólita blasfêmia: “Não procuremos cultivar-lhe a mente: seria um mal para ela e para a humanidade”.(!)¹⁰¹

⁹⁸ Ibid., p. 252.

⁹⁹ XINRAN, Xue. *As boas mulheres da China*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁰⁰ TROMBETTA, Michelangelo. *A mulher não pode instruir nem educar*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911.

¹⁰¹ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 275.

Os grifos são da autora, assim como o recurso gráfico do ponto de exclamação entre parênteses. A crítica revestida de ironia e que em um primeiro momento nos induz ao riso, enfatiza os absurdos propalados à época, e que não eram devidamente rechaçados como deveriam ser, ou seja, haveria simpatizantes desses argumentos e outros que ignoravam as idéias do livro, mas cuja neutralidade acabava favorecendo o escritor e fortalecendo seu comportamento misógino. Mariana dá continuidade a seu discurso com indignação, por ser uma feminista que se dedicava com persistência à causa da emancipação feminina:

Que o Sr. *Trombetta* investisse contra o feminismo anatematizando a intelectualidade e a capacidade femininas, já era bastante! Mas que colecionasse na sua trombeteada e estulta arenga quantas blasfêmias pôde apreender dos pessimistas e misóginos impenitentes de todos os tempos, para urdir a sua odiosa catilinária tão ridiculamente intempestiva numa época em que o sexo feminino já ia realizando muito lisonjeiramente as suas aspirações, é objeto – e abjeto!¹⁰²

Prossegue esclarecendo que o escritor apóia-se nas idéias de Nietzsche¹⁰³, o qual por sua vez mereceu críticas da parte de Mariana Coelho por declarações contrárias aos ideais feministas feitas pelo filósofo. A “frente de combate” era grande e exigia perseverança, era quase possível fazer uma analogia no sentido das histórias em quadrinhos: Mariana Coelho como heroína feminista – protetora das fracas e oprimidas – contra seu arquiinimigo o Sr. Trombetta. Porventura a

¹⁰² Ibid., p. 279.

¹⁰³ Nietzsche, Friedrich (1844-1900), filósofo alemão. Entre suas obras destacam-se *A origem da tragédia* (1872), *Assim falou Zaratustra* (1883-1885), *Mais além do bem e do mal* (1886), *Genealogia da moral* (1887) e *A vontade de poder* (1901).

fadiga decorrente de tantos embates afastasse outras mulheres que optavam por se manterem comodamente em uma alienação voluntária. Para quem, como Mariana, pretendia ver a mulher brilhar nas diferentes áreas da sociedade, era um retrocesso ter que discutir sobre a participação feminina no magistério. A atuação profissional no ensino já estava consolidada, ainda que não da melhor forma possível, e era necessário conquistar outros espaços, como aqueles referentes às ciências e às artes.

Apesar de publicado em 1933, *A evolução do feminismo* foi sendo escrito anos antes; conforme a autora explica em nota, ele foi terminado em 1926. Portanto, há um pouco daquele engajamento inicial, no qual as palavras são embaladas pela paixão, e também passagens em que o discurso é conduzido pela serenidade da razão.

O debate que a autora estabelecia sobre a emancipação feminina apresentava aspectos ainda arraigados à educação que ela mesma recebera, ou seja, a mulher enquanto mãe e esposa, cuidando do bem-estar da família, assim como refletindo sobre temas que encontrariam campo propício para se desenvolverem apenas anos depois.

A participação da mulher na sociedade deveria, a seu ver, não subverter totalmente o tradicional sistema de divisão de tarefas, mas ampliá-lo, ou seja, não “obrigar” aquelas que desejavam viver de outra forma que tivessem que se adaptar às rígidas regras impostas: “a mulher deve ser apenas *dona-de-casa*.”¹⁰⁴ Mariana se exaspera porque acredita que essa máxima levava em conta somente o egoísmo masculino, o qual não dispensava a sua supremacia na área profissional e, ao

¹⁰⁴ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 45.

mesmo tempo, a garantia do conforto encontrado no lar: “Não queremos, neste nosso franco dissertar, suprimir, absolutamente as donas-de-casa [...]. O nosso fraseado baseia-se simplesmente na razão de que nem todas as mulheres estão nas condições de mera sujeição à vida doméstica”¹⁰⁵. Uma vez que, à época, boa parte das mulheres ainda não tinha consciência de seu extremo estado de submissão, poucas tinham instrução suficiente para lhes garantir um bom emprego, logo, ser esposa e mãe era o caminho mais “seguro”. Mas havia também mulheres como a própria Mariana Coelho, que tiveram acesso ao ensino, possuíam autonomia financeira e mesmo assim ainda eram cobradas pela sociedade que as queria limitadas ao espaço privado. Como se depreende, a emancipação feminina defendida por ela não punha abaixo todas as antigas tradições, mas pretendia tirar do cômodo imobilismo à que a sociedade mantinha-se aferrada e abrir ao debate, pois só assim seria possível estabelecer novas circunstâncias de atuação para ambos os sexos.

A autora demonstrava profunda crença na capacidade feminina, por isso expôs que a civilização era a responsável por conceber as mulheres enquanto sexo frágil, o que levou muitas a se reconhecerem nessa assertiva. Em seu entender, ao contrário, faltava educação, uma profissão e auto-confiança. Não admitia idéias que se pretendiam científicas as quais afirmavam a inferioridade física e intelectual da mulher.

O princípio maior que norteava os pensamentos feministas da autora referiam-se à capacidade feminina para desempenhar qualquer função. Por isso o livro traz diversos exemplos da ação da mulher em vários pontos geográficos de diferentes continentes; foi uma tentativa de mostrar a validade de sua premissa.

¹⁰⁵ Ibid., p. 46.

Quando ela examinou o civismo em tempos de guerra, fez a seguinte afirmação: “A mulher das nações beligerantes provou admiravelmente o valor do seu alevantado civismo e da sua indiscutível capacidade no desempenho de todas as profissões masculinas.”¹⁰⁶

Durante a campanha sufragista, muitas integrantes do movimento ofereciam à sociedade “garantias” no sentido de reafirmarem-se enquanto mães e esposas, e que usariam esse direito com “bom senso”. O que à primeira vista pode parecer contraditório – desejar a emancipação e ao mesmo tempo de certa forma negá-la – deve ser ponderado, pois é necessário salientar que se encontravam no auge da discussão, a conquista desse direito se deu no ano anterior à publicação do livro de Mariana. Atualmente, há o distanciamento temporal essencial às reflexões críticas em relação às posturas adotadas à época, por isso a necessidade da devida contextualização. Em uma das contendas, que se relacionava à proposta sobre o voto feminino do parlamentar Maurício de Lacerda apresentada à Câmara Federal em 1917, a autora cita a “genial poetisa Gilca Machado”: “ ‘Para evitar qualquer suspeita, deverá, contudo, o jovem parlamentar fazer na sua luminosa iniciativa a seguinte emenda: Será, apenas, válido o voto da mulher para a mulher.’ ”

A par de um certo radicalismo da idéia de Gilca Machado¹⁰⁷ – que é passível de ser justificado conforme o que se dispôs anteriormente a respeito da devida delimitação geográfica e temporal do movimento sufragista – o que desperta a atenção é o elogio direcionado à poetisa. Por ter exaltado em seus versos o amor sensual, chocou a sociedade da época com a ousadia em expor

¹⁰⁶ Ibid., p. 71.

¹⁰⁷ Gilca Machado (1893-1980). Poetisa, enfatizou o erotismo em seus versos. Feminista, participou da campanha sufragista.

sentimentos não conformados à “alma feminina”. Mariana Coelho não hesita em referir-se a ela como “genial poetisa”, ou seja, atém-se à qualidade da produção literária, e não se rende ao preconceito pela temática escolhida por Gilca. Ao relatar sobre um concurso literário promovido pela Academia Brasileira de Letras, novamente salientou o nome da escritora: “A impressionante poetisa realista contemporânea Gilca Machado, que figura em plano saliente na poesia brasileira, sendo colocada pela crítica ao lado dos poetas nacionais, foi premiada no aludido concurso.”¹⁰⁸ Portanto, Mariana Coelho estava afinada com a crítica literária mais progressista, distanciando-se de preconceitos limitantes.

No capítulo referente à literatura de autoria feminina no Brasil, Mariana enaltece as escritoras que segundo seu julgamento apresentaram relevante contribuição às letras de nosso país. Dentre as que foram por ela destacadas, encontram-se, por exemplo Nísia Floresta: “Nas suas revelações de escritora notabilizava-se pela sua incomparável largueza de vistas e pela sua elevada compenetração de problemas sociais.”¹⁰⁹ ; Júlia Lopes de Almeida, “que desde muito nova se dedicou com reconhecido talento às letras”¹¹⁰; Inês Sabino, autora de *Mulheres ilustres* do Brasil, “inteligência brilhante e rara cultura intelectual”¹¹¹; a já citada Gilca Machado; Maria Lacerda de Moura¹¹², “grande entusiasta pelos ideais modernos, ao serviço dos quais ela tem posto com amor e com talento notável, a sua pena franca, positiva, primorosa. [...] São notáveis a

¹⁰⁸ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p.333.

¹⁰⁹ Ibid., p. 330.

¹¹⁰ Ibid., p. 331.

¹¹¹ Ibid., p. 332

¹¹² Maria Lacerda de Moura (1887-1945). Escritora, feminista, ativista política, envolvida com o movimento operário anarquista. Dentre suas obras, destacam-se: *A mulher é uma degenerada*, *Religião do amor e da beleza*, *Amai e... não vos multipliqueis*.

franqueza e desassombro com que expõe as suas idéias e convicções ”¹¹³. Além dessas, foram citadas várias outras, em todas destacando suas principais características. Até esse ponto limitava-se a um estudo sobre as principais contribuições literárias femininas brasileiras, no entanto, quando principiou a tratar da polêmica sobre a admissão de escritoras na Academia Brasileira de Letras, o tom ameno utilizado até então se modificou e entrou em campo a feminista Mariana Coelho, sempre alerta às limitações impostas às mulheres. Irritava-se sempre quando algum espaço era negado, tomando-se por base o critério da distinção entre os sexos. Portanto, nesse momento, Mariana queria garantir à mulher a participação efetiva e legítima em todos os setores da sociedade, sem proibições ou falsos argumentos que não se sustentassem. Não admitir a presença feminina na Academia para ela refletia a incapacidade intelectual da mulher, e isso não era possível aceitar. Sua expectativa era a igualdade de condições e tratamento: “As mulheres da atualidade, na sua coragem audaciosa, na sua indômita ânsia de saber – com que vão vencendo os difíceis degraus do elevado templo da ciência, prometem a sua ascensão até a respectiva igualdade com os homens.”¹¹⁴

Ao discorrer sobre a arte literária produzida por mulheres no Brasil, dedica um espaço relevante nas páginas de *A evolução do feminismo* à Maria Lacerda de Moura, jornalista e escritora mineira, feminista convicta. Em 1923 fundou e redigiu a revista de arte e pensamento *Renascença*, em São Paulo. Maria Lacerda de Moura era o exemplo do descrédito das mulheres escritoras uma vez que,

¹¹³ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 333-334.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 343.

segundo Mariana, seus primeiros escritos eram de grande qualidade, o que suscitou a dúvida em relação à autoria, acreditando-se que o pai seria o verdadeiro autor.

A polêmica envolvendo as escritoras da época foi a questão acerca da admissão ou não das senhoras na Academia Brasileira de Letras. A autora cita o jornal *O Brasil*, do Rio de Janeiro, em sua edição de março de 1922, o qual trazia as opiniões pró e contra de vários membros da academia. A instituição não proibia o acesso às mulheres, mas havia um impedimento subliminar, o que muitas vezes é até mais pernicioso, pois dissimula a diferença sob a aparência da equidade. O caso mais famoso envolvendo a admissão de escritoras na academia é o de Amélia de Freitas Bevilaqua¹¹⁵. Sua candidatura foi recusada em 1930 e Mariana fez questão de citar os nomes daqueles que votaram contra e a favor à admissão. A celeuma contou ainda com a participação de Clóvis Bevilaqua¹¹⁶, marido da escritora, que a apoiava em sua apresentação como candidata. Em verbete sobre Amélia em *Dicionários Mulheres do Brasil*, há o resultado final da contenda: “Sua candidatura foi rejeitada pelos acadêmicos, depois de intensa polêmica a respeito do regimento, tendo prevalecido a interpretação de que este só permitia a candidatura de escritores homens”¹¹⁷. Mariana aproxima-se de quem a lê através das incursões de parecer próprio:

¹¹⁵ Amélia de Freitas Bevilaqua (1863-1946). Escritora, casada com Clóvis Bevilaqua. Tornou-se famosa por pleitear o ingresso na Academia Brasileira de Letras. Publicou, dentre outros livros: *Alcione, Angústia, Jornada pela vida e Açucena*. Sobre o caso da Academia publicou o livro *A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Beviláqua: documentos históricos literários*. Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1930.

¹¹⁶ Clóvis Bevilaqua (1859-1944). Jurista, casado com Amélia de Freitas. Autor do projeto de Código Civil.

¹¹⁷ SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (orgs.), op. cit., p. 45.

Embora o valor da nossa humilde opinião seja nulo, sempre diremos que achamos uma flagrante contradição no fato de poderem as Academias premiar senhoras, nomear, por exemplo, a distinta poetisa Ibrantina Cardona membro correspondente – dando-lhe a respectiva cadeira – e não as aceitar no seu grêmio – embora muito dignas de uma cadeira acadêmica! Parece-nos que o nosso adiantado Brasil daria a outras Academias um belo exemplo de progresso e altruísmo, estabelecendo esta igualdade de sexos – que provavelmente bem poderia ser por elas imitado. Do contrário arrisca-se a denominar-se a meritíssima instituição: “Academia de Letras só para Homens”.¹¹⁸

No trecho transcrito a seguir, um dos últimos a encerrar o capítulo sobre a intelectualidade feminina brasileira, a autora confirma a sua confiança na potencial da mulher:

Os exemplos apresentados, ainda que pareçam escassos, relativamente, provam suficientemente que ao sexo feminino não falta capacidade intelectual para as nobres conquistas no campo da Ciência e da Arte; o que lhe tem faltado é o cultivo, que desde tempos imemoriais – (não nos cansamos de repetir), tem sido egoístico monopólio do homem – em propositado prejuízo da sua companheira – verdades estas irrefutáveis porque existiam – e algumas existem ainda – na segurança leonina de todos os códigos.¹¹⁹

Em várias passagens do livro, a autora expressou convicção por seus ideais, assim como o desapontamento quando, mesmo questões como o voto feminino, por exemplo, estarem se encaminhando de forma positiva, havia sempre os retrógrados defensores da “ordem” instituída:

Quando comentava a apresentação deste parecer, ouvimos a um oficial do exército, esta frase: “Oxalá que o projeto não passe; seria uma desgraça. A mulher é para ficar em casa”...! Ora, se *a mulher é para ficar em casa*, forçoso é reconhecer que ainda por aqui

¹¹⁸ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 336.

¹¹⁹ Ibid., p. 344.

vivemos mais ou menos cingidas ao regime patriarcal... regime que a nossa civilização condena.

Entre os vários militares cuja opinião temos oportunamente auscultado, só por exceção, e rara, são feministas. Dói-nos amargamente este arraigado sentimento de oposição ao progresso da mulher, à sua elevação político-social por nos recordar não só este pensamento, casualmente apreendido: “Onde a mulher é considerada inferior ao homem, deve-se logo descobrir um regime militar dominante” – como nos traz à memória a expressão respectiva de um grande pensador: “Todo país em que os militares não elevarem a mulher e os *seus direitos* – é um país atrasado e infeliz”. E nós não queremos absolutamente tais qualificativos para o nosso Brasil.¹²⁰

Essas divagações mais pessoais, revelam a dedicação de Mariana na defesa de seus ideais, e a expressão “dói-nos amargamente” soa de forma sincera, ao se empreender o estudo de sua vida e obra. A ligação entre emancipação feminina e democracia foi também bastante oportuna, uma vez que nos anos seguintes teríamos o Estado Novo instituído por Vargas e a ditadura militar.

Assim, o feminismo de Mariana Coelho influenciou seu trabalho enquanto escritora, desde apenas comentários, capítulos, até um livro com a temática. Ela se empenhou com determinação em busca dos seus ideais feministas, demonstrava firme convicção que poderia contribuir de modo decisivo para a modificação dos padrões que regiam a sociedade e para isso deu o próprio exemplo, mantendo-se de forma autônoma até o final da vida, e, principalmente, veiculou seus ideais através da palavra. Os momentos de exasperação – “Sempre a mulher mergulhada na noite eterna dessa maldita inferioridade!”¹²¹ – cediam logo espaço para a certeza de que o tempo e o desenvolvimento da sociedade estabeleceriam uma nova relação entre os sexos, baseada na equidade e no respeito mútuo.

¹²⁰ Ibid., p. 158.

¹²¹ Ibid., p. 367.

À época, Mariana Coelho recebeu muitas críticas, tanto daqueles que a detratavam, quanto dos que valorizavam seu trabalho. Dentro desse último grupo, incluem-se alguns exemplos a seguir:

Admiro, no seu magnífico livro “Evolução do Feminismo”, não só a sua cultura – o que para mim não é uma revelação – como o seu estilo simples e elegante. O seu livro registrará uma época da mentalidade feminina moderna. – 23/10/33.

Ciro Silva (do Centro de Letras do Paraná e da Academia Paranaense de Letras).¹²²

“Evolução do Feminismo” de Mariana Coelho é um trabalho de serena investigação, de cultura, de carinho estylistico, e sobretudo de rico filão moral pela sua finalidade: a defesa do valor da mulher, e a exaltação da sua capacidade evangelizadora e construtiva.

Mariana Coelho é um espirito brilhante, devotado sempre aos mais belos empreendimentos. Educadora de alto prestígio, paladina vigilante de ideias nobres – o seu livro agora, um dos melhores da estante paranaense, merece o nosso vibrante aplauso. A escritora conterranea, sim, conterranea, porque Mariana Coelho já faz parte do coração paranaense, deve receber a carinhosa felicitação de todos. Ela está na primeira plana entre os que lidam com o pensamento e o sonho, e buscam na espiritualidade a criação de um mundo melhor. Atesta-o, magnificamente, o “Evolução do Feminismo”. – 9/11/33.

Serafim França – redactor d’O Dia.¹²³

Quem compulsar a “Evolução do Feminismo” fica conhecendo a história e a evolução completa da mulher, desde as suas mais remotas origens até aos nossos dias. Verá nele que houve países onde a mulher foi igual, se não superior, ao homem, particularmente na Índia onde chegou a ter culto supremo. “a humanidade só progride pelo martírio”, afirma Mariana Coelho. Efectivamente – e ela o constata no seu livro – uma das consequências imediatas da Grande Guerra foi a alforria social e política da mulher.

Toda a mulher deve ler “Evolução do Feminismo” onde encontrará a sua história e a razão que a todas assiste de serem feministas. Ali verá quantas das suas irmãs iluminadas pela luz da ciência e da história, com coragem e perseverança inauditas trabalharam pela vitória das ideias que hoje nos felicitam a todas. Mariana Coelho

¹²² COELHO, Mariana. *Cambiantes (contos e fantasias)*, op. cit., p. 128.

¹²³ *Ibid.*, p. 129.

merece o reconhecimento de todas nós, mulheres, a quem ela oferece uma bíblia das suas liberdades e dos seus direitos. – 7/2/934.

Ermelinda dos Stuarts Gomes – Africanista e indianista portuguesa. – (Do “Diario de Coimbra”).¹²⁴

O magnífico trabalho em 600 paginas dado ha pouco á publicidade, em volume sob o título “Evolução do Feminismo”, devido á penna eximia de Mariana Coelho, brilhante colaboradora da nossa revista de arte – “O Corymbo”, tem obtido um acolhimento de realce não só na imprensa de Curitiba (E. do Paraná) como na da Capital da Republica e do estrangeiro. Temos á vista muitos dos jornaes onde se encontram críticas valiosíssimas, firmadas por jornalistas de mérito, por talentos de robusta cultura.

Revocata Heloisa de Mello. (Distinta Redactora d’O Corymbo, Rio Grande). 2/934.¹²⁵

Quanto ao primeiro grupo (o dos detratores) não se constituiu em impedimento para que a autora prosseguisse em seu objetivo; durante a pesquisa o que se observou é que ela não evitava as contendas, assumia uma postura e mantinha argumentos que a justificassem.

UMA EMBALADORA UTOPIA, UM SONHO APENAS

A pedido do Centro de Cultura Feminina, Mariana Coelho proferiu em 1934 uma conferência em que lamentava a Primeira Guerra Mundial e defendia os ideais pacifistas, especialmente aquele que se referia à extinção da pena de morte. Um ano depois, publicou o livro *Um brado de revolta contra a morte violenta*¹²⁶,

¹²⁴ Ibid., p. 132-133.

¹²⁵ Ibid., p. 133.

¹²⁶ COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*. Curitiba: A Cruzada, 1935.

o qual reproduzia a citada preleção. O impactante exemplo escolhido pela autora foi a execução por fuzilamento de Mata Hari¹²⁷, acusada de espionagem, o que ensejou a oportunidade de debater sobre a emancipação da mulher, da qual era árdua defensora.

Logo no início do livro a autora esclarece que metade da renda obtida pela venda dos exemplares seria contribuição para um busto do escritor paranaense Rocha Pombo, com o qual estabelecera laços de amizade e mútua admiração literária.

A própria autora explicita que seus questionamentos estarão divididos em três partes, as quais versarão, consecutivamente, sobre: a guerra, a pena de morte e a execução “grandemente rumorosa em todo o mundo”, da qual nesse início ela não fornece detalhes, nem mesmo de quem se trata.

Em “A guerra” Mariana referiu-se à Primeira Guerra Mundial – que em *Evolução do feminismo* a autora considerou como em parte responsável por uma certa autonomia conquistada pelas mulheres – como também aos rumores que já se faziam sentir em relação ao novo conflito que se vislumbrava, no caso a Segunda Guerra Mundial, o que novamente nos mostra como a escritora mantinha-se atualizada sobre as principais questões sociais:

Dentro do quadro realista que oferece à nossa vista imaginante as diversas modalidades em que a morte violenta é perpetrada, acha-se em primeiro plano o temível flagelo da guerra cuja imagem já se entremostra ameaçadora – num futuro mais ou menos próximo –

¹²⁷ Mata Hari (1876-1917). Exótica bailarina holandesa. Acusada de espionagem no período da Primeira Guerra Mundial a favor da Alemanha, foi condenada à morte por fuzilamento pelos franceses.

com todo o seu séquito de horrores atribulando o espírito das mais sensíveis e evoluídas gerações atuais.¹²⁸

Em sua reflexão, expôs que, ao lado de pessoas que não titubearam em derramar o sangue durante os anos de guerra, havia pessoas firmemente convictas da necessidade da valorização da paz mundial em detrimento de interesses de alguns de países. Ela destaca um desses pacifistas:

Dentre os principais pacifistas que se tem preocupado abnegada e humanitariamente com o problema da guerra e da paz, salienta-se o genial novelista inglês – Wells – consagrado o primeiro novelista do mundo em um concurso internacional aberto em 1924, em Nova York, pela *Revista Internacional do Livro*. Ao exteriorizar os seus sentimentos pacifistas profetiza, convicto, o adorável sonhador da confederação da humanidade – apoiado ao bordão do seu inabalável otimismo – que desaparecerão as fronteiras e o universo será a única pátria por todo o gênero humano reconhecida. Crê ele que, se se quiser evitar a decomposição do nosso planeta numa catástrofe suprema, é urgente banir dele as guerras.¹²⁹

A própria Mariana, igualmente pacifista, mostrou incredulidade em relação a essa aspiração de Wells¹³⁰. Não havia vontade política suficiente para avançar tanto, e ela pondera que esse anseio naquele momento não seria colocado em prática, podendo se tornar uma realidade das gerações futuras. No entanto, mesmo que esse sonho fosse alçado ao futuro, ainda assim caberia ao momento presente preparar para que isso se tornasse possível. Nesse aspecto, segundo a autora, a colaboração das classes trabalhistas seria valiosa, ela contava com os trabalhadores para uma greve geral, que propugnasse pela paz mundial. É

¹²⁸ COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 5. [A ortografia de todos os excertos extraídos dessa obra foi atualizada].

¹²⁹ *Ibid.*, p. 9.

¹³⁰ H. G. Wells (Herbert George Wells – 1866-1946). Adepto dos ideais pacifistas, autor dentre outras obras: *A máquina do tempo*, *O homem invisível* e *A guerra dos mundos*.

necessário não perder de vista o contexto histórico-social da época em que a palestra foi proferida e logo depois o livro publicado. Era justamente o período entre a primeira e a segunda guerra, fazia-se urgente evitar que novamente o mundo sofresse com a violência e a desunião entre os povos. A autora conclama aos trabalhadores porque confia que seriam eles os mais indicados para tal iniciativa, uma vez que outras camadas da sociedade estivessem envolvidas e até certo ponto comprometidas política e financeiramente com os conflitos e outros, sem capacidade crítica suficiente para ter noção da realidade que os cercava.

Para ela, os conflitos bélicos eram os maiores responsáveis pela violência que ceifava a vida de tantas pessoas, e muitas vezes se guiavam por interesses espúrios e egoístas, fruto da intolerância de muitos governantes. Em argumento de grande senso crítico, não se manteve à superfície da questão, mas aprofundou-se, destacando que os conflitos eram também impulsionados pelas indústrias de armas bélicas, e propôs que essas fábricas fossem proibidas de funcionar, uma solicitação pacifista a qual poderíamos denominar utópica, levando-se em conta as normas capitalistas eficientemente adotadas pela grande maioria dos países.

A autora denuncia o poder econômico que regia os conflitos: “Um dos primeiros obstáculos por cuja destruição se devia principiar, são as fábricas que fomentam as guerras – cujo letal funcionamento reclama o seu aniquilamento urgente e completo.”¹³¹ No decorrer do texto ela é mais incisiva:

Uma surpresa rumorosamente escandalosa presentemente nos domina e espanta! Enquanto que saíram da América do Norte os grandes propulsores da paz – Wilson e Kellog – é exatamente nesse mesmo país que os magnatas da indústria bélica se locupletam ateando e sustentando o fogo das guerras em toda a

¹³¹ COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 8.

parte, no mais selvagem e abundante fornecimento de armamentos, em muitos países importadores – principalmente da América do Sul, destituídos, como esses traficantes da morte, de humanitarismo e de consciência.¹³²

Páginas adiante, complementa:

Na América – pelo que geralmente e veladamente consta – a guerra é sustentada: no Paraguai contra a Bolívia, por uma empresa de grande nação européia; na Bolívia contra o Paraguai, por outra de grande nação americana – ambas de olhos fitos na região do Chaco Boreal onde se jogam os seus interesses petrolíferos – interesses de estrangeiros, dos grandes e dos ricos – esgotando o sangue da América Latina, dos pequenos e dos proletários – isto é – do povo...¹³³

Ao recorrer às suas memórias, Mariana lembrou-se das manifestações proletárias que tanto a atraíam quando criança, nas comemorações do Primeiro de Maio e destacou as aspirações dos trabalhadores em seus vibrantes discursos, contando com “mais fraternidade por parte do capitalismo absoluto, mais justiça para a sua precária situação econômica [...]”¹³⁴. Novamente de maneira muito sensata, ela mostrou-se solidária aos anseios da classe trabalhadora, que até aquele momento (1934), apesar dos avanços e conquistas, só teriam direito a rendimentos dignos e leis que verdadeiramente os amparassem “num futuro mais progressista e mais libérrimo, e quando, enfim, deixarem de existir as multidões de operários sem trabalho”¹³⁵. A autora, portanto, depositou sua confiança nas classes trabalhistas para impedir novas guerras.

¹³² Ibid., p. 19.

¹³³ Ibid., p. 23.

¹³⁴ Ibid., p. 11.

¹³⁵ Ibid., p. 11.

Outro intelectual pacifista citado por ela foi Erich Maria Remarque¹³⁶:

[...] consagrado escritor alemão contemporâneo, de origem israelita, como o eminente cientista mundialmente respeitado – Einstein – como era o genial e falecido escritor Max Nordau e tantos outros valorosos e hábeis manejadores da pena – duma pena impoluta – banidos da Alemanha e despojados dos seus haveres, conjuntamente com todos os seus irmãos de raça, pela política intolerante e ditatorial hitlerista, imprópria da civilização atingida pelo nosso século; privando desta forma essa grande nação, de valores que tanto a têm feito realçar no mundo da ciência, da arte, da literatura.¹³⁷

O posicionamento de Mariana Coelho, apoiando uma democracia sem distinção de raças ou crenças e seu firme propósito em não se deixar enredar por preconceitos, chama a atenção assim como sua luta pela emancipação feminina. É uma postura que se distancia de modo surpreendente do pensar da maioria das pessoas da época, em especial das mulheres, ainda tão circunscritas ao lar, alienadas na maior parte das vezes das discussões sociais. Antes que eclodisse a Segunda Guerra Mundial, a autora já via com muita suspeição a forma como Hitler encaminhava politicamente a Alemanha e posicionou-se de maneira firme em suas críticas contra o ditador. Era esse prognóstico negativo que fazia Mariana se pronunciar pela paz em 1934, enquanto muitos não consideravam essa hipótese.

¹³⁶ Erich Maria Remarque (1898-1970). Romancista alemão pacifista. Largou os estudos universitários para aderir ao Exército Alemão na Primeira Guerra Mundial. Sobreviveu como jornalista na Alemanha esfacelada pela guerra até o lançamento de *Nada de novo no front*, que o alçou à fama mundial. Com a ascensão do nazismo, o filme *Nada de novo no front* foi proibido, e o livro, queimado em praça pública. Remarque exilou-se primeiro na Suíça e depois nos Estados Unidos. Naturalizou-se norte-americano, relacionou-se com as atrizes Marlene Dietrich e Greta Garbo, e em 1948 se mudou para Locarno, na Suíça, na companhia de Paulette Godard. Faleceu aos 72 anos de idade, sem perdoar as autoridades alemãs com o brando tratamento dispensado aos oficiais nazistas após a Segunda Guerra Mundial. Escreveu, também, *Três Camaradas*, *Náufragos*, *Arco do Triunfo*, *O obelisco preto* e *Sombras do paraíso*.

¹³⁷ COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 13.

Prosseguiu relatando que providências deveriam ser tomadas para solicitar ao governo do *Führer* a entrega dos bens confiscados arbitrariamente dessas pessoas perseguidas devido às idéias nazistas que pontavam na Alemanha de então. Sobre o fato de muitos terem sido expulsos da pátria, a autora ponderou: “Contra esse retrógrado banimento se insurge todo o espírito devotado à fraternidade e ao amor ao próximo, por conseqüência sem distinção de raças, pois que a raça humana é uma só.”¹³⁸

Sobre o pacifista Erich Maria Remarque, Mariana sugeriu que fossem lidas as obras *Nada de novo no front ocidental* e *Depois*, devido aos temas tratados que expunham “a ruína moral e material herdada das guerras”. Em certos momentos, a autora recorre à utilização de termos um tanto incomuns e que denotam sua exasperação frente a determinados posicionamentos, como por exemplo ao conjecturar sobre a possibilidade de que esses livros fossem lidos por todas as nações:

[...] não haveria um só homem verdadeiramente cômico dos seus deveres humanitários e do seu direito à vida, que acudisse ao chamamento dos respectivos governos para a expor em benefício do interesse e do bolorento capricho dos potentados.¹³⁹

O pacifista Kellog¹⁴⁰, secretário de estado norte-americano, foi também citado por Mariana Coelho, destacando a relevância do pacto contra a guerra proposto por ele em 1928. Preocupado em solucionar de maneira legal e consensual os conflitos internacionais, Kellog uniu-se ao ministro francês A.

¹³⁸ Ibid., p. 14.

¹³⁹ Ibid., p. 14-15.

¹⁴⁰ Frank Billings Kellog (1856-1937). Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1929 por sua atuação no Pacto Briand-Kellog.

Briand¹⁴¹ com o objetivo de promover um pacto de renúncia à guerra. O chamado Pacto Briand-Kellog foi firmado em Paris com a adesão de sessenta nações, e considerado o primeiro acordo anti-bélico da história. Mariana expressou o quanto esse pacto vinha de encontro com suas expectativas pela paz; lamentou, no entanto, a não participação de alguns países americanos, em especial o Brasil.

Evidenciando ser uma pessoa que acompanhava atentamente as principais questões debatidas pelo mundo, Mariana fez a seguinte previsão:

Se num futuro mais ou menos próximo a guerra se desencadear submergindo novamente o mundo em sangue, atendendo às variadas e diabólicas invenções de matar – todas desenvolvidas e sancionadas por essas mesmas potências *pacifistas*... será realmente uma guerra-fim-de-mundo, pois se afirma, e com razão, que nessa guerra não desaparecerão somente indivíduos – desaparecerão nações e com elas – quem sabe? Também a nossa civilização!¹⁴²

Ao se lembrar dos campos de concentração nazistas e das bombas atômicas, percebe-se que a preocupação da autora era real e por isso defendeu com tanta pertinência seu pensamento pacifista, pois era a única alternativa para impedir os anos difíceis que estavam por vir na década de 1940.

Mariana novamente frisou o ignóbil interesse econômico que encaminhava o mundo para um novo conflito e aponta a América do Norte (que ironia...) como uma das principais nações com magnatas da indústria bélica, responsáveis por alimentar os conflitos com “abundante fornecimento de armamentos”.

O banco de Dados da *Folha de S. Paulo* disponibiliza um acervo digital com textos publicados à época, dos quais um exemplo é do já citado H. G. Wells:

¹⁴¹ Aristide Briand (1862-1932). Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1926 compartilhado pelo alemão Gustav Stresemann.

¹⁴² COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 18.

Sim. Há o perigo da guerra. E não apenas um perigo, porque existem múltiplos perigos. Poderemos, por exemplo, imaginar a eclosão do conflito ao seguimento de algum incidente entre a Polónia e a Alemanha, entre a Jugoslávia e a Albânia, entre a Itália e a Jugoslávia, etc. E não preciso a necessidade de supormos que o incidente se dará dentro de um tempo predeterminado: 3, 4 ou 5 annos.

Elle póde, e muito bem, explodir amanhã. E quando os canhões começarem a atingir Savoia, ou a fronteira allemã, ou mesmo terras da Albânia e dos Balkans, que poderão fazer os pacifistas?

Estes serão presos de surpresa. Em 1914, todos nós fomos inopinadamente surpreendidos. Quem sabe que, desta vez, o mesmo acontecerá.

Veremos por conseguinte, o que deveremos fazer. E não se trata, no fundo, de atingirmos uma modalidade que appareça apenas para ser evitada uma guerra proxima, ou mudar a expressão actual da Europa, mas de um movimento que venha desobrigar a humanidade de toda e qualquer atmospherá belligerante.¹⁴³

Por essa citação é possível inserir Mariana Coelho entre as pessoas que acompanhavam de perto os principais fatos relacionados ao futuro mundial, além de comungar com as idéias de personalidades preocupadas com o destino das nações.

A segunda parte do livro refere-se à pena de morte, que à época era praticada em diversos países, dentre os quais, Inglaterra, Alemanha, Áustria, França, Estados Unidos. A autora considerou um contra-senso países ditos “civilizados” manterem uma prática como essa em que são utilizadas a força, a guilhotina ou a cadeira elétrica, chamados por ela de “imoralísimos instrumentos de morte”. Causava-lhe repulsa pensar nos verdadeiros espetáculos que se constituíam as execuções dessas penas máximas, às quais acorria uma assistência

¹⁴³ www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/mundo_29mai1931.htm. Publicado na *Folha da Noite*, sexta-feira, 29 de maio de 1931. [Neste texto foi mantida a grafia original].

de pessoas que se esqueciam de que não viviam – ou ao menos não deveriam mais viver – em tempos de barbárie.

Mariana Coelho recorre nesse ponto a Jesus:

Como julgaria a pena de morte o meigo Jesus de Nazaré se voltasse ao convívio dos homens civilizados de hoje? – Esse Jesus infinitamente misericordioso cuja vida e morte se resumem na simplicidade emocionante destes dois símbolos divinos: – amar e perdoar? – Esse Jesus que deu a vida por quem lhe deu a morte? como se não insurgiria esse puro e suave espírito em face de cada força afrontosamente levantada, de cada montagem provocante da guilhotina, de cada eletrocução consumada? O seu amor à liberdade provou-o ele, incontestavelmente, na sua bem intencionada e consciente atuação de revolucionário sublime!¹⁴⁴

Ela considerava Jesus um pacifista, partidário da liberdade e revolucionário sublime. Ou seja, via-o como exemplo dos ideais pelos quais se dedicava; em outros textos o reconhecia como o primeiro feminista. Novamente mostrou-se a escritora um espírito aberto, o máximo possível distanciada dos preconceitos e adepta do sincretismo, que lhe garantia não se ocupar das religiões, mas de Deus. Logo, não se via obrigada a seguir dogmas e preceitos, e sim, ter uma imagem de Jesus construída de acordo com os valores nos quais acreditava.

A terceira e última parte da obra, intitulada “Uma rumorosa execução conseqüente da guerra”, revela-nos a feminista Mariana Coelho, que até então não havia se manifestado de modo contundente nesse livro. A figura de destaque é Mata Hari, executada por um pelotão de fuzilamento acusada de espionagem. A autora esclarece que seu intuito não era o de assegurar a inocência ou a culpa da famosa espiã, mas o objetivo seria o de denunciar o suplício pelo qual passou e a

¹⁴⁴ COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 34.

sua execução “a mais escandalosa de todas as execuções conseqüentes desse horrível tufão bélico que furiosamente sacudiu o mundo!”¹⁴⁵

A dançarina holandesa Marguerite Gertrude Zelle nasceu em 1876 e recebeu esmerada educação. Segundo informações em suas *Memórias*:

Ao ficar viúvo, o honrado senhor Zelle, que não pôde dedicar-se a educar evangelicamente sua filha, em virtude das exigências de seu comércio, interna-a em um colégio modelo, para que, esperando a hora de casar-se, adquira uma cultura digna de seu nome e de seu patrimônio. Quatro anos depois, a menina encontra durante as férias, o seu futuro esposo, que apesar de já não ser um jovem, leva seu uniforme de capitão com um garbo e uma elegância que deixam loucas as jovens holandesas que o vêem passar pelas ruas de Haia.^{146 147}

É interessante destacar que essa visão idealizada do marido seria completamente destruída após o matrimônio, o qual foi considerado por Mariana o maior motivo para o destino trágico de Mata Hari: “O seu casamento desastrado foi a origem de toda a sua vida escandalosa e do seu lamentável martírio [...]”¹⁴⁸. O marido da futura espiã era um alcoólatra libertino. Mariana Coelho considerava a educação feminina voltada exclusivamente para o casamento como algo negativo para as mulheres, porque se entregavam a uma união muitas vezes apenas para cumprir preceitos sociais, ou seja, constituírem uma família, tornarem-se esposa e mãe, na maior parte das vezes assumindo uma posição

¹⁴⁵ Ibid., p. 38.

¹⁴⁶ CARRILLO, E. Gómez. *El misterio de la vida y de la muerte de Mata Hari*. Madrid: Renacimiento, [s.d.], p. 22.

¹⁴⁷ Al verse viudo, el honorable señor Zelle, que no puede consagrarse a educar evangelicamente a su hija, a causa de las exigencias de su comercio, enciérrala en un colegio modelo, para que, esperando la hora de casarse, adquira una cultura digna de su nombre y de su patrimonio. Cuatro años más tarde, la niña encuentra durante las vacaciones, a su futuro esposo, que aunque ya no es un pollo, lleva su uniforme de capitán con un garbo y una elegancia que vuelven locas las jóvenes holandesas que lo miran pasar por las calles de La Haya.

¹⁴⁸ COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 39.

secundária em relação às principais decisões familiares. Quando o matrimônio se mostrava um equívoco, a situação da mulher era bastante difícil, como o demonstra o exemplo de Mata Hari. Tornou-se dançarina e cortesã, o que de certa forma, na reflexão de Mariana Coelho, reforça o estereótipo da mulher separada, outro preconceito muito comum à época.

A autora procurou analisar a vida de Mata Hari sem apegar-se ao mito, e segundo consta, recorreu a biógrafos da espiã, que mostraram diferentes aspectos de sua personalidade, afirmaram-na volúvel, mas também propensa à ternura, à bondade. Para Mariana, independentemente de ela ser culpada ou inocente, continuava sendo uma vítima, pelo fracassado casamento, pela vida de cortesã, por ter sido executada. Portanto, a autora reafirma suas convicções nos ideais feministas e pacifistas, acreditava que, se a mulher fosse preparada para a vida e não para o casamento, não seria obrigada a enfrentar situações como essa de Mata Hari e que, se a abolição da pena de morte tivesse sido posta em prática, a dançarina não seria fuzilada.

Há diferentes versões sobre o que realmente teria acontecido com Mata Hari. Uma delas estava mais ligada aos aspectos legais do julgamento e considerava-se que não havia uma prova cabal que incriminasse a bailarina. Em uma outra versão, dizia-se que estaria apaixonada por um oficial francês e que confessou a este ser traidora e revelar segredos da França para a Alemanha. O interessante nesse aspecto não é a versão propriamente dita, mas o fato de ter servido de “mote” para Mariana, que não titubeou em transcrever o comentário de um cronista da época: “ ‘Aquela mulher foi vítima da sua suprema ingenuidade

em acreditar na afeição dos homens’...”¹⁴⁹. Observe-se a fina ironia representada pelo uso das reticências ao final, pontuação que não foi utilizada pelo cronista, mas por ela, chamando novamente a atenção para o modo como muitas mulheres se deixavam iludir movidas pelo sentimento, resultado de uma formação que não as estimulava ao senso crítico, mantendo-se em uma existência fútil e alienada.

Um outro aspecto a ser destacado diz respeito ao fato de Mata Hari ter vivenciado um péssimo casamento, no qual inclusive consta o fato de ser agredida por seu marido:

[...] nas cartas que desde aquele dia escreve a seu pai, as queixas dos maus tratos se fazem freqüentes e tão graves, que Sr. Zelle não pôde conter-se, e dirige uma acusação formal contra seu genro na justiça de Java. Ao mesmo tempo escreve para sua querida Marguerite, aconselhando-a que trate de conseguir testemunhas dos golpes que recebe para poder pedir o divórcio.^{150 151}

Mariana defendia o divórcio e considerava um mau casamento um dos motivos para a infelicidade das mulheres, em especial aquelas que eram vítimas de violência doméstica. Esse seu posicionamento foi enfatizado no livro *A evolução do feminismo*, dentre outros direitos que a autora considera imprescindíveis para a dignidade da mulher. Por isso sustentava o valor da educação feminina que a preparasse para o trabalho também fora do lar, para lhe garantir a autonomia de pôr fim a uma união infeliz. Logo, o comentário feito por Mariana quando se conhece a verdadeira identidade de Mata Hari é

¹⁴⁹ Ibid., p. 41.

¹⁵⁰ CARRILLO, Gómez E., op. cit., p. 27.

¹⁵¹ [...] em las cartas que desde aquel día escribe a su padre, las quejas de los malos tratos se hacen frecuentes y tan graves, que M. Zelle no puede contenerse, y dirige una acusación formal contra su yerno a la justicia de Java. Al mismo tiempo escribe a su querida Margareta [Marguerite], aconsejandole que trate de tener testigos de los golpes que recibe para poder pedir el divorcio.

verdadeiramente eloqüente: “[...] mistério que em parte o seu fim trágico desvendou, apontando a sua nacionalidade, o seu verdadeiro nome e o seu infeliz consórcio com o tal oficial de quem, finalmente, vivia divorciada.”¹⁵²

Essa última parte do livro recebeu da escritora enfoque especial, pois aliou às idéias pacifistas o seu pensamento feminista ao escolher a pena de morte imputada à Mata Hari. O livro *Um brado de revolta contra a morte violenta* teve por objetivo questionar a violência ocasionada pelas guerras, em especial o conflito mundial ocorrido entre 1914 e 1918 e o cenário não muito promissor para os próximos anos, uma vez que a autora ressaltou em vários momentos da obra que temia pelo futuro das nações, pois questões políticas graves estavam se encaminhando para serem decididas pela força bélica. Alertou para os interesses econômicos e vaidades pessoais de certos governantes. Guardou para o final o expressivo exemplo da dançarina e cortesã e foi então que falou mais uma vez a voz da feminista convicta, que fazia de suas obras também o canal de comunicação para a emancipação feminina que apenas se efetivaria com intenso trabalho de debate de idéias, porque ela acreditava que somente em um mundo fundamentado em novas bases a mulher seria de fato valorizada e considerada igualmente responsável por uma sociedade promissora.

O trabalho com o livro *Um brado de revolta contra a morte violenta* terminaria aqui, no entanto, um precioso achado fará com que se estenda. Essa pesquisa envolve o resgate e a reavaliação da obra de Mariana Coelho, nascida no século XIX e, portanto, as fontes não eram acessíveis, exigindo empenho para que fossem compiladas. Desde o início, havia lacunas também em relação aos dados

¹⁵² COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 42.

biográficos da escritora. Isso estimulou a busca por informações, investigação essa que extrapolou as prateleiras das bibliotecas e se espalhou de forma atordoante muitas vezes, quando julguei que estaria enredada definitivamente em dúvidas. No entanto, a dedicatória da escritora a um casal de parentes me fez buscar informações através dos sobrenomes. Encontrei finalmente um fio que me conduziria a algumas informações fundamentais. Contatei com a sobrinha-neta da escritora, Sr^a Irene Lupion de Moura Brito, a qual fui visitar em Curitiba no ano de 2003. Através dela conheci muitos fatos sobre a autora que foram relatados ao longo da tese e estabeleci contato com outra sobrinha-neta, Sr^a Júlia Follador, a qual entrou em contato para relatar que um primo havia falecido e entre seus pertences pessoais fora encontrado um pequeno caderno. Segundo ela, nesse caderno havia recortes de jornais e algumas anotações. A alegria foi intensa, porque tive a certeza de que seria um documento valioso. Alguns dias depois recebi pelo correio o pequeno caderno de capa verde organizado pela própria escritora com todas as referências sobre a conferência “Um brado de revolta contra a morte violenta” que posteriormente foi publicada em livro. Tudo metodicamente organizado por datas: recortes de jornais, convites, cartões, cartas, recibos, zelosamente colados ou, no caso de haver verso, presos por alfinete. Portanto, prossigo analisando a referida obra, agora com o auxílio da própria Mariana.

Os primeiros recortes de jornal datam de 1934 e se referem à conferência promovida pelo Centro de Cultura Feminina, dentre os quais podem ser citados:

Assim, as distintas senhorinhas diretoras do Centro, vêm de convidar a consagrada escritora paranaense, sr^a Mariana Coelho, uma das mais brilhantes figuras da nossa intelectualidade, para realizar uma palestra, convite que foi aceito gentilmente.¹⁵³

A conferencia da sr^a Mariana Coelho no Centro Paranaense de Cultura Feminina

Conforme foi anunciado realizou-se no dia 5, no Centro de Cultura Feminina, a conferencia da sr^a Mariana Coelho, intitulada “Um brado de revolta contra a morte violenta”.

Dado o interesse da mesma a ella compareceram varias autoridades, litteratos, representantes de associações, syndicato operário, Centro Israelita, etc.

A sr^a Mariana, numa demonstração da sua cultura invulgar, da exuberante erudição que possui em alto grau, focalizou os mais importantes problemas que vem agitando o mundo todo. Na primeira parte da conferencia, “a guerra”, ella salienta todas as questões a isso referentes, mostra a inutilidade da mesma, defende as classes proletarias, condemna a perseguição das raças e prega a fraternidade humana. Na segunda parte, “a pena de morte”, faz um historico da mesma, com um profundo e bellissimo estudo dessa instituição em todos os tempos. Na terceira parte faz o commentario da celebre execução da espiã Mata-Hari, tornando essas paginas de uma extraordinaria beleza.

Essa magnífica e significativa conferencia prendeu, pelo espaço de uma hora, a atenção de todos os presentes tal o interesse do assumpto e o magnifico desenvolvimento que a ella deu D^a Mariana Coelho, que mais uma vez orgulha o scenario intellectual do Paraná.¹⁵⁴

Os textos acima, além de retomarem algumas questões anteriormente discutidas, oferecem importantes subsídios para se ter conhecimento da forma como a escritora era considerada pela sociedade da qual fazia parte. Não se economizavam elogios sobre a capacidade intelectual da autora e todos os artigos publicados nos vários periódicos paranaenses a tratam respeitosamente.

¹⁵³ “Centro de Cultura Feminina”. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 29 de novembro de 1934, [sem identificação de página].

¹⁵⁴ “A conferencia da sr^a Mariana Coelho no Centro Paranaense de Cultura Feminina”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 8 de dezembro de 1934, [sem indicação de página].

A partir de então, Mariana organizou os documentos do ano de 1935, quando o livro *Um brado de revolta contra a morte violenta* havia sido publicado. Em artigo de autoria do jornalista Francisco Stobbia, ao fazer a apreciação crítica do livro em questão, citou a obra anteriormente publicada, *A evolução do feminismo*, ressaltando que nela a escritora havia enaltecido “a verdadeira missão da mulher no mundo”. Ou seja, Mariana Coelho era, à época, conhecida e respeitada por suas idéias, e se havia os antifeministas, que a amofinavam com questões inoportunas, havia aqueles que a apoiavam, em assuntos que ainda hoje encontrariam contendores.

Mariana Coelho enviou exemplares de seu livro para várias pessoas e instituições. Há a carta de uma professora de Vitória, Espírito Santo, igualmente chamada Mariana, enviada em 23 de março de 1935. Dirigia-se à “D. Marianinha”, agradecendo o envio do livro e elogiando o conteúdo abordado. O que chamou a atenção foi o seguinte trecho: “Gostei imenso, irei relel-o para gravar bem em meu fraco cerebro as impressões suas, que bem merecem ser classificadas as dum espírito culto, acompanhador do interesse e progresso mundial [...]”. Talvez fosse por comentários como esse que Mariana Coelho se exasperava tanto e redobrava seus esforços para que a mulher deixasse de ser a eterna tutelada. Receber uma confissão da amiga de que tinha “fraco cérebro” seria por certo desanimador para uma feminista obstinada como ela, que se dedicou integralmente para que a mulher ampliasse sua participação na sociedade e fosse respeitada na profissão que escolhesse.

O escritor paranaense Silveira Netto¹⁵⁵ escreveu um artigo fazendo uma apreciação crítica sobre o lançamento do livro de Mariana e citou também o livro *A evolução do feminismo*, além de refletir sobre os ideais defendido pela autora:

Livros femininos

Silveira Netto

Muito grato sou a D. Mariana Coelho pela offerta do seu novo livro – *Um brado de revolta contra a morte violenta*. Com *A evolução do feminismo*, volumosa historia das reivindicações da mulher na sociedade humana, V. Ex^a não só confirmou seus creditos de escriptora ha muito applaudida entre nós, como impoz de vez às letras nacionais o seu nome de notavel manejadora da prosa. Conhecida no Brasil e na sua gloriosa patria, V. Ex^a atesta, com o labor intensivo da penna, o quanto se pode elevar o espirito feminino quando o reforçam a intelligencia e a cultura. Seu livro *Evolução do feminismo* veio encontrar victoriosa nos paizes de lingua portugueza e em muitos outros, a vasta aspiração da mulher no convivio social do mundo, e brilhantemente justifica essa victoria sendo, como é, grande repositorio dos factos que constituíram a demorada e impetuosa campanha aberta no mundo inteiro pelos direitos da mulher, a que até a Asia se tem rendido em bem curto espaço de tempo.

Com a copiosa erudição, vasada em estylo de aprimorado vernáculo, qualidades que são a força precipua desse livro, é elle uma prova robusta de quão legitimos são os direitos que defende , e é um elemento necessario, onde quer que se trave ou continue o prélio feminista. Com elle, *Um brado de revolta contra a morte violenta* abre uma vereda de idéas claras e justas entre o emmaranhado de ideologias da nossa época. Sou de pleno accordo com as suas paginas contra a pena de morte, como o sou tambem contra a auto eliminação da vida, a menos que esta não resulte de uma alienação mental e, portanto, irresponsavel.

Crete na sobrevivencia do espirito, na realidade da vida alem do tumulto, sempre tive, na minha philosophia interna, a certeza de que no mundo não faltará nunca o recanto preciso onde se refugie e aplaque um desespero humano. Se ao individuo não cabe o direito de destruir, em si próprio, o dom supremo que o integra na vida universal, como não condemnar os que se arrogam exerce-lo para com outros, seja em nome de que principio fôr? Se há degenerados monstruosos na especie humana, cujo convivio social não pôde ser permittido, ha do mesmo modo os enfermos incuraveis, que mais soffrem por si mesmos do que pelo mal causado a outrem, e a

¹⁵⁵ NETTO, Silveira. “Livros Femininos”. *Diário da Manhã*, Curitiba, 26 de maior de 1935, [sem indicação de página].

medicina, embora discuta a questão, não se resolveu ainda a fulminal-os; ao contrario, investiga e manipula, apostolarmente, para a descoberta do remedio.

Se aquelles são enfermos de maior perigo á communhão social, é sequestral-os désta, obrigando-os a um regimen de vigilancia e trabalho.

Evitar-se-á por essa forma assassínios barbaros como o de Miss Edith Cavel e o da bella e descontrolada Mata Hari de quem o seu livro nos traça um quadro de linhas vivas e impressionantes. V. Ex^a é um nobre exemplo de actividade espiritual na sociedade que se honra de tel-a em seu meio, e na época de reivindicações em que a mulher assignala uma das mais energicas vontades nesse terreno.¹⁵⁶

O artigo escrito por Silveira Netto demonstra que Mariana Coelho era bem acolhida pela crítica literária e muito considerada pela sociedade curitibana, uma vez que em vários textos os autores se dizem honrados por sua presença em terras paranaenses. Ela era reconhecida por sua postura feminista e em vários textos que tratam dos livros por ela publicados, havia sempre referências sobre sua luta pela emancipação da mulher. Não havia uma divisão entre sua escrita os pensamentos que defendia, sua obra é o reflexo direto de seus ideais, talvez por isso a prosa ensaística tenha sido a forma mais comum pela qual Mariana optou para escrever. Seu estilo direto e incisivo encontrava aí melhor meio de expressão, não era uma narradora, mas a própria Mariana Coelho sempre firme em seus propósitos, incansável e obstinada em atingir suas metas. Os dois parágrafos iniciais de um outro artigo oferecem-nos em boa medida o que acaba de ser dito:

Entre as hostes aguerridas do feminismo no Paraná, D. Mariana Coelho é, inquestionavelmente, vanguardeira.

O seu livro *Evolução do feminismo* revelou-a uma escritora erudita, uma intrépida defensora dos direitos da mulher.¹⁵⁷

¹⁵⁶ “Um brado de revolta contra a morte violenta”. *Diário do Comércio*, Paranaguá, maio de 1935, [sem indicação de página].

¹⁵⁷ COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*, op. cit., p. 10.

O caderno organizado por Mariana Coelho traz uma carta enviada em 1935 pelo Grêmio Israelita Hakoah, de Curitiba, na qual a escritora é parabenizada porque “de uma maneira feliz e inteligente, demonstra e traduz os seus sentimentos de amor ao próximo”. A autora mostrou-se sempre contrária aos preconceitos, não apenas contra a mulher, mas opunha-se às idéias pré-concebidas que impediam o desenvolvimento da sociedade.

Há correspondências recebidas por ela de Portugal, Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis, São Paulo, dentre outros, o que corrobora o que foi anteriormente dito, ou seja, mesmo residindo no Paraná, Mariana Coelho sempre manteve contato com outras pessoas, homens e mulheres, assim como associações.

Através desses documentos de época foi possível conhecer melhor Mariana Coelho. Entre outros aspectos, o cuidado em guardar metodicamente aquilo que compunha as memórias de seu livro *Um brado de revolta contra a morte violenta*; suas relações pessoais, no Paraná, em outros estados, em Portugal; o alto conceito que se tinha da escritora. Para quem se dedica a uma pesquisa que envolve refazer antigos caminhos traçados literariamente, foi um privilégio indescritível ter um caderno como esse em mãos, preparado pela própria escritora; cria-se um vínculo que se estende além de uma pesquisa acadêmica; a proximidade através do objeto, simbolizando a aproximação de ideais.

Em *Um brado de revolta contra a morte violenta*, a autora demonstrou concepções feministas mais apuradas. A postura séria adotada por toda a vida, anteriormente referida, fez com que aquela mulher que se sentia como um *urso*,

tamanha curiosidade despertava por caminhar sem ninguém a seu lado, fosse nesse momento convidada para ser conferencista.

Esse fato demonstra como sua contribuição no campo das idéias era valorizada, apesar das dificuldades já citadas. O tema abordado voltava-se para a necessidade de um mundo pautado pela paz entre os povos e há alguns trechos que lamentavelmente nos soam bastante familiares nos dias de hoje; para ela, a aspiração à paz era “uma embaladora utopia, um sonho apenas”. Com o ânimo mais arrefecido do que o apresentado no início do século XX, provavelmente não seria apenas um mundo em paz que lhe pareceria dificilmente ser possível. Contudo, não se mostrava derrotada, apenas mais ponderada, o que não diminuía sua determinação.

A sociedade dava sinais de avanço em alguns pontos, no entanto, convém que se registre, o texto de Mariana ficou bem distante da propalada “natureza” feminina. Apesar de refletir sobre o prejuízo em vários níveis causados pelas guerras e enaltecer a paz, o fez sem poupar críticas, revelando que o espírito feminista era aquele da mulher preparada aos embates intelectuais.

O feminismo de Mariana Coelho não a fez alhear-se de outras pertinentes questões, ao contrário, é possível perceber, através de seus textos, que ela concebia o feminismo a partir de um amplo contexto, tornando-se necessário, então, refletir e questionar os fatos que impulsionavam a sociedade em diferentes direções. A emancipação feminina teria que se dar nesse espaço político e ideológico, impulsionado por interesses diversos.

Ao discorrer sobre os casos de suicídio, destacou que a maior parte dos cometidos por mulheres são por casos de amor desfeitos. Aponta ainda a violência

contra a mulher, que muitas vezes parece pelas mãos de um companheiro e salientou que somente cultivando os ideais pacifistas esses problemas diminuirão. Ela sempre procurava inserir em seus textos comentários sobre a situação feminina.

É interessante notar que, por ser uma conferência, quando ela se dirige aos assistentes utiliza o vocativo “senhores”, como por exemplo quando exalta a classe operária: “Eu tenho uma íntima fé, Senhores, nas classes trabalhistas, nas classes proletárias, nas multidões operárias grevistas – limpas de tudo o que se relacione com o terrorismo sectário.”¹⁵⁸ Constituía-se uma exceção, em 1934, na capital de um estado ainda bastante vinculado a antigos padrões de comportamento, haver uma mulher conferencista, discursando de forma crítica sobre a necessidade da paz em um mundo prestes a vivenciar uma Segunda Guerra Mundial. Esse termo “senhores”, portanto, é simbólico nesse sentido, confirma as idéias há tempos defendidas por Mariana Coelho de que a mulher era sim, capaz de participar ativamente da sociedade à qual pertencia e passar de um papel omissa a protagonista de um evento; expor seu ponto de vista crítico a uma platéia constituída por esses senhores confirmou os argumentos através dos quais pautou sua atuação como feminista.

Em várias passagens do texto, a autora expõe, de certa forma, a postura que procurava adotar em relação às alterações intelectuais da época, como por exemplo, quando discorre sobre a política hitlerista: “Opinião esta firmada na minha convicção e na minha sinceridade – mas que vai de encontro à opinião de

¹⁵⁸ Ibid., p. 13.

certos críticos...”¹⁵⁹. Ao salientar o valor e o mérito do jornalismo, em especial, naquele momento, por condenar a violência:

Apraz-me apreender esta oportunidade para salientar aqui, em poucas mas sinceras e convictas palavras, que o jornalismo – alavanca inquebrantável do Progresso e da Liberdade – (principalmente o jornalismo liberal) – o jornalismo que eu tanto respeito e admiro pela sua altíssima missão de guia moralizador das grandes massas populares, paladino de todas as causas nobres, altivo e inflexível defensor de todos os oprimidos, sentinela vigilante na defesa dos sagrados interesses e direitos do povo, combate, com igual repulsa, todas as variantes da morte violenta.¹⁶⁰

Mariana Coelho, ao citar a execução de Mata Hari, comentou sobre o filme com essa temática e no ensejo, criticou novamente os Estados Unidos, por “deturpar” os fatos históricos. Setenta anos depois da conferência proferida pela escritora, ainda há filmes “históricos” produzidos por empresas cinematográficas americanas, distribuídos ao mundo todo, difundindo uma visão parcial (quando não errônea) dos fatos. Portanto, o poder de veiculação desses filmes só aumentou nas últimas décadas, evidenciando que muitos ainda não compreenderam as palavras de Mariana: “E é, talvez, em consequência destas contradições que a respectiva filmagem apresentada nesta capital me não satisfaz [...]. Diz a crítica de alguns sábios cronistas que nos filmes apresentados pelos norte-americanos os assuntos históricos são sempre adulterados.”¹⁶¹

Assim, é possível perceber que Mariana Coelho manteve seu posicionamento feminista, mas não de forma inalterada, ao contrário, as concepções que defendia no início do século, que nos serviu de exemplo o livro *O*

¹⁵⁹ Ibid., p. 19.

¹⁶⁰ Ibid., p. 38.

¹⁶¹ Ibid., p. 40.

Paraná mental, sofreram modificações. O ideal feminista foi mantido, mas a escritora era, nesse momento, uma pessoa ainda mais preparada para levar adiante seu projeto de uma sociedade na qual a mulher pudesse contribuir de forma efetiva em outros espaços, não apenas com uma participação restrita ao lar.

A escritora Mariana Coelho era feminista convicta e em suas obras se percebem os ideais que defendia, variando, no entanto, a forma como as idéias feministas eram abordadas conforme a obra e a época em que foram escritas. O que se pretendeu nesse capítulo foi justamente analisar como as idéias feministas eram expostas em suas obras, as quais foram os canais utilizados por ela fazer chegar ao público leitor um pensamento pautado no desenvolvimento, no progresso, na crença pacifista de uma sociedade melhor na qual a mulher desempenhasse papel relevante. Mariana acreditava que somente em uma sociedade assim a humanidade atingiria um plano superior. Foi possível perceber que nas obras que marcaram o início de sua carreira literária o pensamento feminista não era ainda focado de maneira constante e questionadora, no decorrer do tempo, no entanto, a autora reflete nas letras o aprofundamento de suas reflexões.

Partindo de seus poemas até os últimos textos produzidos pela escritora, é possível perceber sua formação feminista, ou seja, como ela abordou de diferentes formas e com enfoques diversos uma das principais questões que a moveu: a defesa da emancipação feminina. Por vezes pequenas inserções – como em *O Paraná mental* –, capítulos inteiros – como em *Um brado de revolta contra a morte violenta* –, um livro todo – como *A evolução do feminismo* – Mariana veiculou suas aspirações, defendeu pontos de vista, propugnou por ideais.

Escreveu com vigor, outras vezes com certo desânimo; de modo irônico, ou embalada pela melancolia, mas sempre escreveu, registrando seus pensamentos, assumindo riscos.

HISTÓRICO SOBRE O FEMINISMO

Neste capítulo será estabelecido um histórico do feminismo para melhor compreender as idéias dele apropriadas por Mariana Coelho.

CUIDADO, SEXO FRÁGIL

O papel ocupado pela mulher na sociedade é discutido de variadas formas e com diferentes enfoques, indo desde o humor (?) da cena tantas vezes reproduzida na qual o homem das cavernas arrasta a mulher pelos cabelos até estudos mais sérios empreendidos por quem se dispõe a analisar a História oficial e suas discutíveis versões. Sempre houve vozes insurgentes e destacarei o desempenho decisivo de algumas mulheres que se colocaram em posição de risco, sendo marginalizadas pela moral da época em que viveram por sua ousadia em desafiar os conceitos relativos à atuação feminina. Distanciar-se dos padrões de comportamento feminino e almejar autonomia era com certeza abrir espaço para muitos problemas, mas houve mulheres dispostas a pagar o preço, e muitas, apesar de toda a repressão imposta. Nem todas nasceram para o bordado e o crochê e aspiravam a mais em suas vidas. Ser a dona da casa ou a rainha do lar – títulos apaziguadores para os ânimos mais exaltados – não tinha significação para algumas mulheres que preferiam ser verdadeiramente donas e poder gerenciar seus bens, assim como rainhas de outros reinos...

Essas mulheres, as que tinham as mínimas condições para algum tipo de insurgência – uma vez que muitas eram analfabetas, mal garantiam sua subsistência, tiveram numerosa prole que lhes absorvia todo o tempo, enfim,

refiro-me às mulheres que tiveram alguma condição de ensino, suporte econômico e se dispuseram a questionar a situação feminina – foram responsáveis por despertarem em outras os mesmos sentimentos de repúdio por ocuparem posição inferiorizada numa sociedade concebida para que os homens fossem os agentes de transformação. A partir daí, pode-se falar em feminismos e feministas, palavras que ainda hoje assustam.

Início por Olympe de Gouges¹⁶². A França foi o cenário da vida desta precursora feminista que não mediu esforços para garantir direitos civis às mulheres e tanto ousou que a única maneira de calar em definitivo sua voz rebelde foi condená-la à morte. Considerava muito importante externar suas idéias através da oratória, mas para ela ainda mais importante era o registro escrito dos ideais que defendia. Assim sendo, dedicou-se a escrever peças teatrais, novelas e manifestos político-sociais.

A Revolução Francesa (1789-1799) pautava-se nas célebres palavras: igualdade, liberdade, fraternidade, que traziam em si as promessas de uma nova era. Em 1789 foi promulgada pela Assembléia Nacional Francesa a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, na qual eram declarados vários direitos que deveriam valer para todos os cidadãos, no entanto, somente os homens eram considerados cidadãos.

Durante a Revolução Francesa as mulheres se mobilizaram ativamente, mas depois do grande impulso revolucionário as damas foram conclamadas a retornarem ao lar e ao que este regresso significaria, ou seja, às mulheres competia os trabalhos com a casa, a maternidade e os cuidados com a infância. Elas não

¹⁶² Olympe de Gouges (1748-1793). Feminista, autora de “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”.

eram, portanto, consideradas cidadãs. Olympe de Gouges questionou exatamente isso, o motivo da construção androcêntrica de sentido na Declaração. Joan W. Scott discorre sobre essa questão no livro *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*, no qual questiona a dificuldade não apenas da França, mas de outras repúblicas em aceitar a participação política da mulher. O eterno estereótipo das diferentes naturezas, masculina e feminina, foi excelente ponto de argumentação e levou as mulheres a enredarem-se em conceitos de igualdade e diferença.

Como reivindicar direitos iguais se, conforme se afirmava, as naturezas do homem e da mulher eram diferentes? Joan Scott aponta o dilema: “Na medida em que o feminismo defendia as “mulheres”, acabava por alimentar a ‘diferença sexual’ que procurava eliminar. Esse paradoxo – a necessidade de, a um só tempo, aceitar e recusar a ‘diferença sexual’ – permeou o feminismo como movimento político por toda a sua longa história.”¹⁶³. A própria Olympe de Gouges afirmou só ter paradoxos a oferecer, ou seja, reconheceu-os, mas isso não a impediu de continuar sua luta, não aceitando a imposição da natureza feminina. Em 1791 Olympe de Gouges publicou a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” claramente inspirada na de Rousseau¹⁶⁴. Nesta declaração ela deixa explícitos os seus pontos de vista e é bem clara ao expô-los. Em uma linguagem direta, registra a urgência em se conceder às mulheres direitos civis que as tornassem capazes de direcionar suas próprias vidas e de ter acesso às oportunidades dadas aos

¹⁶³ SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. Élvio A. Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002, p. 27.

¹⁶⁴ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo francês. Autor, dentre outros, de: *O contrato social*, *Emílio*, *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*.

indivíduos, uma vez que também se consideravam como tal, enfatizando as necessidades específicas da mulher, principalmente no que se referia à maternidade. Logo, ela mesma encarnou um papel bem diferente daquele que a sociedade tentava impor com tanta diligência, insistindo no debate de suas idéias.

Joan Scott escreve:

Nela, Olympe de Gouges procurou oferecer os argumentos que garantiriam para a mulher os direitos de cidadania ativa. Os dezessete artigos da Declaração estabelecem um paralelo exato com os artigos da Declaração dos Direitos do Homem; freqüentemente ela substitui a palavra “Homem” pelas palavras “Mulher e Homem”, mas dá ênfase especial a que se reconheça o direito de expressão das mulheres como chave para sua liberdade. Ao pluralizar o que era singular Olympe de Gouges indica que o “Homem” sozinho não representa a humanidade.¹⁶⁵

Ao ler a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, percebe-se o empenho que ela dedicou àquilo que acreditava, sua “ousadia” para a época em que vivia, quase um sonho de liberdade, um inconformismo que depois de tanta luta pela revolução tivesse agora que se recolher a um mundo circunscrito ao privado. Lamentavelmente tornou-se exemplo da desigualdade por ela mesma apontada, uma vez que as mulheres não tiveram seus direitos reconhecidos, mas Olympe de Gouges subiu ao cadafalso e foi guilhotinada, resolvendo-se assim um problema imediato e também de certa forma prevenindo problemas futuros, uma cabeça cortada deve ter sido uma lembrança bem assustadora para as mulheres da época.

¹⁶⁵ SCOTT, Joan, op. cit., p. 83.

Outra importante precursora feminista foi a escritora inglesa Mary Wollstonecraft¹⁶⁶ (1759-1797) autora de *A vindication of the rights of women* publicado em 1792, obra na qual a autora condena a educação oferecida às mulheres direcionando-as a tornarem-se fúteis, artificiais, sem senso crítico para perceberem a real situação em que se encontravam, absorvendo noções equivocadas sobre a conduta feminina. Mary Wollstonecraft propunha um sistema nacional de ensino primário universal e gratuito tanto para meninos quanto para meninas, dando oportunidade a elas para que, através da educação que viessem a receber, tivessem condições de uma vida mais útil e gratificante. Apoiava as idéias de Rousseau quando se referiam à educação masculina, no entanto não concordava com a educação que ele propunha às mulheres, no sentido de prepará-las para servirem aos seus maridos.

Assim como Wollstonecraft atribui ao Estado a responsabilidade pela educação, também a ele é atribuída a responsabilidade em relação ao matrimônio, segundo ela era dever do Estado intervir quando as esposas estivessem sofrendo maus-tratos. Acreditava que através das leis as mulheres poderiam sair de seu estado de submissão e serem aceitas na vida política, e pautou seu discurso feminista para que se esses objetivos fossem atingidos.

As mulheres estavam neste período sistematizando suas reivindicações e ao invés de se lamentarem em seus diários por sua situação marginalizada, procuravam escrever livros, tratados, declarações, nos quais pudessem expor de maneira contundente seus anseios de participação ativa na esfera social, chamando

¹⁶⁶ Mary Wollstonecraft (1759-1797). Escritora e feminista inglesa, considerada a primeira feminista da história. Nasceu na Inglaterra em 27 de abril de 1759 e faleceu em 10 de setembro de 1797, aos 38 anos de idade, após dar a luz a uma filha, que se tornaria muito mais famosa do que ela: Mary Shelley, a autora de *Frankenstein*.

a atenção para a conquista de seus direitos. A grande diferença que se pode apontar neste momento histórico é que sempre houve iniciativas individuais de mulheres que não se subordinavam à postura feminina imposta, mas a luta começava a ser coletiva, o que torna a causa aberta aos mais amplos debates, convertendo-se explicitamente em uma questão pública. Agora não seria uma voz dissonante aqui e outra somente muito além, nos campos geográfico e temporal, mas vozes em uníssono.

ENQUANTO ISSO, NO BRASIL...

A vida da mulher no Brasil do século XIX era bastante cerceada para se dizer o mínimo. Tratada como mercadoria que se negociava para o casamento, sujeitava-se ao matrimônio com aquele que sua família havia escolhido para marido e, uma vez casada, a vigilância continuava, saía apenas para cumprir suas obrigações religiosas ou visitar parentes, mesmo assim, somente acompanhada. A sociedade estava sempre alerta e vigilante para perceber algum mau passo dado e tinha seus recursos de punição. Muitas casavam-se ainda bem jovens e tinham vários filhos, não lhes sobrando tempo para mais nada além de cuidar da prole e da casa. Tudo isso era encarado com naturalidade pela sociedade da época, inclusive pelas próprias mulheres, que não tinham consciência de seu estado. Desde crianças eram educadas para atender seus futuros maridos, serem devotas e dedicarem-se integralmente à família. Em relação às escravas a situação era terrivelmente pior, além dos trabalhos caseiros os mais fatigantes, sob ameaça de

castigos físicos, ainda sofriam o assédio sexual dos homens aos quais eram obrigadas a servir.

As poucas e privilegiadas que tinham acesso ao ensino recebiam noções limitadas de português e francês, cálculos, história, geografia e os indefectíveis trabalhos manuais. Dificilmente alguém com uma formação tão acanhada poderia ter idéias de autonomia, acabavam sendo coniventes com seu próprio estado de submissão.

Ao Sul do Equador não se podia ainda dizer que já soprassem os ventos feministas, mas era possível sentir uma brisa. Na Europa, algumas mulheres buscavam espaço para seus questionamentos, como se pôde perceber pelas atuações de Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, no Brasil uma precursora feminista de importante influência foi Nísia Floresta Brasileira Augusta, exceção em uma sociedade patriarcal firmemente ancorada em padrões pré-estabelecidos em relação às mulheres.¹⁶⁷ Enquanto o universo feminino era restrito e poucas sabiam ler e escrever, ou o faziam de maneira claudicante, Nísia mostrava vivo espírito não apenas para a leitura como para a escrita, tendo publicado ficção, poesia e ensaios em reconhecidos jornais da época.

Em 1832 Nísia Floresta publicou seu primeiro livro, *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*, o qual, segundo historiadores, foi uma livre tradução de outro livro citado anteriormente, *A vindication of the rights of women*, de Mary Wollstonecraft. Nesse sentido, ambas apresentam a mesma preocupação em relação à educação feminina e viam aí uma maneira de conquistar autonomia. O ponto de partida seria superar a ignorância a que se mantinham presas as

¹⁶⁷ Sobre Nísia Floresta, v. Constância Lima Duarte. *Nísia Floresta vida e obra*. Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1995.

mulheres, ambas acreditavam nesse princípio básico. Também como Mary Wollstonecraft, Nísia se dispõe a questionar publicamente os temas que a afligiam, procurando conseguir o apoio necessário para que suas idéias pudessem ser acatadas. Caberia realmente a uma mulher esta tarefa, uma vez que os homens estavam acomodados a uma situação que lhes era totalmente favorável e ela tomou a si este trabalho, pois em outros livros publicados por Nísia ela continuará dando destaque à questão da educação feminina.

Em 1849 Nísia Floresta partiu para a Europa, onde permaneceu por vinte e oito anos. Quando esteve na França manteve comunicação com Auguste Comte¹⁶⁸ e essa cordial amizade foi retratada no livro *Cartas de Nísia Floresta e Auguste Comte*¹⁶⁹ organizado por Constância Lima Duarte. Esta aproximação com o filósofo positivista fez com que muitos a considerassem adepta ao Positivismo, o que não corresponde à verdade. Há momentos de convergência e divergência de idéias entre a escritora e o filósofo, o que se percebe a partir da leitura da correspondência trocada por eles entre 1856 e 1857. Nessa época a Europa estava efervescente de idéias progressistas, de reavaliação das antigas instituições e muitas correntes de pensamento encaminhavam novos questionamentos. O Positivismo valorizava a figura feminina e julgava a mulher moralmente superior por ela demonstrar maior altruísmo no desempenho de seus papéis. Logicamente era apenas uma polidez superficial que recobria a eterna condição da mulher de permanecer responsável pela família, abnegada sempre e o mais distante possível do poder, não só ao poder político-social, mas ao poder de orientar sua própria

¹⁶⁸ Auguste Comte (1798-1857). Filósofo positivista francês e um dos pioneiros da sociologia.

¹⁶⁹ DUARTE, Constância Lima (org.). org. *Cartas de Nísia Floresta & Auguste Comte*. Trad. Miguel Lemos e Paula Berinson. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

vida. Era um doce discurso, uma valorização da mulher desde que ela se dispusesse a seguir os mandamentos da boa esposa e boa mãe, mas para quem era acostumada a não ter valorização de espécie alguma a doutrina comteana tornou-se bastante sedutora. No entanto, como adverte Constância Lima Duarte:

Assim ao fazer a *sua* leitura do Positivismo e ao destacar nele os pontos que mais atendiam a seus interesses intelectuais, Nísia Floresta adquiriu um certo *verniz* positivista que enganou a muitos que viram aí uma adesão completa. Tanto foi apenas superficial esta identificação, que não se encontra em seus escritos nenhuma outra referência a Comte ou à sua filosofia que não esteja diretamente relacionada com a melhoria da condição feminina.¹⁷⁰

Nísia Floresta teve uma atuação bastante importante no encaminhamento das discussões relativas às condições da mulher no século XIX, e constituiu-se uma exceção em consequência de seu modo de pensar e agir.

PERMANENTES DESAFIOS: SUFRAGISMO

As precursoras feministas abriram o caminho para a reflexão da situação feminina e, a partir daí, um longo processo se desencadeou e vem se processando ao longo do tempo, passando pelos séculos, chegando aos nossos dias e com um longo caminho ainda a ser percorrido. A partir do momento em que as vozes como as de Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta, dentre outras, começaram a ecoar, não faltaram mulheres dispostas a conquistar seu espaço de direito, algumas tinham definitivamente deixado para trás os conceitos da mulher

¹⁷⁰ Idem. “Nísia Floresta Brasileira Augusta”. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Org. Zahidé L. Muzart. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 41-42.

submissa e incapaz, unindo esforços em vários pontos geográficos e se fazendo ver e ouvir, incomodando, colocando-se em posição de receber insultos e repúdio por seu comportamento rebelde, mas era um movimento já sem possibilidade de recuo, estava encaminhado um projeto de emancipação da mulher.

Muitas iniciativas para a conquista dos direitos das mulheres ocorreram a partir de então, em diferentes países, com maior ou menor destaque, mas sempre com objetivos em comum. Um evento muito importante marcou a história do feminismo: a Convenção de Seneca Falls, ocorrida em 1848 em Nova York e que se sobressaiu por combater firmemente a noção de superioridade masculina, alegando que as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens.

Nos Estados Unidos muitas mulheres estavam diretamente envolvidas com a questão da abolição da escravidão por muitas razões, sendo uma delas com certeza o fato de se encontrarem em posição bem similar à dos negros. Estes, pela cor de sua pele, eram condenados aos trabalhos mais árduos, a viverem sob as ordens de seus senhores, em uma vida de privações e humilhações. As mulheres por sua vez, não ocupavam posição muito diferente. Ter nascido mulher era fator determinante para restringir sua participação na comunidade, sendo “obrigada” a cumprir os papéis a ela destinados. Eram, logicamente, diferentes tipos de “escravidão”, mas existia essa aproximação de sentido, essa precondição estabelecida não pela inteligência, pelo esforço, pelas pretensões, mas determinada exclusivamente ou pela cor da pele ou pelo sexo.

Elizabeth Cady Stanton¹⁷¹ e Lucretia Mott¹⁷² (1793-1880) conheceram-se em Londres em uma convenção contra a escravidão em 1840 e a partir daí veio a idéia de organizarem uma convenção similar nos Estados Unidos para discutir sobre os direitos das mulheres. Utilizaram a Declaração Americana da Independência para criarem a “Declaração dos Sentimentos”, na qual expunham de maneira veemente as leis que discriminavam as mulheres e clamavam para que fossem reconhecidas como iguais aos homens. Prepararam uma lista de resoluções as quais foram unanimemente aprovadas, exceto aquela que dava o direito de voto à mulher. Temia-se que requisitar o direito de voto à mulher fosse tão chocante para a sociedade da época que poderia fazer com que o movimento fosse abortado antes mesmo de nascer. Acharam prudente, portanto, não investir por ora no encaminhamento dessa questão. A imprensa da época não deixou passar em branco essa convenção e a mesma foi motivo de estranhamento por parte de muitos que a consideraram surpreendente, até mesmo no sentido de “há quem se importe em debater essas idéias?”. Nessa convenção discutiu-se a situação feminina nos diversos planos: político, social, moral, religioso, e nem é preciso destacar que em nenhum deles a mulher aparecia numa situação de autonomia, muitas vezes sequer era tratada com alguma consideração. Pela importância histórica do documento, transcrevo alguns trechos da “Declaração dos Sentimentos”, na qual primeiramente foram apresentadas as leis que não levavam em conta os direitos das mulheres, sempre tuteladas pelos homens. A seguir foram listadas as urgentes modificações a serem colocadas em prática, substituindo os

¹⁷¹ Elizabeth Cady Stanton (1815-1902). Feminista norte-americana, uma das líderes da campanha pelo sufrágio feminino.

¹⁷² Lucretia Mott (1793-1880). Feminista, defensora da abolição da escravidão e do voto feminino.

antigos (pré) conceitos. Esses excertos merecem ser lidos para que se avalie a relevância desta iniciativa:

[...]

Decidimos: que a mesma proporção de virtude, delicadeza e refinamento no comportamento que se exige da mulher na sociedade, seja exigido do homem, e as mesmas infrações sejam julgadas com igual severidade, tanto em relação ao homem como em relação à mulher. [...] Decidimos: que a igualdade dos direitos humanos é consequência do fato de que toda a raça humana é idêntica em capacidade e responsabilidade. [...] Decidimos, portanto: que tendo sido concebida pelo criador com os mesmos dons e com a mesma consciência de responsabilidade para exercê-los, está demonstrado que a mulher, como o homem, tem o dever e o direito de promover toda causa justa por todos os meios justos; e no que se refere aos grandes temas religiosos e morais, resulta em especial evidência seu direito em dividir com seu irmão os ensinamentos, tanto no público como no privado, por escrito ou oralmente, ou através de qualquer meio adequado, em qualquer assembléia que valha a pena celebrar; e por isto uma verdade evidente que emana dos princípios de implantação divina da natureza humana, qualquer costume ou imposição que lhe seja adversa, tanto moderna como antiga, deve ser considerada como uma evidente falsidade e contra a humanidade. Decidimos: que a rapidez e o êxito de nossa causa depende do zelo e dos esforços tanto dos homens como das mulheres, para derrubar o monopólio dos púlpitos e para conseguir que a mulher participe igualmente nos diferentes ofícios, profissões e negócios.^{173 174}

¹⁷³ SCHNEIR, Miriam (introduction and commentaries). *Feminism: the essential historical writings*. New York: Vintage Books, 1994, p. 81-82.

¹⁷⁴ [...] Resolved: that the same amount of virtue, delicacy, and refinement of behavior that is required of woman in the social state, should also be required of man, and the same transgressions should be visited with equal severity on both man and woman.[...]Resolved: that the equality of human rights results necessarily from the fact of the identity of the race in capabilities and responsibilities. Resolved, therefore: that being invested by the creator with the same capabilities, and the same consciousness of responsibility for their exercise, it is demonstrably the right and duty of woman, equally with man, to promote every righteous cause by every righteous means; and especially in regard to the great subjects of morals and religion, it is self-evidently her right to participate with her brother in teaching them, both in private and in public, by writing and by speaking. by any instrumentalities proper to be used. and in any assemblies proper to be held; and this being a self evident truth growing out of the divinely implanted principles of human nature, any custom or authority adverse to it whether modern or wearing the hoary sanction of antiquity, is to be regarded as a self- evident falsehood, and at war with mankind. Resolved: that the speedy success of our cause depends upon the zealous and untiring efforts of both men and women, for the overthrow of the monopoly of the pulpit and for the securing to women an equal participation with men in the various trades, professions and commerce.

Ao se debater sobre os direitos das mulheres, o sentimento de que os horizontes precisavam ser ampliados levaram à organização de campanhas pelo voto feminino, desencadeadas em vários países e que se estenderam até o século XX. Foi uma conquista que exigiu grande empenho das feministas para que pudesse sair do plano risível e utópico e tornar-se uma realidade, repleta de limitações, é bem verdade, mas com a garantia básica do direito de votar. Sendo assim, a conquista pelo voto não significou o fim, apenas o início de uma nova etapa de lutas.

Nos Estados Unidos o movimento sufragista tentou por anos uma emenda na Constituição, o que não conseguiu; então modificou sua tática e partiu para a luta estado por estado, priorizando aqueles que se mostravam mais receptivos à idéia e em 1919 conseguiu atingir seus objetivos. Na Europa o movimento sufragista mais radical foi o da Inglaterra, desde meados do século XIX as mulheres tentavam em vão sua conquista do voto através de apoio dos parlamentares. No início do século XX ainda não tinham alcançado esse objetivo, partiram então para estratégias mais radicais, como greve de fome e ataques terroristas, ao ponto da sufragista Emily Davison¹⁷⁵ morrer, atirando-se ao cavalo do rei George V, que participava de uma corrida. À época muitos não tiveram a noção de seu ato político e a consideraram louca, assim como Olympe de Gouges também o foi, ou seja, era tão inadmissível rebelar-se contra as imposições sociais às quais as mulheres tinham que se submeter, que aquelas que se insurgiam e se empenhavam por mudanças só poderiam mesmo ser “loucas”. As inglesas

¹⁷⁵ Emily Davison (1872-1913). Militante sufragista inglesa.

conquistaram o direito ao voto em 1928, somente depois de muitos anos de dedicação à causa.

Assim, a luta pelo direito do voto se deu em diferentes países, em diferentes épocas e também com diferentes estratégias. Cumpre agora destacar o movimento sufragista brasileiro, no qual também se evidenciaram várias associações que se empenhavam pelos direitos da mulher, periódicos que apoiavam o movimento e notáveis figuras femininas.

As reivindicações e todo o empenho de Nísia Floresta para que a mulher tivesse condições de uma melhor educação e espaço para atuação social felizmente não ficaram limitadas à esfera temporal. Desde aquele tempo ela não estava sozinha, havia outras que deram continuidade aos seus projetos, mantendo antigas reivindicações relativas à mulher, como também ampliando os anseios por uma maior participação feminina na sociedade. Sendo assim, clamavam, entre outras coisas, por uma educação de qualidade, que deveria ser oferecida aos dois sexos, pela ampliação do espaço às atividades profissionais e pelo direito de votar. As mulheres sempre se interessaram pelos problemas brasileiros, por mais que se desejasse mantê-las afastadas, e, assim como as americanas se empenhavam contra a escravidão, também no Brasil destacamos a presença feminina de abolicionistas como Narcisa Amália¹⁷⁶ e Maria Thomásia¹⁷⁷, dentre outras, inclusive algumas escritoras, que através da literatura denunciaram a situação dos escravos brasileiros, como por exemplo Maria Firmina dos Reis.¹⁷⁸

¹⁷⁶ Narcisa Amália de Campos (1852-1924). Escritora. Sylvia Perlingeiro Paixão realizou estudo sobre ela em *Escritoras Brasileiras do Século XIX*.

¹⁷⁷ Maria Thomásia Figueira Lima (1826-1902?). Abolicionista, participou em 1882 da fundação da Sociedade das Cearenses Libertadoras, com o intuito de promover a libertação dos escravos.

¹⁷⁸ Maria Firmina dos Reis (1825-1917). V. estudo sobre ela feito pela Prof^a Dr^a Zahidé L. Muzart em *Escritoras Brasileiras do Século XIX* e posfácio do Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte em *Úrsula*, obra de Maria Firmina publicada pela Ed. Mulheres e Ed. PUC Minas em 2004.

Com a abolição da escravidão, as relações de trabalho foram modificadas, houve o crescimento das indústrias e a necessidade de ampliar a mão de obra, então a mulher teria mais chances de trabalho fora do lar. Mas as condições de trabalho eram no sentido de explorar ao máximo as operárias com jornada estafante e salários menores do que o dos homens. Além disso, as tarefas domésticas ainda continuavam sob sua responsabilidade, o que equivale a dizer que ao chegarem do trabalho para seu lar, ainda teriam outras tarefas pela frente. Infelizmente essa situação não se modernizou muito e essa história nos parece incomodamente familiar...

A mulher brasileira também queria ir às urnas, participar diretamente das decisões políticas do país, atuar como cidadã consciente de sua importância e não como uma eterna menor que necessitasse de uma figura masculina que exercesse autoridade sobre ela. A professora Leolinda Daltro¹⁷⁹, demonstrando a preocupação das brasileiras com os rumos políticos da nação, fundou em 1910 o Partido Republicano Feminino e em 1917 liderou uma passeata com o objetivo de estender às mulheres o direito ao voto. Uma figura muito importante nesse momento foi a de Bertha Lutz, que ao regressar da Europa para o Brasil, aqui chegou empenhada em unir esforços isolados na mesma direção e assim conseguir força e representatividade.

Nesse momento histórico ainda se percebia o empenho da sociedade patriarcal em lançar mão de velhos discursos para justificar a subordinação feminina. Permanecia a antiga questão dos caprichos da natureza, que havia criado o homem racional e a mulher debilitada, frágil, guiada predominantemente pelas

¹⁷⁹ Leolinda de Figueiredo Daltro (1860-1935). Feminista, defendida o sufrágio feminino.

emoções, sempre sujeita a achaques e crises de histeria, a quem nunca faltava alguém para dizer que “é só casar que passa” e outros conselhos dispensáveis. Como se não bastasse esse argumento “científico”, havia ainda a questão social, acreditava-se que um grave problema seria criado se a mulher ampliasse sua esfera de atuação e começasse a se preocupar com outras questões que não fossem as relativas ao lar. Negava-se então, veementemente, a autonomia feminina e era dada grande ênfase à “estabilidade” social que deveria se manter nos antigos padrões.

Imagine-se o que representavam nesse período idéias de associações, passeatas, pronunciamentos, publicações, defesa dos direitos femininos... Bertha Lutz fundou em 1922 a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, propondo que se reconhecessem os direitos femininos e a participação da mulher na vida pública. O movimento sufragista brasileiro estava em plena atuação e Bertha Lutz não estava sozinha, contava com o apoio de outras mulheres.

Mas muitas críticas foram feitas às sufragistas brasileiras e a Bertha Lutz em especial pela forma como foi encaminhada a luta para conquistar o voto feminino. O que se assinala é que somente as mulheres mais esclarecidas, que tinham formação educacional, se beneficiariam dessa conquista, que estavam buscando um direito o qual a maior parte das mulheres não estaria em condições de exercer plenamente. Não eram discutidas maneiras de propiciar às mulheres maior senso crítico sobre sua condição ou mesmo a superação da vida restrita da grande maioria, à qual, de imediato, pouco significaria votar ou não votar. Outro ponto criticado por algumas feministas foi o tipo de argumentação utilizado pelas sufragistas, enfatizando que ao se conceder direitos às mulheres elas seriam ainda

melhores mães e esposas, como que garantindo à sociedade patriarcal não se “deslumbrarem” com os direitos adquiridos, mostrando que saberiam fazer uso deles com responsabilidade e parcimônia. Ao utilizar estes argumentos era como se estivessem referendando a antiga estrutura familiar. O trecho a seguir foi retirado de uma carta escrita por Bertha Lutz à *Revista da Semana*, em 28 de dezembro de 1918, na qual ela discorre sobre a emancipação feminina:

Foram esses tão excelentes exemplos que me incitaram a escrever esta carta e propor-lhe canalizar todos esses esforços isolados, para que seu conjunto chegue a ser uma demonstração. Para esse fim venho propor-me fazer um ensaio de fundação de uma liga de mulheres brasileiras. Não proponho uma associação de “suffragettes” para quebrar as vidraças da Avenida, mas uma sociedade de brasileiras que compreendessem que a mulher não deve viver parasitariamente do seu sexo, aproveitando os instintos animais do homem, mas que deve ser útil, instruir-se e a seus filhos, e tornar-se capaz de cumprir os deveres políticos que o futuro não pode deixar de repartir com ela. Assim, deixariam de ocupar sua posição social tão humilhante para elas como nefasta para os homens, e deixariam de ser um dos pesados elos que atam o nosso país ao passado, para se tornarem instrumentos preciosos ao progresso do Brasil.¹⁸⁰

No entanto, há a necessidade de novamente destacar a importância da contextualização para melhor refletir sobre os acontecimentos. Basta pensarmos no Brasil de hoje, nas mulheres de hoje e redimensionarmos esse problema retroagindo no tempo. Se as sufragistas tivessem esperado a grande maioria de mulheres ter consciência de seu estado de submissão, quantos anos levariam para conquistar o direito de voto?

¹⁸⁰ HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Trad. Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 408.

Quando as mulheres utilizaram o próprio discurso patriarcal e adaptaram-se a ele, como se a sociedade só tivesse a ganhar concedendo o direito de voto à mulher, isso foi uma arma, a escolhida para a luta, assim como as americanas definiram a estratégia de conquistar esse direito aos poucos, de estado em estado, e assim como as inglesas radicalizaram. Há que se salientar que o combate era desigual, conceitos antiqüíssimos estavam sendo colocados em xeque e as lutas pela conquista do voto em outros países já haviam mostrado isso. Eram necessários muitos anos de insistência para conseguir chegar à conquista, portanto as estratégias estavam adaptadas ao contexto e torna-se difícil criticá-las pura e simplesmente, sem procurar compreender as limitações da época.

Em 1932 foi promulgado o decreto-Lei 21.076 de 24 de fevereiro, aprovando em definitivo o voto secreto e o voto feminino. Não se pode perder de vista que a conquista desse direito nunca foi um fim em si mesmo; também não se pode dizer que a concessão somente ocorreu porque era conveniente à classe dominante que ocorresse. Foi uma conquista importante, histórica e era certo que não significava uma vitória definitiva, mas um longo caminho que se abria num percurso que ainda estava por se cumprir, ou melhor, que continua em aberto e vamos trilhando às vezes em passo mais rápido, outras em passo lento, com direito a algumas pausas, para se olhar para trás e depois novamente para a frente, talvez escolhendo outra vertente deste mesmo caminho.

Foram anos de dedicação para alcançar a conquista do direito ao voto em 1932. Não é uma luta de que se possa diminuir a importância atribuindo-lhe somente críticas. As sufragistas brasileiras tiveram que mostrar muita persistência

e capacidade de resposta, pois a sociedade tradicionalista da época não deve ter poupado ataques à sua atuação.

FEMINISTAS BRASILEIRAS EM DESTAQUE

As reivindicações femininas sempre tiveram o apoio importante das periodistas, que também se dispuseram a desafiar antigos alicerces nos quais a sociedade da época se apoiava. Feministas que usavam a palavra como ferramenta de persuasão, procurando conquistar um espaço cada vez maior para a mulher no sentido de superar os estereótipos do comportamento feminino, verdadeiras amarras para sua liberdade de expressão, tendo que se justificar todo o tempo por não corresponderem às expectativas sociais em relação ao papel desempenhado por elas, explicar por que estavam trabalhando com as letras ao invés de estarem cuidando dos afazeres domésticos, como seria de se esperar.

Desde meados do século XIX, o periodismo voltado às questões da mulher procurava ocupar espaço, não se limitando a considerar que os interesses femininos se restringiam às páginas dedicadas à culinária e ao corte e costura. Assim, mesmo com toda a limitação que um trabalho como esse tinha no século XIX, os jornais foram surgindo com diferentes mulheres à sua frente, feministas conscientes da necessidade de não se acomodar e agir para colaborar com as reflexões, questionamentos e modificações que tanto ansiavam viessem a ocorrer e pudessem ter uma vivência completa, conquistando o direito ao livre pensamento, a poder expressá-lo, a serem reconhecidas em seu valor enquanto

mulheres e não como seres inferiores, limitados, incapazes de assumir responsabilidades e atuar decisivamente na sociedade à qual também pertenciam.

Assim, muitos exemplos poderiam ser citados de periódicos que buscaram contribuir para uma nova visão da mulher, dentre os quais podemos destacar o *Jornal das Senhoras*, fundado em 1852 por Joana Paula Manso de Noronha,¹⁸¹ argentina que viveu durante alguns anos no Brasil. O objetivo do jornal era colaborar para que a mulher alcançasse sua emancipação e pudesse ampliar seus horizontes de expectativa, por assim dizer, a começar pela própria Joana Manso, a qual questiona no artigo “Às nossas assinantes”, publicado em *O Jornal das Senhoras* em janeiro de 1852: “Ora, pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?”¹⁸² Uma mulher escrevendo para um periódico já era motivo suficiente para causar surpresa, ainda mais à frente do jornal, o que mais poderia vir depois disso?

Nesse artigo acima citado, Joana Paula Manso argumenta que o mundo estava voltado ao progresso buscando uma sociedade melhor, moral e materialmente falando, e não poderíamos fechar os olhos para isso, isolando-nos numa ilha de ignorância e retrocesso. Destaco um trecho deste artigo:

Ora! Não pode ser. A Sociedade do Rio de Janeiro principalmente. Corte e Capital do Império, Metrópole do sul d'América acolherá de certo com satisfação e simpatia o JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, se não possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.¹⁸³

¹⁸¹ Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875), argentina que se transferiu para o Brasil. Além de jornalista, atuou como professora e escritora. Sobre ela há o estudo de Eliane Vasconcellos em *Escritoras Brasileiras do século XIX*.

¹⁸² HAHNER, June Edith, op. cit., p. 383.

¹⁸³ Ibid., p. 384.

Outra periodista preocupada com a condição feminina era Francisca Senhorinha da Motta Diniz¹⁸⁴ que, num artigo intitulado “O que queremos”, publicado em *O Sexo Feminino* em outubro de 1873, escreve para responder à indagação sempre feita às mulheres perguntando o que queriam, interrogação formulada, segundo ela mesma, por “espíritos retrógrados”.

Em sua reposta, ela destaca que a grande maioria das mulheres ainda se mantinha em estado de ignorância, desconhecendo seus direitos e outorgando sempre ao marido todas as decisões importantes, inclusive aquelas relativas ao seu próprio patrimônio, e encerra o artigo respondendo o que queriam as mulheres, redigindo uma relação de demandas:

Queremos a nossa emancipação – a regeneração dos costumes;
 Queremos reaver nossos direitos perdidos;
 Queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nossos filhos;
 Queremos a instrução pura para conhecermos nossos direitos, e deles usarmos em ocasião oportuna,
 Queremos conhecer os negócios do nosso casal, para bem administrarmos-los quando a isso formos obrigadas;
 Queremos em fim saber o que fazemos, o porquê e o pelo que das cousas;
 Queremos ser companheiras de nossos maridos, e não escravas;
 Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa;
 Só o que não queremos é continuar a viver enganadas.¹⁸⁵

Em 1888, a feminista Josefina Álvares de Azevedo edita o jornal *A Família*, também reivindicando maior participação social feminina e utilizando o

¹⁸⁴ Francisca Senhorinha da Motta Diniz. Além de jornalista, foi também escritora e educadora. Apesar dos esforços empreendidos e a consulta a várias fontes de referência, não foi possível atribuir-lhe as datas de nascimento e falecimento.

¹⁸⁵ HAHNER, June Edith, op. cit., p. 387-388.

jornal como meio para se chegar ao público-leitor e procurar conscientizar as mulheres que tinham condições de ler, uma vez que muitas delas sequer tinham essa possibilidade.

No artigo com o título “Nosso Aniversário”, publicado no jornal *A Família* em dezembro de 1889, Josefina Álvares de Azevedo escreve em comemoração ao primeiro ano de existência do periódico. Aproveita então a data marcante para enfatizar que o jornal sempre defendeu uma causa, a luta em prol dos direitos da mulher. Em um artigo crítico e mostrando-se bastante consciente, foge do estilo “panfletário” e procura refletir sobre alguns avanços que já se faziam perceber, destacando serem resultado de uma obstinada luta para que se concretizassem. O campo de atuação das mulheres estava mais aberto, possibilitando que já não se limitassem estritamente ao lar, mas ainda longe de atingirem a plenitude de uma participação “intelectual, moral e materialmente considerada”.

A partir dessas constatações a autora se concede ter esperanças de que cada vez mais se acirrará a luta pelos direitos sociais das mulheres:

Não se negará quanto tem sido árdua a tarefa, mas não desalentamos. Quando se alimenta n’alma a esperança, essa virtude que dá seiva e alento ainda às existências precárias, não há obstáculos nem peripécias que nos vençam. E por isso que, um ano após o seu aparecimento na imprensa “A Família” sente-se mais forte para manter-se em sua atitude de combate.¹⁸⁶

Muitas mulheres colaboraram de diferentes maneiras para a ampliação do espaço feminino, e as feministas periodistas merecem ser destacadas pelo seu empenho por publicamente discutirem questões pertinentes e esclarecerem que a

¹⁸⁶ Ibid., p. 395.

situação na qual as mulheres se encontravam não era mais admissível que assim permanecesse. Era pois um protesto veemente e claro, além de prático, uma vez que com certeza elas não eram muitas a escrever, mas estavam representando várias mulheres que não tinham meios de chegar onde elas estavam, nem condições de externar sua insatisfação.

No Brasil sempre houve mulheres dispostas a levar adiante os ideais feministas, algumas com maior ou menor projeção, umas atacadas violentamente pela sociedade, outras toleradas por se mostrarem mais moderadas em seus posicionamentos.

“Por que somos feminista? – Eis uma pergunta ingênua de que várias vezes temos sido alvo, por parte do sexo masculino.”¹⁸⁷ Com esta frase, anteriormente citada, Mariana Coelho inicia seu livro *A evolução do Feminismo: subsídios para a sua história*, publicado em 1933. Sem receio de se autoproclamar feminista, teve atuação destacada na defesa de uma participação feminina mais consciente e produtiva.

Mariana teve um posicionamento bastante crítico e escreveu com o firme propósito de que as mulheres se empenhassem para ampliar seu espaço numa atuação mais digna, valorizando-se enquanto pessoas capazes de gerenciar sua própria vida e de assumir responsabilidades. Ela destacou que a Primeira Guerra Mundial, apesar da calamidade que foi, impulsionou a vida de todos, em especial das mulheres, que deveriam saber aproveitar essas conquistas e diminuir as desigualdades sexuais. Muitas vezes mostrou-se irritada com aqueles a quem chamou antifeministas e não titubeou em responder à altura os “insultos” que

¹⁸⁷ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 29.

recebia. A já citada desigualdade entre os sexos também a incomodava e ela se mostrava inconformada com a placidez feminina, que parecia aceitar condições iníquas de tratamento. Mariana Coelho confiava na educação e no trabalho para que as mulheres tivessem condições de guiar suas próprias vidas, sem ficar na dependência de um casamento arranjado e passar os anos de sua juventude preparando-se para o matrimônio:

A mulher educada no preparo de qualquer rendosa profissão – e ela tem provado no respectivo desempenho, que a sua competência é igual à do homem – não tem receio do futuro, nem se preocupa com a idéia de que ele lhe proporcione um mau marido, nem mesmo a oprime a expectativa de não conseguir aquele que deseja. Amparada pela sua linda profissão, em vez de *aceitar* o ambicionado marido-arrimo, ela pode escolhê-lo, porque o seu trabalho lhe garante a independência, a felicidade. Seus progenitores não precisam mais expor a *mercadoria*, rodeando-a de todos os atrativos para a muitas vezes infrutífera *caça* (do que resultam quase sempre casamentos desastrosos), porque o seu futuro está garantido pelo seu trabalho.¹⁸⁸

Portanto, as idéias feministas que pautaram a vida e boa parte da obra de Mariana Coelho estavam ligadas à capacidade intelectual que a mulher deveria desenvolver através do ensino e na preparação para uma vida profissional; dessa forma, estariam aptas ao desempenho de qualquer função social. Conforme já foi destacado nesse trabalho, a escritora não passou décadas de sua vida apoiando-se nas mesmas premissas e defendendo idênticos ideais. Ao se estabelecer um panorama histórico acerca do movimento feminista, torna-se possível compreender melhor as nuances que o tema feminismo adquire em seus escritos.

¹⁸⁸ Ibid., p. 49.

MARIANA COELHO E SUA ÉPOCA

As condições de vida da população paranaense no século XIX eram precárias e limitadas, a falta de comunicação dificultava o desenvolvimento e o progresso econômico e social era lento. Lideranças cobravam providências do Governo de São Paulo, de maneira a colaborar para que a região paranaense recebesse atenção e apoio financeiro com o objetivo de se executarem os serviços básicos de que tanto se carecia. Sendo assim, em princípios do século XIX criou-se a comarca e designou-se um ouvidor que se estabeleceria na vila de Paranaguá, no entanto, a 19 de fevereiro de 1812, Curitiba tornou-se a sede da ouvidoria.

Em meados de 1850, a população da comarca contava em torno de 60.000 habitantes, o desenvolvimento das povoações do interior era ainda mais lento, praticamente isolados como se mantinham. Esse estado de coisas fez com o desejo de autonomia tomasse vulto e fosse aspiração por parte de lideranças políticas da época.

Após intensos embates políticos, a 29 de agosto de 1853 foi criada a Província do Paraná, desmembrada da Província de São Paulo. A partir de então, iniciava-se uma nova etapa, um período marcado por muitas modificações no cenário paranaense. Em meados do século XIX, mesmo Curitiba, uma das localidades mais desenvolvidas, estava longe de oferecer condições de vida básicas para sua população, não sendo possível cogitar-se sobre uma literatura paranaense. Informações colhidas em Rocha Pombo apontam:

[A cidade de Curitiba]. Poderia conter de 150 a 200 casas. As ruas não excederiam de umas 8 ou 10 e essas mesmas com muitos claros [...]. A povoação circunscrevia-se entre os ribeiros Belém e Ivo e mesmo assim com edificação muito rareada. Não havia nenhum

edifício público. As repartições municipais funcionavam em prédios particulares. Não havia também iluminação pública. Contava a paróquia 4 igrejas, quase todas em mau estado, a começar pela que servia de matriz, no meio da praça central.¹⁸⁹

O dia 19 de dezembro de 1853, além de ser a data da instalação da província do Paraná, marcou também o aparecimento do periódico *Dezenove de Dezembro* como órgão oficial. A princípio foi publicado semanalmente, em fins da década de 1880 passou a ser publicado três vezes por semana, e logo depois, diariamente. Além das publicações oficiais, ainda havia espaço para textos sobre economia, história e mesmo literatura.

Na segunda metade do século XIX surgiram também outros periódicos, dentre eles: *Povo*, *Fênix*, *Imprensa Livre* e *Operário da Liberdade*, todos em Paranaguá; *Antonina*, em Antonina; *Eco dos Campos*, em Castro; *Guaira*, em Campo Largo. Foram publicações de cunho político e geralmente de curta existência, o único que se manteve por décadas foi o já mencionado *Dezenove de Dezembro*. O panorama era no momento mais propício ao surgimento das primeiras manifestações literárias, os filhos das famílias mais abastadas estudavam fora, traziam idéias novas para a província e havia espaço para a valorização cultural, esquecida, por assim dizer, ante a premente necessidade de se garantir condições básicas de vida para a população.

Um dos primeiros escritores paranaenses a merecer atenção e receber comentários sobre sua obra com certa repercussão foi o já citado poeta Fernando Amaro de Miranda. Rocha Pombo reproduz um comentário publicado à época a respeito do escritor:

¹⁸⁹ POMBO, José F. da Rocha. *O Paraná no centenário: 1500-1900*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980, p. 75.

O dia de sua morte foi de imenso pesar para a população desta cidade, então Vila dos Morretes. Ele era aqui extremamente benquisto e estimado. Ninguém acreditava em tão desgraçado acontecimento. Morreu em casa de um seu íntimo amigo, Vicente Loyola, hoje também falecido. Muitos anos depois, achou-se nessa casa, em um caixote aberto, entre papéis velhos e sem valor, três manuscritos seus, sendo dois cadernos de versos e um caderno contendo um começo de drama. Tive os três cadernos em meu poder, durante muito tempo, e hoje estão na Biblioteca Pública dessa capital (Curitiba) para onde os mandei no fim da administração Taunay, juntamente com alguns livros. Fernando Amaro publicou muitas de suas produções – prosa e verso – em um pequeno jornal, que havia em Santos.¹⁹⁰

No entanto, além do poeta Fernando Amaro e de alguns outros letrados, esses primeiros tempos não favoreceram o aparecimento de pessoas voltadas à literatura, uma vez que a atenção se concentrava principalmente na política e em meios que garantissem infra-estrutura básica à nova província para que se desenvolvesse. Se por essa época tínhamos uma literatura incipiente mesmo nos centros mais desenvolvidos, como o Rio de Janeiro, por exemplo, ainda maiores eram as dificuldades no interior do Brasil. O texto abaixo, citado no livro de Romário Martins, exemplifica as condições da maior povoação à época:

O QUE ERA CURITIBA EM 1834

Naquela Villa (de Curityba, em 1834) não havia uma só casa á margem esquerda do riacho do Ivo. No rocio, creava-se gado e cavallos, que comiam sal no largo da Matriz. Nem calçamento, nem iluminação, nem vidraças. O tamanco era o calçado obrigatorio, para os que não andavam descalços. As janellas das melhores casas tinhão postigos, algumas; rotulas, rarissimas; os palacetes tinhão empannadas, que eram um quadro de madeira coberto por panno de algodãozinho. Os casebres tinhão á porta da

¹⁹⁰ Ibid, p. 105.

entrada, á guisa de reposteiro, uma esteira pendente, de taquára. As casas não erão assoalhadas; as melhores tinham raras peças forradas. A mobília das boas salas consistia em uma mesa de pinho, bancos, tamboretas e uma commoda enfeitada por uma bandeja pintada e dous castiças de prata, com velas de cera, resguardadas por grandes mangas de vidro. A rede era o lugar de honra. As senhoras faziam suas visitas, de mantilha, depois da missa, ou de capote, nos dias de semana. Poucos sabião ler. O pae do ... fabricava listas para as eleições e as vendia. Não havia partidos políticos, nem jornaes; raramente apparecia algum número do “Pharol Paulistano”, – primeiro jornal publicado em São Paulo. O commercio era feito por cinco ou seis lojas de fazendas. As maiores vendiam no máximo doze contos por anno. Os artigos eram baetas em rôlos, duas ou tres peças de panno (de lã), fazendas grossas de algodão, – riscados, zuarte azul, algodãozinho; poucas peças de chitas ou morins, e lenços estampados. A seda apparecia, quase que exclusivamente, em fitas ou retroz. Os vestidos de baile eram de cassa de algodão.¹⁹¹

Mesmo antes de o Paraná se tornar província, a população tomava a iniciativa de se organizar para garantir as primeiras letras às crianças, mantendo com recursos próprios escolas primárias. É importante destacar que essas escolas, surgidas ainda nas primeiras décadas do século XIX, eram destinadas a meninos e meninas, ou seja, para as famílias que compreendessem a necessidade de se educar não apenas os filhos, mas também as filhas, as escolas estavam prontas a recebê-las. O que hoje nos parece tão claro e indiscutível, nessa época, ainda presa a preconceitos de toda ordem, era relevante a preocupação dessa população empenhada em garantir instrução às crianças independentemente de seu sexo. Lembremos que muitos julgavam que não seria necessário as mulheres estudarem, pois consideravam que utilizariam seus conhecimentos para enviar bilhetes de amor, por exemplo, e, sendo assim, o melhor era que não soubessem escrever.

¹⁹¹ MARTINS, Romário. *Terra e gente do Paraná*. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995, p. 253.

No entanto, mesmo com essa “boa vontade” demonstrada em relação à educação, fazia-se necessário que houvesse iniciativas oficiais que garantissem formação educacional em várias localidades. Por esse tempo, era preciso atuar politicamente com veemência para garantir a instalação de escolas muitas vezes os pedidos levavam anos para serem atendidos. Rocha Pombo apresenta os seguintes dados relativos à educação:

Em 1865, contra 46 escolas públicas havia 89 escolas particulares! E a frequência infinitamente superior das escolas oficiais – gratuitas – nos indica irrecusavelmente que o desejo de instruir a infância não era mais imperioso e geral entre os abastados. Enquanto as 89 escolas particulares eram freqüentadas por 8898 alunos contribuintes de ambos os sexos, as 46 escolas públicas tinham uma freqüência de 1532!¹⁹²

À medida em que a população tinha acesso à instrução, sobreveio também um interesse e valorização maiores para a leitura e a literatura. Foram fundados clubes, sociedades literárias e bibliotecas. Assim, os locais mais desenvolvidos receberam esse incentivo cultural, e surgiram o Clube Literário de Paranaguá, o Clube Curitibano, o teatro São Teodoro (atual teatro Guaíra), o Museu Paranaense, o Clube Democrático Antoninense, o Clube Alfa (em Morretes), dentre outras iniciativas para o incentivo da cultura.

A partir de então, deu-se início a uma produção literária que avançou no decorrer do tempo e mereceu muitos elogios por parte de Rocha Pombo, ele mesmo um dos expoentes da literatura do Paraná. Ao expor o valor dessas manifestações no campo literário, destacou não se tratarem de simples ensaios ou “toscas primícias”, mas sim, de obras que poderiam se equiparar às melhores

¹⁹² ROCHA POMBO, op. cit., p. 121.

produzidas em outras partes do Brasil e de Portugal. Entre os meses finais de 1898 e início de 1899, foram publicados “uns dez livros”. O autor mostra-se exultante, porque o público leitor era ainda incipiente, sem se falar nas dificuldades de editores para a publicação das obras.

Em 1880, Luiz Coelho fundou em Curitiba a *Revista Paranaense*, primeira publicação a abrir espaço aos escritores da época. Por esse tempo em Curitiba, publicavam-se os seguintes semanários: *Dezenove de Dezembro*, *Província do Paraná* e *Paranaense*. Além desses, havia *Eco do Paraná*, em Paranaguá e o *Povo*, em Morretes. No entanto, a imprensa mantinha-se ainda quase que exclusivamente voltada aos interesses políticos.

Outros literatos foram responsáveis pelo avanço das letras em território paranaense, como Sebastião Paraná¹⁹³ e Leôncio Correia. Em 1886 surge nesse cenário Emiliano Pernetta, considerado à época um talento promissor, mas que não chegou a atingir as expectativas nele depositadas, levando-se em conta a opinião de Rocha Pombo. Além de Emiliano Pernetta outros escritores foram reconhecidos como representantes das letras no Paraná: Dario Veloso, Nestor de Castro¹⁹⁴, Silveira Netto, Julio Pernetta, Romário Martins, Nestor Victor¹⁹⁵, dentre outros. Dario Veloso, Silveira Neto e Júlio Pernetta fundaram a revista *Cenáculo*, marcando época em Curitiba entre os anos de 1896-1897. Emílio de Menezes foi um dos escritores que extrapolou as fronteiras paranaenses e tornou-se também conhecido em outros lugares do Brasil, passando a residir no Rio de Janeiro a

¹⁹³ Ssebastião Paraná (1874-1938). Professor, pertenceu à Academia Paranaense de Letras e ao Centro de Letras do Paraná.

¹⁹⁴ Nestor de Castro (1867-1906). Escritor, atuou como jornalista.

¹⁹⁵ Nestor Victor dos Santos (1868-1932). Abolicionista, partidário da República, colaborador de vários jornais e revistas.

partir de 1887. Rocha Pombo destacou ainda o primeiro vulto feminino a merecer sua atenção, Mariana Coelho:

Na capital do Paraná trabalham ainda distintos espíritos adventícios, como o Sr. Abel de Hamvultando (em cuja alma insondável e misteriosa, pressentimos que há, latentes, originalidades e impulsos aproveitáveis) e D. Mariana Coelho, distinta poetisa e prosadora correta e fluente, tão digna de simpatia e de estima pela perseverança e fanatismo com que trabalha.¹⁹⁶

No ano de 1900, o Paraná guardava grande distância das enormes dificuldades dos anos anteriores. Rocha Pombo mostrou-se eufórico com o progresso que impulsionava a região, especialmente Curitiba:

O movimento na cidade é extraordinário, e a vida de Curitiba é já a vida afanosa de um grande centro. Existem para mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios particulares, cinco livrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem, e uma litografia importantíssima. Entre os estabelecimentos de ensino, além do Ginásio e da Escola Normal, que são oficiais, contam-se a Escola de Artes e Indústrias, o conservatório de Belas-Artes, o Seminário Episcopal, etc. Publicam-se presentemente na Capital paranaense oito jornais, sendo quatro diariamente.¹⁹⁷

Mariana Coelho, merecedora de elogios da parte de Rocha Pombo, escreveu em 1908, conforme já referido anteriormente, o livro *O Paraná Mental*, no qual reflete sobre a produção artística paranaense. Cito-o novamente com o intuito de contextualizá-lo à época em que foi publicado. O cunho da obra era inédito no estado e tomou-lhe vários anos de estudos e pesquisas para que fosse

¹⁹⁶ ROCHA POMBO, op. cit., p. 133.

¹⁹⁷ Ibid., p. 141-142.

elaborada, traçando aspectos relevantes nas áreas de literatura, teatro e artes plásticas. Em 1898 o ensaísta, jornalista e pensador português Sampaio Bruno (pseudônimo de José Pereira Sampaio), publicou *O Brasil mental*, livro no qual havia uma análise crítica sobre a produção intelectual brasileira e que causou certa polêmica entre os literatos paranaenses da época, como Rocha Pombo e Romário Martins, dentre outros, devido ao modo pelo qual foi tratada a literatura brasileira. Coube à portuguesa Mariana Coelho contribuir com a discussão, escrevendo uma obra com título semelhante. A própria autora nos explica:

Impelida pelo veemente e justo desejo de provar a minha grande dedicação a este belo e hospitaleiro estado, resolvi dar a lume um livro em que salientasse o lisonjeiro e respectivo desenvolvimento da arte paranaense, e onde coligisse tudo que sobre a bela mentalidade de alguns de seus ilustres filhos tenho escrito.¹⁹⁸

Através desse livro, Mariana Coelho tomou parte nas comemorações do centenário e não perdeu oportunidade para reiterar sua confiança no progresso, aproveitando o clima de esperanças e expectativas que geralmente ensejam as viradas de século. Esse impulso evolutivo era para Mariana essencial, pois através desse desenvolvimento seria possível almejar seus anseios de emancipação da mulher.

No século XX o impulso renovador aprofundou-se e ampliou-se, inclusive em relação à participação feminina que efetivava as conquistas do passado e projetava novos desafios a serem enfrentados, uma vez que a sociedade ainda estava em franca transformação. E a par do impulso renovador, coexistiam preconceitos e mesmo defensores de padrões de comportamento de tempos

¹⁹⁸ COELHO, Mariana. *O Paraná mental*, op. cit., p. 23.

anteriores e a mulher, eterno dilema, dividia-se entre o lar e a participação social, as com comportamento vanguardista, bem dito, pois a maioria ainda sequer se ocupava do referido dilema.

Curitiba foi a cidade na qual Mariana Coelho desenvolveu suas atividades intelectuais. Por isso, interessa-nos de maneira geral o contexto histórico-social do estado do Paraná nas primeiras décadas do século XX, período de maior produção literária da escritora, e de modo particular a capital paranaense, que conheceu nesse tempo a diversificação dos espaços públicos e o incremento da infraestrutura. A imigração acentuou a feição européia da cidade e trouxe a contribuição de estrangeiros que auxiliaram a modernização do espaço, não apenas em seu aspecto urbano, mas também intelectual. Mariana Coelho é exemplo dessa contribuição, assim como Georgina Mongruel¹⁹⁹ e Lucie Laval²⁰⁰, escritoras, e muitas outras em áreas diversas. Mesmo que todas elas não tivessem necessariamente o perfil altamente crítico da situação feminina, ainda assim possuíam uma visão mais evoluída da mulher, uma vez que tinham a Europa por referência, e isso certamente influenciou as paranaenses da época.

Estendeu-se ao século XX a preocupação com a educação, no sentido de ampliar e aprimorar o ensino no estado. A diferença, todavia, era de que anteriormente bastava o ensino básico e apenas poucos privilegiados prosseguiram em seus estudos, nesse momento, porém, ocorreu a valorização do ensino secundário. As escolas não se concentravam apenas nos locais mais

¹⁹⁹ Georgina Mongruel (1861-1953). Foi professora, escritora e musicista. Nasceu na Bélgica e em 1891 passou a residir no Brasil; em 1894 fixou residência em Curitiba.

²⁰⁰ Lucie Laval (1895-1914). Escritora, nasceu no Senegal e foi instruída na França. Em 1908 veio para o Brasil e em 1911 passou a residir em Curitiba.

desenvolvidos. A fundação de um estabelecimento escolar era uma das primeiras providências das autoridades nas cidades que se iam formando.

Em Curitiba, a par das instituições de ensino público, havia várias escolas particulares, grande parte delas de feição laica e progressista. Fundado em 1906 por Mariana Coelho, conforme anteriormente referido, o Colégio Santos Dumont estava entre os de maior prestígio, como o colégio Paranaense e a Escola Republicana, estabelecidos em Curitiba, os quais se pautaram pelos ideais do livre-pensamento, pelo direito à reflexão fundamentada na razão, isenta das subordinações dogmáticas. Nesse sentido, a maçonaria e a doutrina positivista contribuíram para a disseminação do ensino leigo.

Nos anos de 1920, o pensamento positivista era bastante difundido nesse estado, manifestando-se através da expressão do sentimento patriótico, na maneira como o ensino era conduzido e, o que sobremaneira nos interessa nesse estudo, na forma idealizada de conceber a figura da mulher. Em alguns momentos, Mariana Coelho, como já examinado nesse trabalho, mostrou-se favorável ao pensamento comteano, muito provavelmente pela aura de reconhecimento ao valor feminino que à primeira vista se depreende do positivismo. No entanto, lançou críticas a esse pensamento: “Já depois de Napoleão, em pleno século XIX, Augusto Comte R o ‘divinizador da mulher’ _ aprovava a máxima de Aristóteles, o antigo filósofo grego, que sentenciava: ‘A principal força da mulher consiste em superar a dificuldade de obedecer’.”²⁰¹ Importante salientar que ela nunca se omitia das principais questões intelectuais da época.

²⁰¹ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 370.

Os positivistas defendiam a prioridade da ciência e renegavam a religião, nesse aspecto aproximam-se dos livres-pensadores e maçons, que defendiam a organização laica do estado. Esses embates de ideais criaram condições favoráveis para a fundação da primeira universidade paranaense. A fundação de uma universidade no Paraná impulsionou o campo cultural. Os tempos eram de efervescência de diferentes ideais:

Em várias cidades paranaenses, intelectuais de um ativo círculo literário estavam ligados, não apenas aos salões de clubes elegantes, mas a inúmeros grêmios, associações e congregações. Eram eles republicanos idealistas, católicos conservadores, maçons e espíritas, feministas e antifeministas, que disputavam o predomínio do pensamento em todo o estado, envolvendo-se em um constante confronto de idéias.²⁰²

Curitiba possuía pouco mais de 30.000 habitantes quando passou a contar com o ensino superior, a princípio instalado em um prédio alugado. As aulas tiveram início em 1913. A escolarização propiciou melhores condições para o desenvolvimento da vida cultural, ainda que apegada a antigos preceitos de comportamento feminino. Se a formação educacional não era a ideal ou a desejada, ao menos havia uma educação escolar para as mulheres, isso era um fato, caminho sem volta que nos trouxe até onde hoje chegamos, ainda com um longo percurso a trilhar nos próximos tempos. Imperava o espírito do novo século, dos ideais republicanos, destituídos em boa parte daquele furor de esperanças e expectativas dos primeiros tempos da proclamação da república, mas que contribuíam para que se mantivesse vivo o desejo de constituir uma sociedade que se pautasse pelo avanço propiciado pelas máquinas, pela maior possibilidade de

comunicação. Com o decorrer das primeiras décadas do século XX, mesmo a educação feminina sofreu reflexo dessa necessidade de respirar ares de modernidade e o ensino como preparação para o mercado de trabalho era então uma realidade para as mulheres. No entanto, visavam-se as mulheres que não possuíssem uma mão masculina que as guiasse, caso das solteiras órfãs e das viúvas. Era preciso que elas tivessem condições de se manterem, não apenas por elas, mas primordialmente para que se conservasse a obediência aos preceitos morais; a intenção era a de que essas mulheres levassem a vida “honestamente”.

Etelvina Trindade destaca:

[...] a educação das mulheres se faz segundo a posição social: às destinadas à subsistência pelo trabalho, atribui-se a aprendizagem de atividades manuais, ocupação tradicionalmente reservada ao sexo feminino; para as jovens das classes mais favorecidas, acrescenta-se a esse fundo doméstico comum, uma bagagem variada de artes de salão e de conhecimentos literários.²⁰³

Mariana Coelho acreditava de maneira convicta que a educação seria o caminho mais curto para se alcançar a emancipação feminina. Em suas publicações sempre enfatizou a necessidade de que a mulher não se restringisse a preparar-se para o matrimônio, que antes fosse uma opção e não o fim último. E mesmo para aquelas que optassem por constituir família, a educação formal seria sempre necessária para seu desenvolvimento pessoal, visando tornarem-se pessoas mais críticas e capazes de auxiliar a família em outra esfera além da doméstica,

²⁰² TRINDADE, Etelvina Maria de Castro e ANDREAZZA, Maria Luiza. *Cultura e educação no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001, p. 84.

²⁰³ TRINDADE, Etelvina, Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996, p. 77.

como também a protegeriam de um malfadado matrimônio e assim teriam condições de se sustentar e recomeçar a vida em outras bases.

A carreira do magistério era uma opção profissional para as mulheres, no entanto, ainda não era nada fácil aspirar ao ensino superior. Poucas paranaenses ocuparam os bancos universitários e mesmo aquelas que haviam conseguido um diploma esbarravam depois em preconceitos que as impediam de exercer o ofício para o qual despenderam anos de estudo. Foi um grupo de paranaenses descontentes com essa situação que teve a idéia de fundar o Centro Paranaense Feminino de Cultura. Em 1933, três estudantes, Rosy Pinheiro Lima,²⁰⁴ Ilnah Secundino²⁰⁵ e Deloé Scalco,²⁰⁶ discutiam nas escadarias da Catedral do Arcebispado, em Curitiba, sobre o futuro profissional que as aguardava quando concluíssem o curso superior. Inconformadas com o pouco apreço e confiança que recebiam, decidiram tentar reverter a situação. Idealizaram fundar uma associação que valorizasse a atuação feminina, ainda muito limitada ao lar; nasceu assim o Centro Paranaense Feminino de Cultura, ao qual Mariana Coelho pertenceu. Em seus primeiros anos, foram realizadas várias conferências, recitais, exposições e incrementou-se a participação das mulheres mesmo fora de seu estado. Paralelamente ao enfoque cultural, as associadas dedicavam-se também a oferecer cursos, como de corte e costura, puericultura, inglês, datilografia, entre outros. As escritoras paranaenses do período conquistaram um espaço de atuação até então inédito no estado. Em 21 de outubro de 1961 foi lançado o livro *Um século de*

²⁰⁴ Rosy de Macedo Pinheiro Lima (1914-2002). Nasceu em Paris, de tradicional família paranaense, estudou em vários países. Escritora e advogada, foi a primeira mulher paranaense a ingressar na Assembléia Legislativa do Estado, em 1947. Publicou importante livro sobre a poetisa Júlia da Costa: *Cartas de Júlia da Costa*.

²⁰⁵ Ilnah Pacheco Secundino (1914). Escritora, graduou-se em ciências jurídicas e sociais.

poesia: poetisas do Paraná, obra que reuniu a produção literária de várias escritoras – inclusive Mariana Coelho – iniciativa que nos permite atualmente compreender melhor a literatura feita por mulheres no Paraná. Sem esse livro, provavelmente muitas dessas escritoras estariam definitivamente esquecidas; a obra tornou-se uma referência fundamental em muitos momentos dessa pesquisa. Em 1997 o CPFC publicou também o livro *Mulheres escrevem*²⁰⁷, com crônicas e poesias das escritoras ligadas à associação. Em comemoração ao cinquentenário do CPFC, escreveu Olga Gutierrez:

Nesta longa trajetória quanta coisa a sua história nos conta, quantos momentos de encantamento, de emoção, de ternura foram vividos entre as suas paredes, na sinceridade das homenagens prestadas, na beleza da música, no suave embalo da poesia; quantos livros foram lançados fazendo sobressair novos autores, enriquecendo o acervo cultural de nossa terra; mas também, quantos momentos difíceis, quantas lutas, quantos problemas precisaram ser vencidos para que o Centro continuasse vivendo, continuasse a percorrer o seu caminho de glórias que teve início no longínquo 5 de dezembro de 1933.²⁰⁸

O Centro mantém até os dias atuais suas atividades, com destaque a uma biblioteca que guarda a memória literária das escritoras paranaenses. Em visita a essa instituição no ano de 2003, recebi um folheto no qual constava a programação para o mês de junho daquele ano: palestra “O encanto de contar histórias”; conversa de centristas; apresentação de poemas de James Joyce; lançamento do projeto musical “O Romantismo de Chopin”; lançamento de livros

²⁰⁶ Deloé Scalco foi presidente do Centro Paranaense Feminino de Cultura entre 1934 e 1937. Não se dedicou à produção literária; as obras de referência consultadas não apresentam as datas de nascimento e falecimento de Deloé.

²⁰⁷ CENTRO Paranaense Feminino de Cultura. *Mulheres escrevem*. Curitiba: Visagraf, 1997.

²⁰⁸ Idem. *Panorama Cultural: comemoração do seu jubileu de ouro – 1933-1983*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1983.

de duas escritoras; oferta de cursos de desenho e pintura, de idiomas e de leitura e interpretação de poemas de Fernando Pessoa; recital de violão. O papel desempenhado pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura durante todos esses anos é fundamental para a história da mulher, sendo o responsável, em grande parte, pela guarda da memória literária feminina produzida no estado.

Em meio aos ideais da maçonaria, do espiritismo, do Neopitagorismo,²⁰⁹ que encontraram campo fértil em Curitiba, há que se destacar o movimento feminista nas primeiras décadas do século XX. Mariana Coelho, Rachel Prado²¹⁰ e Leonor Castellano²¹¹ foram expoentes à época e se mostraram determinadas a garantir um espaço de maior relevância às mulheres. O debate estava aberto e, através dos relatos das próprias feministas, elas sofreram pressões da ala masculina conservadora e mesmo de algumas mulheres, que preferiam manter-se presas ao antigo padrão de comportamento e consideravam desnecessário, por exemplo, o voto feminino.

Por sua vez, os homens aferravam-se aos argumentos ainda do século XIX e mostravam-se temerosos do que pudesse advir do fato de as mulheres demonstrarem-se dispostas a mudar as regras do jogo e deixarem de circular, muitas vezes em diminuta circunferência, aos espaços domésticos e pleiteassem sua incursão aos espaços públicos, como o cinema, uma das grandes atrações

²⁰⁹ Neopitagorismo: corrente doutrinária que se desenvolveu em Roma, a ela são associados elementos do platonismo, estoicismo e mística oriental. No Paraná, Dario Veloso fundou em 1909 o Instituto Neopitagórico, o qual visitei em 2003 em pesquisa sobre sua esposa, Escolástica de Moraes Veloso.

²¹⁰ Rachel Prado (1891-1953). Pseudônimo de Virgília Stella da Silva. Nasceu no Paraná e depois se transferiu para o Rio de Janeiro; líder feminista, escritora, jornalista e pioneira ao criar uma editora, Ravaró, em 1934.

²¹¹ Leonor Castellano (1899-1969). Também nascida no Paraná, feminista, jornalista e escritora. Presidente perpétua do Centro Paranaense Feminino de Cultura.

desses tempos, além de aderirem à modernização da moda e às novas danças de salão.

Portanto, para a mulher paranaense nas primeiras décadas do século XX, a atuação profissional e social era ainda bastante cerceada; estava na pauta do dia das feministas, no entanto, longe ainda de ser uma realidade, mantinha-se no plano das expectativas. Ou seja, havia ainda muito a ser feito para que essas modificações na vida das mulheres se efetivassem.

Apesar dos intensos esforços da parte de Mariana Coelho e outras feministas por esse tempo, os ideais de emancipação feminina não chegaram a abalar as estruturas familiares paranaenses, ainda firmemente calcadas em alicerces que sustentavam antigos padrões de comportamento, considerando-se, portanto, como papel primordial da mulher, o casamento e os cuidados com o lar, marido e filhos. O celibato, opção de Mariana Coelho, era ainda considerado um destino funesto, pensamento aziago que rondava de quando em vez a mente das moças casadoiras entre um ponto e outro de bordado do enxoval. Mesmo as que optavam por manterem-se solteiras, teriam que enfrentar no mínimo duas situações bastante adversas: responsabilizarem-se por seu próprio sustento em uma sociedade que oferecia poucas oportunidades de trabalho à mulher – além da não-valorização do trabalho feminino –, e a discriminação que sofreriam, de que são exemplos os artigos, charges e caricaturas da imprensa da época. Assim, muitas mulheres preferiam um mau casamento a casamento algum, condenando-se, muitas vezes, a uma vida de submissão e infelicidade.

Àquelas que se mantinham apegadas aos padrões de comportamento impostos pela sociedade, recaía sempre uma visão idealizada de si e de seu

comportamento. A renúncia de forma desmedida as fazia colocarem-se como guardiãs da família, sempre prontas aos maiores sacrifícios para manter a harmonia do lar. Esse tipo de discurso facilitava a manipulação dos direitos das mulheres, em especial da que trabalhava fora, porque ainda assim, baseando-se nessa “aura” quase santificada, considerava como sendo inteiramente sua a tarefa de cuidar da casa, acumulando as jornadas de trabalho. Há ainda que se salientar que recebiam menos por seu trabalho por serem mulheres e muitas repassavam a seus maridos o salário que recebiam.

Em relação às artes, a posição secundária da mulher se ratifica e a representação masculina, além de ser em maior número, é tida também como de melhor qualidade. No entanto, algumas paranaenses adentraram pelo campo da música, pintura e literatura, e foram melhor acolhidas, principalmente quando compunham versos, tidos como mais adequados à sensível alma feminina. Mariana Coelho também compôs versos, porém, superados pelo valor de seus ensaios, nos quais discorreu sobre temas como o feminismo, a pena de morte, a língua portuguesa e a literatura produzida no estado do Paraná. Longe dos versos românticos, parnasianos e simbolistas compostos pela grande maioria de escritoras paranaenses nesse período, Mariana Coelho recebeu várias críticas, mas também o reconhecimento de muitos intelectuais, como Dario Veloso e Rocha Pombo, que admiravam a tenacidade com que Mariana se dedicava ao trabalho como educadora e escritora e o arrojo de suas idéias, em pleno início do século XX, na provinciana Curitiba. É relevante destacar que Mariana Coelho não se limitava às fronteiras paranaenses, viajando para outros estados e países e mantendo estreito contato com feministas, escritores e pessoas que

demonstrassem preocupação com os rumos culturais, como o atestam as várias referências que faz em seus escritos a recebimento de cartas e telegramas. No livro *A evolução do feminismo*, quando a escritora se refere à cerimônia de casamento da religião protestante, critica o juramento feminino, pois apenas nesse há menção à obediência. Em nota, ela esclarece:

Já depois de concluídas estas páginas, um telegrama de New York em janeiro deste ano (1930), nos deu conhecimento de sensacionais alterações da “velha forma” no livro de orações da Igreja Episcopal Protestante, que em breve seria publicado. As alterações mais importantes são as que se referem à cerimônia do casamento. A palavra “obedecer” foi banida do juramento da mulher – devendo agora ser igual ao do homem.

Lavrou a Igreja Protestante mais um tento no racional terreno do progresso, acompanhando desta forma a escalada que o Feminismo empreendeu por entre os tropeços das leis arcaicas, até atingir, triunfante, na sua indômita ânsia igualitária, o cume da vitória.²¹²

Não recebendo o aval da sociedade para se tornarem artistas, muitas mulheres participavam de grêmios e associações que mesclavam as artes em geral com atividades de cunho beneficente, ou seja, as artes não eram consideradas seriamente, mas apenas uma distração. A maioria das associações era de cunho assistencial, dentre as quais podem ser citadas Damas de Caridade e Filhas de Maria,²¹³ entre outras. As atividades literárias ocorriam no Centro de Letras do Paraná e no Centro de Cultura Feminina. Dentre as associações que não seguiam os preceitos religiosos católicos estavam a Associação Feminil Livre-Pensadora e Filhas de Acácia, ligadas à Maçonaria, e associações femininas espíritas. As

²¹² COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, op. cit., p. 63-64.

²¹³ Entidades beneficentes. As damas de caridade são mulheres geralmente pertencentes às classes mais altas da sociedade, que fazem um serviço voluntário assistencial. Filhas de Maria é uma associação religiosa para leigos no intuito de que participem mais assiduamente dos rituais litúrgicos, assim como colaborem para a difusão da doutrina católica.

diferenças entre elas se baseavam no ideário religioso, mas mantinham-se contíguas em relação ao aspecto filantrópico, o que de certa forma as distanciava dos ideários feministas, uma vez que mesmo ocupando um espaço público e revestindo com fina camada de verniz intelectual a participação fora do lar, as mulheres conservavam grande proximidade ao estereótipo da boa alma feminina, incansável em sua abnegação e empenhada em auxiliar o próximo. No entanto, apesar do apego conservador demonstrado pelo caráter assistencialista da participação feminina nas diferentes associações, era uma importante conquista o fato de poder atuar em esfera diferente da estritamente familiar.

A tendência era a de um caminho sem volta, ou seja, ainda que timidamente, as mulheres não se limitariam mais ao lar e a preocupação com a formação profissional era já uma realidade. Posteriormente, aquelas tidas como precursoras em diversas ocupações receberiam o reconhecimento por terem aberto o caminho ou ampliado as chances da participação feminina em diversas carreiras.

Em 1938, Rodrigo Júnior e Alcibíades Plaisant publicaram *Antologia Paranaense*, obra na qual destacaram os principais escritores e dedicaram espaço a Mariana Coelho, que mesmo tendo nascido em Portugal, publicou a maior parte de sua produção literária nesse estado. Em referência à escritora esclarecem:

Filha de Manoel Antonio Ribeiro e de d. Maria do Carmo Meirelles Coelho, nasceu na Vila de Sabrosa, distrito de Vila Real, Portugal. Partiu para o Brasil em julho de 1892, e no mesmo ano fixou a sua residência na capital do nosso Estado, dedicando-se mais tarde ao magistério, e educando, por largos anos, várias gerações femininas no seu conceituado “Colégio Santos Dumont”. É atualmente diretora da Escola Feminina República Argentina, mantida pelo governo paranaense. As suas primícias poéticas vieram a lume em 1887, no *Comércio de Vila Real*. Poetisa e prosadora, espírito altamente cultivado, tem enriquecido com seu constante trabalho o

cabedal bibliográfico do Paraná, terra muito amada do seu coração. É sócia do Centro de Letras do Paraná.²¹⁴

Em 1959 o Centro Paranaense Feminino de Cultura publicou, como anteriormente citado, o livro *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, uma coletânea, como o próprio título sugere, das principais escritoras paranaenses que se dedicavam aos versos. Dentre elas, estava Mariana Coelho, com direito a um retrato a bico de pena feito por José Demeterco, pequena biografia e alguns de seus poemas. Nessa antologia há o destaque para os ideais feministas da escritora e o comentário publicado permite inferir que quem o escreveu era igualmente simpatizante de sua postura:

Prosadora e estudiosa, escritora de qualidades sólidas, ocasionalmente poetisa, tem entre os que escreveram no Paraná, um lugar de destaque, com seu livro *A Evolução do Feminismo*, considerado por muitos, o trabalho mais completo sobre o assunto. Trabalhadora incansável, é a mulher que mais obras publicou no Paraná.²¹⁵

A atuação feminina havia tomado novos rumos em meados do século XX, sem dúvida resultado do empenho de feministas como Mariana, que passou a vida dedicando-se à conquista de respeito e consideração para as mulheres. A emancipação feminina não causava calafrios como há tempos atrás, apesar de que vários preconceitos mantiveram-se ainda praticamente inalterados. No entanto, as

²¹⁴ RODRIGO Júnior e PLAISANT, Alcibiades. *Antologia Paranaense*. Curitiba: Ed. Livraria Mundial França & Cia., 1938, p. 264-65. [Ortografia atualizada].

²¹⁵ CENTRO Paranaense Feminino de Cultura. *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, op. cit., p. 145.

mulheres conquistaram o direito ao voto e muitas tinham a oportunidade de estudar e trabalhar, mas há que se ressaltar, de acordo com Linhares:

É certo que à mulher já estão abertas as fábricas, as lojas, os escritórios, as faculdades de ensino superior, mas o casamento continua a ser considerado para ela uma das carreiras mais honrosas que a dispensam de outra participação qualquer na vida coletiva.²¹⁶

Para a maioria, o matrimônio ainda era a garantia de *status* ou sustento. No entanto, a tendência nos anos de 1950 era a de buscar independência, os olhos femininos voltavam-se às conquistas que poderiam obter, recusando a tutela masculina, afirmando-se em sua individualidade, não mais sendo necessário viver para o marido e os filhos, nem restringir o cuidado familiar como uma das únicas preocupações em sua existência. Atento em colocar a mulher paranaense em um patamar de maior valorização, Temístocles Linhares esmerou-se em um discurso que guardou em si, de início ao fim, uma dubiedade entre antigos e novos conceitos em relação à mulher:

Seja como for, porém, o que cumpre não esquecer é esse caráter fraternal e solidário de toda uma evolução histórica, criando e fomentando valores novos, agindo e reagindo sobre uma comunidade de trabalho que deu já como resultado o que estamos vendo: o Paraná vivo de hoje. Esse Paraná em que homens e mulheres vão já parecendo iguais. Iguais, bem entendido, em torno de um mesmo fim, de uma mesma fraternidade e solidariedade, a despeito de todas as diferenciações naturais de ambos os sexos.²¹⁷

²¹⁶ LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo: um retrato sem retoques*. 20ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000, p. 309.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 311.

Portanto, o crítico ainda reflete em sua fala o que muito provavelmente era o pensamento da sociedade da época, ou seja, houve uma modificação no comportamento feminino, mas ainda muito distante da verdadeira emancipação, seriam conquistas ou ampliações de espaço, mas com muito a ser feito.

Marilda Binder Samways lançou no final da década de 1980 o livro *Introdução à literatura paranaense*,²¹⁸ no qual destaca a importância da revista *Joaquim* e, para melhor contextualizar o periódico, dispôs-se a focar a literatura do estado desde os precursores e pioneiros até a contemporaneidade, com pequena antologia ao final da obra. Em relação à primeira fase, destacou os traços românticos que ensejavam as produções literárias do período; em seguida, a autora apresentou também breves comentários sobre escritores anteriormente referidos por Rocha Pombo e Mariana Coelho, os quais foram citados nesse estudo. Esses precursores trilharam importante caminho e deixaram uma herança literária, a que caberia agora aos escritores das novas gerações darem prosseguimento.

Nas décadas de 1940 e 1950 Mariana Coelho já não surge com a mesma frequência que em décadas anteriores no cenário intelectual paranaense. Estava aposentada e enferma, segundo informações de familiares. No entanto, é importante salientar os principais acontecimentos literários desse período, para que seja possível compreender melhor como a escritora manteve uma postura de vanguarda em seu tempo, principalmente em um meio ainda tão acanhado culturalmente como o qual ela vivia.

²¹⁸ SAMWAYS, Marilda Binder. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba: Livros HDV, 1988.

Mariana Coelho foi ainda citada em outras obras que distinguem os escritores paranaenses, além das já citadas, *Antologia Paranaense* de 1938, e *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, de 1959. Maria Nicolas²¹⁹ escreveu a série *Vultos Paranaenses* e no quarto volume exalta a produção literária feminina, no entanto, no prefácio do livro esclarece que advoga pela instrução da mulher, porém, no sentido de assim tornar-se melhor mãe. Apesar da grande distância temporal, suas idéias eram similares às de Inês Sabino, que utilizou argumentos análogos em *Mulheres Ilustres do Brasil*²²⁰. Em linguagem quase poética assim se referiu à escritora:

Talvez, por haver nascido no mês da primavera, Mariana Coelho era uma grande afeiçãoada às flores. Jardineira especial, dispersou aos ventos destes pagos as múltiplas coloridas pétalas de sua inteligência de escol.

Dedicou-se com amor e particular carinho às reivindicações da mulher que trabalha, luta e pensa.

Em nossa terra Mariana Coelho foi o farol, o expoente máximo de tão edificante luta.²²¹

Novamente a postura feminista de Mariana Coelho é relacionada à sua produção literária, não sendo portanto dissociadas, mas complementares, a feminista e a escritora. Pompília Lopes dos Santos é autora de *Sesquicentenário da poesia paranaense: antologia*, obra publicada em 1985, portanto mais de três décadas após o falecimento de Mariana. Há que se ressaltar, no entanto, que a autora dessa antologia era ligada ao Centro Paranaense Feminino de Cultura e engajada em muitos dos ideais que nortearam a escritora de *A evolução do*

²¹⁹ Maria Nicolas (1899-1988). Professora, historiadora, escritora.

²²⁰ SABINO, Ignez. *Mulheres ilustres do Brasil*. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1996.

²²¹ NICOLAS, Maria. *Vultos paranaenses*, op. cit., p. 67-68.

feminismo. Nesse estudo, Pompília salienta a produção literária do Paraná contemplando escritoras e escritores, portanto, a intenção era exibir um panorama das letras do estado sem distinção de gênero, assim como aquela organizada por Rodrigo Júnior e Plaisant. Ela, no entanto, procurou não se “esquecer” das escritoras e proporcionou espaço melhor equacionado entre os sexos. Ao discorrer sobre Mariana Coelho, a autora da antologia assim se expressou: “Para essa nobre batalhadora, incansável pensadora, procurando sempre a fórmula certa para a felicidade no seio da sociedade, a poesia foi um oásis repousante, uma pausa, um momento de alheamento à busca insistente do ideal que a norteou.”²²² Dentre as publicações que reúnem nomes dos escritores e escritoras mais importantes do Paraná, ressurte-se a ausência de uma verbete dedicado à Mariana Coelho no *Dicionário Histórico-biográfico do estado do Paraná*. Essa omissão nos induz a alguns questionamentos. O fato de a escritora ser portuguesa poderia ser uma justificativa, mas há, por exemplo, verbete referente ao colonizador alemão Oswald Nixdorf, portanto a nacionalidade não seria impedimento. O fato de ter sido uma das mais recentes publicações a coligir os principais expoentes do estado seria uma provável dedução, visto que a escritora faleceu em 1954 e talvez o distanciamento temporal a tenha apagado da memória paranaense, no entanto, consta nessa publicação verbete sobre o poeta e jornalista Domingos Virgílio Nascimento, cujo falecimento remonta aos idos de 1905. Sendo assim, resta crer que a postura feminista de Mariana Coelho, tida como controversa por muitos, tenha “colaborado” para essa lacuna em um livro que pretendia tornar-se referência em se tratando de figuras eminentes do Paraná.

²²² SANTOS, Pompília Lopes dos, op. cit., p. 234.

Esse retrospecto sobre o contexto histórico-social-cultural paranaense possibilita uma melhor compreensão da atuação de Mariana Coelho e o quanto seus ideais se distanciavam temporal e geograficamente. Ela se afastava dos padrões de comportamento feminino da época, no entanto, a seriedade com que postulava suas idéias fez com que seu empenho fosse reconhecido como legítimo, em especial por pessoas com mentalidade mais avançada. No entanto, aqueles a quem Mariana chamava de “ferrenhos antifeministas” deixaram herdeiros, e vemos desvanecer sua memória literária e militante.

ESCRITORAS PARANAENSES DO PERÍODO : A IMPORTÂNCIA DE MARIANA COELHO NESSE CENÁRIO

Para que melhor se possa perceber a atuação literária de Mariana Coelho, serão apresentadas escritoras paranaenses contemporâneas a ela, mas que mantinham poucos pontos em comum com a feminista além da proximidade temporal e geográfica. Dentre as escritoras que aqui poderiam ser citadas, optou-se por aquelas que obtiveram certo reconhecimento da crítica literária do período. Sobre Júlia da Costa, a própria Mariana Coelho discorreu em seu livro *Paraná Mental*, com Escolástica de Moraes Veloso estabeleceu laços de amizade, Maria Cândida de Jesus Camargo foi professora e escritora digna de elogios, no entanto, elogios que se pautavam em sua atitude de mestra zelosa com a formação de outras educadoras e guardiã de preceitos religiosos.

Júlia Maria da Costa nasceu em Paranaguá, Paraná, a 1º de julho de 1844, filha de Alexandre José da Costa e Maria Machado da Costa. Em virtude da morte de seu pai, ainda jovem mudou-se com a mãe para São Francisco do Sul, em Santa Catarina, local onde se firmou enquanto escritora e ali faleceu a 2 de julho de 1911. Destacava-se entre as mulheres de seu tempo pela intelectualidade, pertenceu a uma família que lhe ofereceu condições de cultivar o espírito. Colaborou com periódicos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Além da poesia dedicou-se também à prosa, com a publicação de folhetins. Maria Nicolas, ressalta em estudo sobre a poetisa que sua prosa era elegante, porém sua realização literária dava-se com a poesia. Críticos literários comumente a incluem no rol de poetisas românticas do estado natal de Júlia da Costa, como Antônio Camargo, Fernando Amaro e José Morais. Como era bastante comum à época, a escritora utilizou alguns pseudônimos: “A Sonhadora”, “A Americana” ou variações com iniciais ou parte de seu nome. Cronologicamente é considerada a primeira poetisa paranaense e a par desse pioneirismo, destaca-se o valor de sua obra, com acentos melancólicos e versos bem moldados.

Júlia da Costa viveu uma triste história de amor que desperta grande interesse, indubitavelmente, mas também de certa forma desvia a atenção que deveria centrar-se em sua produção literária e não em sua vida pessoal. A escritora teve um desventurado amor dividido em duas fases de sua vida, que apesar de lhe inspirar belos versos, só lhe trouxe desgostos. Apaixonou-se por Benjamin Carvoliva, poeta, educador e músico catarinense, em um relacionamento registrado através de muitas cartas trocadas entre ambos, tendo-se conservado as escritas por Júlia da Costa, compiladas cuidadosamente por Benjamin. A

pesquisadora paranaense Rosy Pinheiro Lima teve acesso a elas através do neto do escritor e no livro *Vida de Júlia da Costa*²²³, transcreveu-as e também elucidou alguns aspectos biográficos da escritora, desmistificando certas lendas em torno da poetisa. O estudo mais completo que se tem sobre ela foi elaborado pela pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart: *Poesia – Júlia da Costa*²²⁴, obra na qual foram reunidos todos os livros publicados pela escritora, sua prosa poética, as mais de quarenta cartas enviadas a Benjamin Carvoliva e também outras destinadas a parentes e artigos críticos sobre a poetisa, além de fotografias, inclusive da própria Júlia da Costa.

A primeira fase do romance entre Júlia da Costa e Benjamin Carvoliva estendeu-se entre junho a setembro de 1870. A escritora era solteira e viu no rapaz uma alma semelhante à sua, como por exemplo o gosto pelos versos e pela música, conforme ela mesma revela em uma de cartas:

À noite, quando as folhas se beijam palpitantes, e geme o arvoredo, quando a lua em desmaios divaga no céu, não sentes um estremecimento vago percorrer-te o coração? Sentes, eu o sei. Hás de sentir a tristeza de minh'alma, hás de viver como eu vivo... O mundo aí está, e com ele a indiferença, o cálculo, o egoísmo! Os gênios são meteoros que passam errantes pela terra, e se afogam em um mar de lágrimas!²²⁵

Deixou-se conduzir inteiramente enlevada e manteve esse relacionamento mesmo com a intensa vigilância materna. O pretendente era mais jovem do que ela, hesitante em assumir um compromisso sério e após um recado da mãe de Júlia

²²³ LIMA, Rosy Pinheiro. *Vida de Júlia da Costa*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953.

²²⁴ MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Poesia – Júlia da Costa*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

²²⁵ *Ibid.*, Carta X, p. 359.

pedindo-lhe que se decidisse em relação à sua filha, pois havia outro pretendente, optou por deixar a cidade, alegando “inclinações eclesiásticas”, que nunca se concretizaram, no entanto.

O outro pretendente a que se referiu a mãe da poetisa tratava-se do comendador Francisco Costa Pereira, político abastado, trinta anos mais velho que Júlia. Desiludida, sob pressão familiar, com 26 anos, idade em que a maioria das moças já estava casada e com filhos e tendo chegado aos seus ouvidos que Carvoliva estava noivo, cedeu à vontade materna e aceitou se casar. Após o matrimônio, reprimiu a melancolia com atuação de destaque na sociedade local, conforme descrito abaixo:

Os salões do Comendador se abriram então para reuniões e saraus literários, enquanto sua casa – antigo solar do último capitão-mor de S. Francisco – hospedava governadores e eminentes políticos. O encanto envolvente da poetisa, sua meiguice e tristeza, a vivacidade da inteligência invulgar, a elegância apurada dos trajes sempre brancos, sua delicada interpretação ao piano, impressionaram quantos a conheceram nesse período de vida intensa e brilhante.²²⁶

Poucos anos depois, Carvoliva retornou e a correspondência entre ambos se restabeleceu por iniciativa dele. A poetisa extravasou os sentimentos que recalçara desde sua partida e mostrou-se disposta a qualquer sacrifício para manterem-se unidos. É importante ressaltar que as cartas dessa época constituem-se em rico material, veículo de sentimentos exacerbados, missivas literariamente românticas; Júlia transferiu para sua correspondência pessoal a poeticidade de

²²⁶ CENTRO Paranaense Feminino de Cultura. *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, op. cit., p. 5.

escritora. Viveu uma típica história de amor na qual ela era a heroína, capaz de figurar em qualquer romance-folhetim:

Tenho tanta vontade de falar-te... é um precipício; mas para nós existirá o impossível? Creio que não. Deus que conhece a pureza do nosso Amor nos abandonará nesse momento? É tanto o desejo que tenho de ver-te um minuto , de aspirar o teu hálito... de contemplar-te de perto... oh! mas isto é uma loucura! o amor cega-me a ponto de eu desconhecer os perigos que nos cercam!²²⁷

No entanto, não era reservado para Júlia um final feliz, tão comum para protagonistas de histórias de amor da ficção; foi novamente abandonada. Recalcou os sentimentos amorosos e levou uma vida bastante ativa, tanto socialmente, participando de festas, sendo a anfitriã de políticos eminentes, como literariamente, colaborando em jornais, revistas e compondo versos. Além das cartas de amor, outra correspondência de Júlia é significativa e contribui para que se conheça melhor as idéias da escritora em relação aos aspectos poéticos, familiares e políticos. Eram as cartas destinadas ao seu primo Joaquim Guilherme da Silva, por quem demonstrava afinidade:

Meu primo.

Como tens passado?... Há quanto tempo não me escreves !... em compensação desta falta de cartas, tenho recebido por vezes o teu jornal... Agora, à vista dos fatos que se têm desenrolado nestes últimos meses, compreendo bem tuas palavras. Na verdade, meu primo! Estamos atravessando uma quadra bem triste! Quando eu te dizia que o Brasil ainda não estava preparado para ser República, censuravas o meu afinco à monarquia. Bem vêes, que tudo caminha aos trambolhões; esta república feita às pressas, sem protesto, sem nada, saiu defeituosa.

Felizmente a obscuridade em que hoje vivo, me põe a salvo de muitos dissabores. Não tenho opinião política, aborreço tudo que me cerca, porque guardo n'alma uma dor profunda...

²²⁷ MUZART, Zahidé Lupinacci, op. cit., Carta XLIII, p. 380.

Tu és a única afeição que meu coração conserva, acredita..., apesar das minhas tristezas, sinto um grande alívio quando recebo uma carta tua. Adeus! Pensa algumas vezes em mim e abraça tua mulher e filhos.. Adeus! De tua prima e verdadeira amiga – Júlia da Costa. S. Francisco 25-12-1898²²⁸

Com o passar dos anos e a viuvez após quase trinta anos de casamento, sua inspiração foi se arrefecendo e recolhia-se a si mesma, enclausurando-se no casarão e vivenciando um mundo particular criado por ela, afastado da realidade. Em sua pesquisa sobre a escritora, Rosy P. Lima cita as impressões de Alberico Figueira, que conversou com a escritora um ano antes de ela falecer:

Enferma e quase cega, de fisionomia aparentemente triste, envelhecida pelos anos e com pouca lucidez de espírito, era com dificuldade que respondia às nossas perguntas. Ao se lhe falar de Paranaguá, sua terra natal, fez a poetisa um esforço mental e compassadamente, comovida, falou de pessoas que foram do tempo de sua infância, de certos acontecimentos sociais e de aspectos da cidade, focalizando as tardes domingueiras em que o seu estro poético recebia impressões do atraente Campo-Grande do caminho do Rocio, cuja vegetação lembrou com saudade. Vimo-la um tanto fatigada e por isso resumimos as indagações. A poetisa, porém, queria falar mais e perguntou-nos se havíamos conhecido José Moraes e Fernando Amaro²²⁹, dois poetas do seu tempo.²³⁰

Júlia da Costa isolou-se no sobrado em que vivia, fechou portas e janelas, vedou frinchas, assim como simbolicamente fez consigo mesma. Em seu estado de alienação, a escritora confeccionou quase quarenta painéis, utilizando papéis e

²²⁸ Ibid., p. 387.

²²⁹ Ambos escritores paranaenses. José Gonçalves de Moraes (1849-1909), fundou em 1896 o *Almanach Paranaense*, importante publicação que recebeu a colaboração de vários literatos. Fernando Amaro de Miranda (1831-1857), considerado um dos principais representantes do Romantismo desse estado.

²³⁰ LIMA, Rosy Pinheiro, op. cit., p. 9.

panos coloridos que representavam imagens várias, tudo meticulosamente disposto. Só saiu dali quando morreu.

Escolástica de Moraes era filha de Américo Gonçalves de Moraes e de Narciza dos Santos Moraes. Nasceu em Morretes (PR), em 30 de outubro de 1874 e faleceu em 1º de janeiro de 1961, em Curitiba, para onde, em 1886, a mãe, já viúva, e a filha adolescente, haviam se transferido. Mais tarde, em 1950, a escritora iria lembrar, num artigo para a revista *Clube Curitibano*, seus tempos de juventude, os grandes bailes, sessões literárias e audições promovidas pela agremiação, em que ela própria se apresentara várias vezes. Realizou concertos de piano no clube e no Teatro São Teodoro (hoje Teatro Guaíra), daquela capital.

Em 1893 casou-se com Dario Persiano de Castro Veloso, por quem era chamada de Trança Loura. Na década de 1890 ela colaborou na revista *Clube Curitibano* assinando Emílio Viscontini, conservando no pseudônimo, portanto, as iniciais de seu nome. O cuidado com os doze filhos afastou-a relativamente das artes, tendo voltado sua atenção à família e ao lar.

À medida que se aprofunda o estudo sobre a escritora, torna-se evidente a influência recebida de Dario Veloso. Ao lado de um marido criativo e atuante, não havia como não abraçar seus ideais de livre-pensador, nem deixar de apoiá-lo nas inúmeras polêmicas sobre controvertidas questões – literárias, sociais ou filosóficas –, por que os intelectuais se digladiavam na época. Participava da preparação das revistas *Esfinge* e *Clube Curitibano*, ocupando-se com os trabalhos de editoração e revisão tipográfica. Todavia, ainda que tenha sido diretamente influenciada pelo marido, é inegável que ela própria também vivenciou o meio

intelectual das décadas entre os séculos XIX e XX, o que a tornou uma mulher com atuação diferenciada para o tempo em que viveu.

Escolástica Veloso, mesmo tendo constituído a numerosa família que lhe absorvia a atenção, nunca abandonou por completo as artes a que se dedicara. Apenas passou a dispensar-lhes mais ou menos tempo, segundo as exigências da vida privada. Sempre dedicava alguns momentos para escrever algo que se destinasse à publicação em revistas literárias ou para participar de sessões literomusicais. Mas, à medida que o tempo passava e os filhos cresciam, foi retomando, gradualmente, suas atividades ligadas à literatura e à música. No artigo de 1950, antes mencionado, a articulista dá especial relevo aos anos de 1912 e 1913, envaidecida, talvez, com o fato de seus filhos e filhas já a auxiliarem nas várias etapas da edição da revista *Clube Curitibano*, no período em que era impressa no Retiro Saudoso, chácara onde vivia a família. Pertenceu à Loja Teosófica Nova Crótona,²³¹ da qual o marido foi um dos fundadores e na qual chegou mais tarde, em 1937, a atuar como vice-presidente. A escritora foi, também, uma das fundadoras do Instituto Neopitagórico, do qual, com o nome iniciático de Ione, participou ativamente. Nas sessões literomusicais ali promovidas, executava os clássicos ao piano e lia seus textos em prosa ou em poesia. Com o novo pseudônimo, colaborou nas revistas *Mirto e Acácia*, *Luz de Krotona*, *A Lâmpada* e *Clube Curitibano* (2.^a fase).

Escolástica Veloso ficou viúva em 1937 e, a partir de então, isolou-se no Retiro Saudoso. Viveu até avançada idade, mantendo-se lúcida e continuando a

²³¹ A Teosofia, um conjunto de doutrinas religioso-filosóficas, foi difundida pela russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891); a sociedade teosófica fundamenta-se em objetivos que levam em conta a fraternidade universal, o incentivo ao estudo da religião comparada, filosofia e ciência e a

escrever, em especial, suas memórias. Deixou os originais de “Fragmentos”, “Pétalas de saudade”, “Dario Veloso”, “Histórias para meus netos”, “Um desfiar de reminiscências” e “Rocal de saudades”.²³²

Uma obra de Escolástica de Moraes Veloso, de muita sensibilidade e forte carga sentimental foi *Pétalas de saudades (reminiscências)*. Publicada em 1961, começou a ser escrita em 1938, alguns meses depois da morte de Dario Veloso, e se estendeu até 1950. Como o título sugere, registra suas memórias, mas, ao escrever sobre os episódios importantes de sua vida e sobre o significado que pudessem ter para ela a morte de duas pessoas queridas, o filho e o marido, Escolástica Veloso procura estabelecer com seu leitor uma relação de cumplicidade: as cenas se sucedem, nos capítulos, como se a escritora fizesse permanente convite a um passeio no tempo. É como se ela não quisesse ir só, mas acompanhada de quem a está lendo. No entanto, sabemos que o passado nunca pode ser recuperado com exatidão, por mais que o escritor se empenhe nesse sentido e se comprometa com a fidelidade aos fatos. De acordo com as considerações de Roger Chartier, é natural que “episódios da existência passada sejam esquecidos, recalçados pela consciência, enterrados num segredo que o próprio indivíduo não pode revelar”,²³³ porque haverá sempre o filtro do tempo e o descompasso temporal quando se está no presente escrevendo sobre o que já

investigação das leis da natureza ainda não explicadas, assim como das capacidades latentes no ser humano.

²³² Radhail Grein de Castro Veloso, neta da escritora, recebeu-me gentilmente no Instituto Neopitagórico, em 2003, auxiliando com informações e materiais sobre a avó. Das obras acima citadas foram publicados: *Fragmentos* (1915), algumas poesias no livro *Um século de poesia. Poetisas do Paraná* (1959) e *Pétalas de saudade* (1961), publicação póstuma. Em relação aos outros, sua neta acredita que tenham permanecido inéditos.

²³³ CHARTIER, Roger. Prefácio “Mulheres de papel”. Trad. Isabel Monteiro. In: LACERDA, Lílian de, *Álbum de leitura. Memória de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 21.

passou, pois o [...] simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.²³⁴

Esse descompasso conduz à reavaliação dos episódios, permite vê-los de maneira diferente, com os olhos da maturidade. No caso de Escolástica Veloso, a escritora e também a pessoa, sob a emoção da perda, o luto dificulta-lhe esse previsível distanciamento crítico dos fatos. Hennezel e Leloup destacam a importância que a morte adquire, o quanto ela significa e mesmo transcende a capacidade de cada um compreendê-la:

Partimos de uma constatação: nosso mundo denega a morte e, assim, priva-se de uma reflexão e de uma meditação sobre a questão do sentido e do sagrado. Alguns momentos da vida, em particular, as crises, os lutos, levam-nos a enfrentar essas questões essenciais. A abordagem da morte, sobretudo, desperta em cada um de nós o que qualificamos de “sofrimento espiritual”, sofrimento diante da ausência de sentido ou, simplesmente, diante da impossibilidade de compartilhar com outros nossas interrogações íntimas.²³⁵

A questão maior não é quem morre, mas o que a morte de determinada pessoa representa. Depois de enviuar, a escritora se isolou e em suas memórias dialoga com marido morto sobre acontecimentos passados e sobre o que estes representaram para ambos, utilizando-se sempre da expressão “lembra-te?”. Também dialoga sobre os fatos que aconteceram, mas dirigidos à memória dele ou relacionados com ele, como, por exemplo, uma homenagem póstuma. Por certo a

²³⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 17.

²³⁵ HENNEZEL, Marie de e LELOUP, Jean-Yves. *A arte de morrer*. Trad. Guilherme J. F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 141.

solidão a levou a procurar refúgio em suas reminiscências, com as quais recompõe um universo de sonhos que só elas possibilitam. E, na recomposição desse universo, Escolástica Veloso se utiliza permanentemente de uma linguagem sensível, carregada de recursos poéticos, a despeito de escrever em prosa. Outro aspecto importante: apesar de expor fatos muito íntimos de sua vida, a escritora não parece ter descartado o propósito de publicação, conforme nos esclarece seu filho, Alcyone Veloso:

Nos teus últimos tempos de vida, quiseste, assim reunidas – em volume publicado – tuas *Pétalas de saudade*, fosse distribuído aos seus íntimos, amigos e parentes. Última expressão do teu ser, coração e alma de noiva, esposa e companheira, oferenda da tua viuvez solitária e triste, derradeira homenagem à memória querida do eleito, de há tanto desaparecido nas insondáveis brumas do desconhecido.²³⁶

Escolástica Veloso, no início da obra, recorda-se dos momentos finais da vida do marido e da tristeza que sentia. O capítulo mais melancólico é o que trata da morte do filho de apenas cinco anos. Relata que suas lembranças se avivaram ao reler *O livro de Alir*, em que Dario Veloso pranteia a memória do filho: “Hoje, nas minhas horas de angústia, em que a razão por vezes se obscurece, é evocando reminiscências que suavizar consigo a minha saudade e a minha grande dor de sua ausência para todo o sempre.”²³⁷

A escritora se mostra com freqüência muito melancólica e mística, mas raras vezes descrente, como nesse dasabafo. E arrisca-se sobre o destino,

²³⁶ VELOSO, Escolástica. *Pétalas de saudades*. (Reminiscências), Curitiba: Ed. Lítero-Técnica, 1961, p. 10.

²³⁷ *Ibid.*, p. 18.

imponderável, a que todas aquelas recordações a conduzirão: “As tuas asas róseas e diáfanas vão levando-me a páramos ideais, perlustrados outrora no País do Sonho, num passado longínquo, pleno de esperanças e de ilusões!...”²³⁸ A escritora participara, como se viu antes, da intensa corrente mística e esotérica, naquele momento, porém, a morte do marido a fez questionar-se ainda mais sobre os mistérios do que ela chama de “incognoscível”. Chega mesmo a clamar ao filósofo morto por uma resposta: “Qual farol que te guia, diz-me [...]”.²³⁹

No capítulo, “Sinfonia das Rosas”, a escritora elabora uma lenda segundo a qual a sinfonia seria composta de fragmentos evocativos das músicas preferidas “de um esteta, filósofo e poeta”, seu marido:

Conta uma lenda recente, que, por noites enluaradas, retardatários que cruzam a Mansão dos Mortos, se ficam extasiados em ouvindo música estranha, que se eleva de um humilde túmulo, onde repousa o invólucro material da alma de um esteta, filósofo e poeta e, onde rosas floriram em profusão.

Ao ouvi-la, dizem uns: é a música das Esferas. Outros: é uma liturgia sacra; é o coro dos Anjos e das Virgens celestiais.

Outros afirmam ainda: é a Sinfonia das Rosas em louvor ao Poeta, em que as harpas eólicas são tangidas por mãos de Fadas; liras dedilhadas por Musas inspiradoras; Stradivarius de Cremona, de sons aveludados, em surdina, por almas de apaixonados que se evolveram da terra dentro de um Sonho róseo; flautas que pelo ritmo amoroso evocam a de Pã, acompanhando a dança das Ninfas.²⁴⁰

Em seguida, ela conversa com as rosas que ornaram o túmulo, as quais, uma por uma, descrevem a si próprias, revelando o que representam. Eis o que diz a de cor roxa: “– Eu sou a rosa da Saudade, da cor violácea da mágoa e da melancolia. [...]”

²³⁸ Ibid., p. 23.

²³⁹ Ibid., p. 26.

²⁴⁰ Ibid., p. 29.

Quanto mais intensa a Saudade, mais intenso meu perfume e meu colorido se torna indelével, do roxo negro das cicatrizes”.

O capítulo “Rememorando” foi escrito em 1947, uma década depois do início de suas memórias. Dirige-se a Dario Veloso, mas principia evocando-lhe o pseudônimo neopitagórico Apolônio. Passa a narrar-lhe todo o preito que renderam à sua memória, por ocasião dos dez anos de seu falecimento. Em seguida, ela lhe confidencia: “E... como custa a viver na velhice!...”²⁴¹. Escrito dois anos depois, o capítulo “Pétalas de Saudade” retoma o mesmo tom. Nele a escritora reflete acerca da própria senectude: setenta e cinco anos de vida. O tom entristecido se mantém, mas com o acréscimo de certa decepção frente às pessoas e à vida.

Em “A última pétala”, capítulo datado de 1950, ela se despede de seu Apolônio, comunica-lhe que está encerrando as recordações e registra um lamento final: “E hoje, na velhice, ‘Nas brumas da saudade o sonho já sepulto’, a *Trança Loura* se cobriu de neve, não da neve das Estações, mas da neve dos sentimentos recalçados pelas incompreensões, sem o teu arrimo e conforto espiritual [...]”.²⁴²

Maria Cândida de Jesus Camargo nasceu em Ponta Grossa, Paraná, a 6 de agosto de 1868 e faleceu nesse mesmo estado, em Jaguariaíva, a 11 de agosto de 1949. Filha de Cândido Mendes Ribeiro Ferraz de Camargo e de Maria Joaquina de Castro Camargo. Exerceu o magistério em várias cidades paranaenses e aposentou-se em 1919.

Paralelamente à atividade de professora, cultivou as letras como escritora. Maria Nicolas, no livro *Pioneiras do Brasil: Estado do Paraná*, destaca que Maria

²⁴¹ Ibid., p. 47.

²⁴² Ibid., p. 51.

Cândida compunha seus versos de maneira natural, com facilidade e rapidez e durante a vida deixou esparsa sua produção poética através da colaboração em diversos periódicos. Ao divulgar seus poemas utilizava os pseudônimos Stella Maria, Miriam, Stella de Jesus e Aimar (um anagrama de Maria), todos de inspiração religiosa.

Apesar de ter principiado a escrever desde bem jovem até avançada idade, não publicou nenhum livro em vida. A obra póstuma *Júbilos e Mágoas* foi organizada pelo poeta Rodrigo Júnior e por Alaíde de Camargo Turech, sobrinha da poetisa, na qual foram selecionadas e reunidas suas composições. O livro foi publicado em 1958, com prefácio de outra escritora paranaense, Graciette Salmon²⁴³, no qual ela enfatiza as qualidades de Maria Cândida como pessoa simples e religiosa:

Tinha nome de monja: Maria Cândida de Jesus. Nome de predestinada para o Amor, não esse amor pequeno, instável, egoísta, limitado a uma só criatura, mas aquele que se espraia em carinho também pelos seres e pelas coisas, traduzido em Bondade e Compreensão, em Doçura e Serenidade. Era simples e humilde como um fio d'água que, sem o saber, alegre e enfeita o caminho.²⁴⁴

A opinião de outras pessoas sobre a escritora mantém-se nessa mesma vertente, assinalando características que a aproximam do perfil de uma “santa”. No livro utilizado para essa pesquisa, Eleonora de Angelis,²⁴⁵ sobrinha da

²⁴³ Graciette Salmon (1905-1991). Escritora e professora paranaense. Nas obras de referência consultadas para essa pesquisa não há informações sobre as datas de nascimento e falecimento.

²⁴⁴ SALMON, Graciette. “À Guisa de Prefácio”. In: CAMARGO, Maria Cândida de Jesus. *Júbilos e Mágoas*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1958.

²⁴⁵ Eleonora de Angelis, poetisa e professora paranaense. As obras de referência consultadas não informam sobre a data de seu nascimento.

escritora, deixou manuscrito: “Ressumbra nestes versos o perfume ameno que envolvia a alma piedosa da minha lembrada tia Canduxa.” Em outra página conclui: “tinha a alma de uma santa, espargiu o bem como o sol a luz.” No livro *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, Maria Cândida era assim descrita: “[...] personalidade de excelsas qualidades de espírito e coração, de modéstia, no seu nível de cantora singela, enlevada pela poesia que cultivou até o fim dos seus 86 anos de vida útil e bela [...]”.²⁴⁶ Ao se conhecer os poemas de Maria Cândida, compreende-se melhor a aura de beatitude que a envolve, uma vez que ela mesma registrou em seus versos o ideal de vida que norteava sua existência:

MINHA VIDA

“Sinite parvulos venire ad me”

Não ambiciono o farfalhar das sedas,
nem o brilho das pedras preciosas;
nem passeio por vastas alamedas
ou luz de asfalto em noites calorosas.

Nem do capricho as armadilhas tredas
envolvem-se nas redes ardilosas...
Amo o sossego dessas noites ledas
íntimas festas, suaves, jubilosas.

não invejo a riqueza requestada,
a vida quero simples, recatada,
e que o mundo ignore que eu existo

O que mais eu adoro e o que me encanta
é a poesia singela, pura e santa
de uma frase evangélica de Cristo.²⁴⁷

²⁴⁶ CENTRO Feminino de Cultura. *Um século de poesia: poetisas do Paraná*, op. cit., p. 97.

²⁴⁷ CAMARGO, Maria Cândida de Jesus. *Júbilos e Mágoas*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1958, p. 9-10.

Esse soneto bem demonstra que a escritora imprimia em seus versos um modelo de vida, simples, distanciado do terreno material, priorizando os sentimentos puros, em um enlevo que pudesse aproximar o mais possível dos bens além do mundo físico. Novamente se percebe a íntima relação entre escritora e eu-lírico, como se nos escritos femininos a distância entre ambos fosse menor. A se levar em conta o universo restrito das mulheres à época a qual pertenceu Maria Cândida, é possível compreender que a temática de suas composições girasse em torno de si mesma, suas aspirações e anseios, uma vez que a literatura era considerada uma espécie de território estrangeiro para a mulher, tanto que as que não levavam em conta essa fronteira e decidiam integrar o mundo das letras, o faziam resguardadas pelo uso de pseudônimos, como no caso da escritora paranaense. A religião para muitas mulheres dedicadas à literatura consistia também em forma de respaldo para sua incursão em atividade que não constava no rol das indefectíveis atuações femininas para aquelas nascidas no século XIX, ou seja, recebiam um fino verniz cultural sobre uma espessa camada de habilidades ligadas aos serviços domésticos e aos cuidados com família e filhos.

Dentre os temas recorrentes em sua obra, destacam-se a valorização da religiosidade, os sentimentos nobres, como a bondade, a solidariedade, a humildade, o amor materno, a vida no campo, as flores, o enaltecimento de locais relacionados à vida da poetisa, saudades da infância, a morte, os ideais pacifistas, louvores a santos e santas e mesmo algumas que destacam o amor romântico não concretizado. As poesias de Maria Cândida reunidas em publicação póstuma perfazem o trajeto de um fazer literário de toda a sua vida, algumas são passíveis de serem contextualizadas em determinado período devido ao conteúdo abordado,

como por exemplo o poema intitulado “Santos Dumont”, que em seu último verso alude à morte do aviador, o que equivale a dizer que foi escrita após 1932, ano do falecimento do inventor; o mesmo ocorre no poema “A estátua do Corcovado”, que só pode ter sido escrito após 1931, ano da inauguração da estátua. Também é possível uma aproximação da época em que determinada poesia foi escrita levando-se em conta as epígrafes utilizadas pela escritora, muitas delas constituem-se explicações acerca da temática escolhida, como no poema “Saudade”, com referência à data do século XIX: “À memória de minha sempre pranteada amiga, Laura Alves Carneiro, falecida a 25-3-1888, aos dezessete anos de idade.”²⁴⁸

Maria Cândida compôs muitos sonetos decassílabos e quadras, não alterando muito o esquema formal de suas poesias. Evidencia-se a religiosidade da escritora em vários poemas, em alguns de maneira subliminar, em outros de forma essencial. Em “Noite de natal” a poetisa descreve um lar idealizado, harmonioso, envolto em música e flores com uma família unida em sonhos de esperança e fé: “Sob a graça de Deus os pais e os filhos / Ao Menino Jesus vão adorar / – E a noite de Natal por entre brilhos / Passa depressa abençoando o lar.”²⁴⁹ No soneto “Santo Antônio de Pádua” enfatiza-se a importância da renúncia aos bens terrenos, efêmeros, e aconselha-se a valorização do que perdurará através da eternidade: “Renunciando o viver no lar paterno / De luxuosa opulência e raça senhorial / Desde jovem sentimento vivo e terno / Revelou de pureza sem igual.”²⁵⁰ Outro soneto, “Santa Terezinha”, exalta a vida voltada aos ideais de

²⁴⁸ Ibid., p. 69.

²⁴⁹ Ibid., p. 76.

²⁵⁰ Ibid., p. 82.

Deus. A poetisa escolheu uma santa dos tempos modernos para compor seus versos e que apesar de uma curta existência – faleceu em 1897 aos vinte e quatro anos – é ardorosamente cultuada por católicos de todo o mundo, valorizando-se na figura da santa justamente a simplicidade de sentimentos, atributo tão caro à escritora: “No século das luzes, foi bem-vinda / A luz celeste da pureza d’alma / A existência terreal, menina linda / De um lar cristão sob a doçura calma.”²⁵¹

A ligação entre maternidade e religião surge em vários poemas, em uma valorização da mulher enquanto a responsável pela educação dos filhos, missão nobre, com auras de tarefa divina, uma exaltação conveniente no sentido de atribuir à figura da mãe um status de importância extrema, o que suporia abnegação de si mesma em favor de um projeto maior e mais valioso, ou seja, preparar um mundo melhor, objetivo que seria alcançado a partir do momento em que criassem os filhos com todo desvelo e dedicação possível. Não haveria para isso necessidade de uma formação acadêmica por excelência, bastaria estar imbuída de bons princípios e inteiramente voltada a esse propósito. Em uma entrevista, Simone de Beauvoir discorre sobre o significado da maternidade já nos anos de 1970 e o assunto ainda era visto como controverso, uma vez que Beauvoir considerava a maternidade uma “autêntica escravidão”:

Os pais e a sociedade deixam às mulheres, unicamente a elas, a responsabilidade dos filhos. São as mulheres que param de trabalhar para educar os filhos. São elas que ficam em casa quando os filhos estão doentes. São as mães as responsáveis quando os filhos fracassam.²⁵²

²⁵¹ Ibid., p. 92.

²⁵² SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. Trad. José Sanz. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 72.

Maria Cândida via a maternidade com os olhos embaciados pelos conceitos tradicionais de maternidade. O soneto “Amor materno” é todo ele dedicado à maternidade abnegada: “Pela felicidade da família / Resiste aos sofrimentos e à vigília / Sereno e forte, em seu vigor extremo.”²⁵³ Em “Perfeito amor”, a mãe seria a ligação entre a terra e o céu: “O amor maternal domina / como astro luminoso; / É a cadeia diamantina / Que une a terra ao Céu glorioso”. E mais adiante, nesse mesmo poema: “– Santo, redime a fraqueza / Grande, entroniza a verdade; / Meigo, consola a tristeza, / Puro, não possui vaidade – ”²⁵⁴. Em “Considerações” a escritora escreve a seguinte epígrafe: “Aos seus filhos, minha mãe M. J. , ou seja, escreve como se fosse a própria mãe dando conselhos aos filhos, orientando-os a terem sempre confiança em Deus, não se deixarem levar pela vaidade, terem boa conduta perante a sociedade, serem honestos e: “Dando assim alto exemplo / Jamais deixareis o templo / Da religião de Jesus”²⁵⁵. Ao lado da figura materna há também poemas dedicados ao pai e a necessidade de aprender os ensinamentos que tornarão os filhos pessoas de valor. No soneto “Vinte e oito de abril” a poetisa louva a atitude de seu pai: “Festejando seu dia aniversário / Liberdade meu pai deu a um cativo; / (Da ‘lei áurea’ o decreto humanitário / Ainda estava latente). Compassivo, / Chama o escravo e diz: É necessário que estejas satisfeito. Eis o motivo: / De hoje em diante dispões de teu salário; / – A liberdade dou-te.”²⁵⁶ Isso de certa forma demonstra a opinião da escritora a respeito da escravidão, pois o tom do poema é de total aprovação à atitude de seu pai.

²⁵³ Op. cit., p. 30.

²⁵⁴ Ibid., p. 42; 46.

²⁵⁵ Ibid., p. 52.

²⁵⁶ Ibid., p. 63.

Há poesias nas quais a escritora trabalha o tema da morte, em uma visão bastante coerente com os ideais nos quais acreditava, ou seja, a morte marca o fim de uma etapa e o início de uma nova, sendo assim, há que se conformar com os desígnios de Deus. Não desmerece a dor da saudade, mas compreende e aceita, demonstrando a convicção de sua formação cristã, o que se evidencia no poema “Saudade”, já anteriormente referido, dedicado à memória de sua amiga falecida aos dezessete anos de idade: “Não; não choremos, ela foi ditosa / Virgínea rosa, encantadora e casta; / Deus transplantou-a aos azulados vales, / Longe dos males que a existência arrasta.” Em outra estrofe do mesmo poema a autora destaca que a recompensa pelos bons atos não está na terra, lugar de sofrimentos, mas em um plano espiritual superior: “Morreu criança, abandonou a terra, / Lodo que aterra quem aspira à luz. / Foi tão amável, inocente e boa... / Áurea coroa lhe dará Jesus!”²⁵⁷ É importante além disso, ressaltar que Maria Cândida considerava fundamental o conforto da religião na hora da morte.

Muitas poesias tratam de lugares aos quais a poetisa era de alguma forma ligada, esses espaços são exaltados com ampla adjetivação, enaltecendo locais como Ponta Grossa, sua cidade natal, Curitiba e Castro, além do estado onde nasceu. No soneto “Paraná”, a escritora celebra sua paisagem natural: “Campos virentes, opulentas matas, / Rios portentosos, natural pujança / Nos pinheirais e nas paisagens gratas / Desde a Serra do Mar à da Esperança.”²⁵⁸ O estado do Paraná foi emancipado apenas em 1853, antes disso era uma comarca de São Paulo. Depois da emancipação houve um empenho efetivo para a criação de estradas, escolas, incentivo à agricultura entre outras iniciativas necessárias para a

²⁵⁷ Ibid., p. 71; 73.

²⁵⁸ Ibid., p. 57.

melhoria da condição de vida da sociedade. Provavelmente por isso a autora optou por decantar as belezas naturais, uma vez que o progresso econômico e social ainda não permitiria versos de louvor.

A vida do povo paranaense é também motivo de inspiração para composições poéticas, em especial o trabalho, visto como enobecedor da condição humana. No soneto “Queimadas”, a poetisa descreve a vida do campo e a importância do trabalho na terra. O poema apresenta um diálogo entre campeiros, reunidos em um grande alpendre para um rápido descanso e uma merenda. Resume-se a um negócio envolvendo a compra de uma fazenda, há também algumas mulheres ouvindo a conversa, mas apenas a mais velha delas emite sua opinião sobre a questão: “– É não se apoquentar, pôr-se de fora...”. E na seqüência: “Fala o dono da casa: – A prosa é boa, / Mas voltemos ao campo, e vê, patroa, / Se nos manda o café, que está na hora.”²⁵⁹ O tempo ainda não permitia à mulheres intervenção em “conversa de homens”, e o terceto final deixa bem claro o que se esperava dela, o preparo do café, pois precisavam voltar ao trabalho e por certo a merenda se atrasara por conta da prosa indevida...

Uma preocupação da escritora era deixar claros seus ideais pacifistas e o quanto era contrária à violência ocasionada pelas guerras, assim como Mariana Coelho. Em “Monstro iníquo”, Maria Cândida enfatizou que as próprias nações, aquelas guiadas pela justiça, reprovavam a luta armada. Traduz em versos sua opinião: “Golpe à razão e às instituições augustas / Que, na arca santa, a religião encerra, / Conflito de ódios e ambições injustas, / Amordaça o direito e o bem desterra.”

²⁵⁹ Ibid., p. 41.

No livro *Um século de poesia: poetisas do Paraná* há poemas que não integram *Júbilos e mágoas*, dentre esses, destaco “Mito e realidade”, no qual, como o próprio título sugere, as figuras míticas representam a cultura dos campos, a produção de alimentos, esse recurso à mitologia distingue-o dos demais poemas:

Febo despede rútilas fagulhas
Do seu plaustro de luz imorredoura
Flora as transforma em mágicas agulhas
Para o vergel bordar a flores de ouro

Vem o mês das colheitas, das debulhas
Ceres enfeixa o lindo trigo louro,
Com que, ó Mãe terrestre, tu te orgulhas
De abastecer teu provido tesouro.

Calor tropical, ao meio dia nos convida
A um breve repouso, à hora da sesta,
Novo alento alcançando para a lida,
A que o antigo mito graça empresta
Tornando-a realidade desta vida
O Olimpo da Natureza em festa.²⁶⁰

Febo, representando o Sol, lança seus raios em direção à terra, os quais são recolhidos por Flora, a deusa das flores. Quando se aproxima a época das colheitas, Ceres, a deusa da agricultura, recolhe o que foi cultivado.

Maria Cândida de Jesus Camargo pertence ao grupo das primeiras mulheres escritoras do Paraná, com um perfil bastante diferente das mulheres de sua época, uma vez que havia estudado, tinha uma profissão, na qual atuou até aposentar-se. Além de professora, dedicava-se à literatura, o que ainda mais a distinguia nos anos em que viveu. Quando se destaca a religiosidade que balizava suas composições literárias, a intenção não é a de criticá-la pela temática

²⁶⁰ CENTRO Paranaense Feminino de Cultura, op., cit., p. 106.

escolhida, mas procurar compreender melhor as razões pelas quais as escritoras procuravam o abrigo da religião para exporem sua produção literária e ainda assim, utilizando pseudônimos. A impressão que se tem é a de que escreviam sob o signo do medo e a religião de certa forma as respaldava, protegendo-as de comentários que as condenassem por serem escritoras. Ou seja, escreviam, mas com a temática religiosa, e assim, haveria um paralelo entre a atuação nas letras e religião, como se ao criticar a escritora, essas críticas seriam extensivas à temática, ou, como condenar uma mulher por escrever sobre Deus e os santos? Uma heresia...

Ao se estudar as obras dessas três escritoras paranaenses do século XIX, compreende-se como Mariana Coelho se distanciava da produção literária comumente produzida no período. Júlia da Costa produziu versos românticos que merecem ser lidos e estudados, no entanto, manteve-se, com poucas exceções, cultora dos versos, justamente o que se considerava mais apropriado às mulheres, uma vez que o ensaio era o gênero que exigia maior senso crítico e participação nos principais embates sociais. Escrever versos românticos, portanto, foi uma característica da produção literária feminina das escritoras nascidas no século XIX, espécie de prerrogativa literária àquelas que insistissem em adentrar o território das letras. Com a timidez tão louvável em seu comportamento, muitas dedicavam seus livros aos familiares, e referiam-se a eles com pedidos de escusas, paciência com os “diamantes brutos”, produção de uma lavra incipiente.

Escolástica dedicou-se à literatura, mas evitou maiores contendas, preferindo o isolamento e a produção literária de cunho memorialista. Atuou como escritora dentro dos limites do que se esperava de uma mulher, ou seja,

dedicou-se em primeiro lugar à família. Apoiou incondicionalmente o marido escritor, criou os vários filhos e também escreveu. A literatura não era um fim maior, mas uma circunstância existencial. Depois de viúva, em outro momento da vida, pôde isolar-se e escrever, no entanto, ao ler sua produção literária, não se evidencia a consciência do significado da literatura para as mulheres da época. As obras produzidas eram como que um apego ao passado e à memória de Dario Veloso.

Maria Cândida representava a professora escritora, preocupada com a formação do público leitor, sempre zelosa por transmitir “bons” princípios, que excluía uma participação feminina mais efetiva na esfera social. A religiosidade exacerbada de seus versos de certa forma impede uma capacidade crítica e recobre com auras de abnegação os preconceitos com relação à mulher.

Convém salientar que Júlia da Costa, Escolástica de Moraes Veloso e Maria Cândida de Jesus Camargo foram selecionadas como representantes de um grupo maior de escritoras, mas que conservam entre si algumas das características acima citadas, como a eleição dos versos românticos como forma de expressão, a dedicação tardia à literatura como forma de aplacar a solidão, predominância de religiosidade e preocupação com a formação moral da sociedade.

Mariana Coelho se distancia das escritoras anteriormente citadas. Espírito combatente, detentora de capacidade crítica que a fazia atuar política e socialmente em defesa de suas idéias, em especial quando se referiam à emancipação feminina. Demonstrava também maior arrojo e postura vanguardista, motivos de críticas a ela lançadas e devidamente rebatidas. A predileção pelo ensaio também a distinguia, uma vez que as mulheres demonstravam clara

predileção por se expressarem através de versos ou linhas ficcionais. O gênero ensaístico revela a firmeza de propósito, a necessidade de expressar formas próprias de pensamento, ou seja, estabelecer e não reproduzir premissas.

MULHER E LITERATURA: UMA RELAÇÃO TÃO DELICADA

Em *Um teto todo seu*²⁶¹, Virginia Woolf discorre sobre as mulheres e a ficção, entrecruzando os gêneros ensaístico e literário, registrando um posicionamento que vem há anos sendo motivo de reflexões e debates. A partir de uma personagem criada por ela, as apreensões, receios e limitações femininas foram abordadas permitindo-nos compreender melhor os motivos que explicam a tímida participação das mulheres na literatura. Logo no início da narrativa, a primeira transgressão: uma mulher deixou-se absorver de tal forma por seus pensamentos que se afastou da trilha a ela permitida e invadiu território proibido, o caminho de uma universidade que estaria aberto apenas a quem pertencesse àquele mundo. Um bedel de olhar severo mostrou-lhe a impertinência de sua atitude, o que a fez recuar para o percurso de cascalhos a ela destinado. Outro local “sagrado” era a biblioteca, à qual ela não pôde adentrar, pois não possuía condições para isso: “[...] as damas só são admitidas na biblioteca acompanhadas por um Fellow [estudante graduado] da Faculdade ou providas de uma carta de apresentação.”²⁶² No entanto, haveria um aspecto importante a ser considerado: não pagava tributo às convenções das quais esse espaço literário era guardião, assim sendo, ao analisar essa questão, pensou “em como talvez seja pior se ser trancada do lado de dentro [...]”²⁶³

Virginia Woolf questionou de forma realista que a única maneira de conquistar espaço no mundo das letras seria a mulher garantir “quinhentas libras

²⁶¹ WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 33.

²⁶² *Ibid.*, p. 13.

²⁶³ *Ibid.*, p. 33.

por ano e um quarto com fechadura na porta [...]”.²⁶⁴ Ou seja, autonomia de vida, o que muitas mulheres buscavam até hoje. Seus argumentos circunscrevem aspectos anteriormente debatidos: a extrema vinculação feminina ao papel de mãe e esposa, o que pressupunha que não houvesse necessidade de estudar, pois imaginava-se que para cumprir esses papéis a mulher possuísse dons que faziam parte de sua natureza feminina. Em um discurso mesclado de afirmações pseudocientíficas na superfície e intenso preconceito no fundo, o sexo frágil era mantido bem distante da pena.

As escritoras do passado teriam que contar com o desenvolvimento em relação às perspectivas sociais, históricas e econômicas, pois somente com o avanço em relação a esses campos, a imagem feminina não estaria restrita ao espaço privado e seria admissível ao menos que aspirasse a um *status* social diferente do preconizado pelas regras da vida em sociedade, explícitas umas, outras implícitas e não menos nocivas. Em outras palavras: a participação feminina no campo literário ou não se efetivava ou aquelas mulheres nascidas no século XIX que se dispunham a escrever eram recebidas ora com críticas acerbas ora com uma condescendência que em nada auxiliava para o verdadeiro reconhecimento da qualidade literária de seus escritos. Seria necessário que antigos conceitos fossem revistos e as mulheres deixassem de acreditar, elas mesmas, nos estereótipos de comportamento que lhes eram atribuídos.

Até o século XIX o mundo literário era habitado quase que exclusivamente por homens, logo, os padrões estéticos literários partiam desse paradigma, de uma

²⁶⁴ Ibid., p. 137.

literatura eminentemente masculina, que, como analisa Elaine Showalter²⁶⁵, passa a equivaler como a literatura universal. Essa dedução, que à época soava de maneira tão óbvia, custou-nos esforços empreendidos ainda hoje no sentido de viabilizar uma nova ótica da questão.

Em *O Paraná Mental*, Mariana Coelho cita praticamente apenas a produção literária de autoria masculina, o que demonstrou, de certa forma, a consciência em reconhecer que nessa época as mulheres eram minoria enquanto escritoras e seria utópico incluí-las em termos de igualdade. Por isso, reservava a elas “conselhos” para que estudassem e trabalhassem (garantindo assim o seu sustento), idéia igualmente preconizada por Virginia Woolf.

As barreiras foram ao longo do tempo sendo transpostas, antigos problemas foram solucionados, ou ao menos encaminhados, enquanto outros, não menos difíceis, se impuseram. Não bastaria garantir um espaço de atuação para as escritoras, mas assegurar que esse espaço fosse legítimo, e não marginalizado, como grande parte da história literária tem demonstrado, ao restringir as citações de mulheres escritoras ao mínimo, ou então, colocá-las em capítulos à parte, em uma espécie de *gueto literário de saias*, expressão anteriormente citada em referência sobre Júlia Lopes de Almeida. A desconstrução de antigas idéias que dessem espaço às novas abordagens fez-se e faz-se necessária. Alterar o tom dos velhos discursos é um dos objetivos da crítica literária feminista, no sentido de garantir a incursão das mulheres na literatura, incursão de fato e de direito.

²⁶⁵ V. SHOWALTER, Elaine. “Feminism and literature”. In: COLLIER, Peter e GEYER-RYAN, Helga (eds.). *Literary theory today*. Ithaca: Cornell University Press, 1990, p. 179-202.

Há várias conquistas que se constituem em marcos para o feminismo, mas ainda não significa que as arestas de anos de submissão feminina tenham sido aparadas e possamos declarar que haja uma relação equânime no território das letras. Ainda se percebem os bedéis a espreitarem as mulheres que se afastam de seu caminho de cascalhos e ensaiam alguns passos em percurso proibido.

A crítica feminista tem se dedicado nos últimos tempos a questionar sobre a construção social do gênero, o que significa historicamente ser mulher. Essa reflexão considera as variáveis de tempo e espaço que contextualizam a abordagem. Variáveis que não se aplicam, no entanto, ao poder de comando, que ainda permanece distante da esfera feminina, ou, ao menos, não tão próximo como seria o ideal em uma sociedade que se baseie na equidade. Isso, tomando-se por parâmetro as nações democráticas, uma vez que há países com uma tradição ainda mais cerceadora em relação ao papel da mulher. Logo, quando Mariana Coelho produziu seus textos, o fez a partir do espaço limitado oferecido às escritoras, por isso o alto grau de contestação de suas obras. Ela escreveu justamente baseando-se no princípio da diferença de tratamento entre homens e mulheres. Escrever, era, portanto, também uma forma de expressar a insatisfação com essa circunstância, além de demonstrar na prática da escrita o princípio iníquo no qual se baseava a sociedade em relação às mulheres no geral e às escritoras em particular.

Uma das conquistas do feminismo foi proporcionar condições de maior visibilidade para a produção literária das mulheres, garantindo-lhes espaço para que suas obras sejam lidas e estudadas, ainda que com limitações, indicando que há muitas escritoras a serem resgatadas, outras muitas a serem devidamente valorizadas, obras a serem reeditadas.

O trabalho de resgate que se vem efetivando nos últimos anos deve ser obstinadamente constante, uma reescrita da história literária. Conhecer esse passado das letras significa, entre outros importantes aspectos, estabelecer um percurso onde possamos conhecer o que se passou, como ocorreu, protagonistas e antagonistas desse enredo, descobrir obras que jamais deveriam ter permanecido ocultas em algum canto de biblioteca sem que as pudéssemos avaliar. A apreciação literária se modifica no tempo e no espaço, inclusive em relação ao mesmo leitor, que em determinado momento considera a obra a partir de certos valores e posteriormente baseia-se em julgamentos diversos. Essa reavaliação só é possível com o trabalho de resgate, caso contrário, com o afincado suspeito com que as escritoras foram ao longo do tempo caindo em quase completo esquecimento, não restarão referências que nos permitam restabelecer a tradição literária da literatura produzida por mulheres.

O feminismo contribuiu para a reavaliação de antigos conceitos, estabeleceu novos posicionamentos em relação aos estereótipos relativos aos temas e gêneros literários, assim como lançou luz às sombras das convenções da escrita produzida por mulheres, que passaram a sujeitos da história e da criação literária. Ao atacar a ordem constituída em uma sociedade patriarcal, moralista e sexista, contribuiu para o desenvolvimento da literatura de autoria feminina. A partir da perspectiva feminista, o território das letras seria extensivo também às mulheres, que nunca foram em tese efetivamente proibidas de a ele adentrar, no entanto, em muitos momentos desse trabalho houve oportunidade para refletir que, na prática, essa proibição se apresentava de forma dissimulada e sub-reptícia. Assim, a literatura, considerada eminentemente ligada ao masculino, poderia

legitimar a contribuição feminina. Atualmente a mulher tem, na maior parte das vezes, livre acesso à literatura, cabe agora ponderar-se sobre o poder político desse acesso e os espaços ocupados por essa produção literária.

O papel da mulher na sociedade vem se alterando ao longo dos tempos, no sentido de ampliação dos espaços de atuação. Nas primeiras décadas do século XX, esse progresso já se tornara mais visível e o círculo literário de mulheres escritoras desenvolvia-se. No entanto, a sociedade dessa época via de forma diferenciada as mulheres intelectuais, com um certo receio de suas atitudes, em especial aquelas que não se dedicavam aos gêneros literários comumente associados a elas, de tom mais intimista, como diários, memórias, epístolas. Nesse sentido, mesmo com a intensificação da participação feminina na literatura em princípios do século XX, não seria fácil superar os tabus que envolviam essa atuação. Portanto, o feminismo das obras de Mariana Coelho deve ter soado bem impertinente à essa época, período que balizou boa parte de sua produção literária.

A literatura é um espaço no qual coexistem conflitos e afirmações em relação à participação feminina, principalmente no que concerne ao gênero narrativo. Existe a expressão, direta ou indiretamente, de uma percepção da realidade de quem escreve, e, no caso das mulheres, em especial as nascidas no século XIX, elas eram herdeiras de uma vivência limitada, a qual transparecia em seus escritos.

Ainda que utilizassem a literatura para expor suas idéias, suas reflexões eram advindas de uma estreiteza de horizontes que sua limitada percepção tinha condições de captar. Algumas escritoras, no entanto, à frente de seu tempo, empenharam-se não apenas em escrever, mas em expor justamente o papel

secundário que exerciam e oferecer às outras mulheres solidariedade ao demonstrar partilhar angústias, tentativas de respostas, além de asserções políticas, que as tornassem capazes de superar o presente de submissão para conquistar reconhecimento e autonomia no futuro (que ainda não chegou, eterno devir).

O fato de os textos escritos por mulheres terem pouca visibilidade, passa a impressão primeira de que se de fato houve as que escreveram, sua contribuição literária não ficou à altura de trabalhos de autoria masculina, uma vez que raramente figuram em livros de história literária ou antologias. Poderia aqui utilizar-se o argumento de que as que escreveram o fizeram canhestamente e por isso não se tornaram dignas de nota. No entanto, é importante que se diga, há muitos escritores que figuram em obras de estudos literários que não são o que se possa chamar de gênios da literatura. Ou seja, mesmo tomando por base o argumento da qualidade, ainda assim as mulheres escritoras teriam que ser citadas.

A mesma literatura que aos homens conferia *status*, honra, às mulheres era motivo de conflito. Formadas segundo os conceitos patriarcais vigentes, pagavam a eles tributo, ou seja, em família eram orientadas por essas regras. Na escola, quando estudavam, eram educadas segundo a ordem que vigorava, de maneira que se sentiam desautorizadas àquilo que não estava previsto como sua esfera de atuação. Enquanto mulheres, estavam à margem de questões ligadas à filosofia, à sociologia e à literatura, por exemplo. Sendo assim, mesmo que escrevessem, muitas mulheres ainda se sentiam condicionadas a essas determinações sociais, as quais se constituíam nos pilares de sua formação. No entanto, a partir dessa insurgência em postular a entrada no mundo das letras, sua participação se

efetivará cada vez mais. E muitas delas conquistaram, ainda que em parte, sua emancipação, livrando-se da tutela de pais e maridos, assumindo uma posição notadamente transgressora, da qual o nome de Mariana Coelho é exemplo. Desde jovem ela passou a trabalhar, optou por manter-se solteira como forma de garantir a autonomia de suas idéias. Ainda hoje é lembrada por aqueles que com ela conviveram como dona de personalidade marcante, exigente e pronta a defender seus posicionamentos, distanciou-se, portanto, do comportamento feminino preconizado à época.

A altercação da parte de alguns críticos da literatura de que o que importa é a obra literária e não quem a escreveu, é uma falsa premissa cujo enfoque privilegia apenas um ângulo da questão. Defendemos justamente isso, que a autoria não deveria exercer influência em relação aos critérios utilizados para perenizar determinadas obras em detrimento de outras. O fato de se considerar como sendo “natural” que até hoje permaneça essa discrepância nos estudos literários, adia o estabelecimento de uma nova perspectiva no mundo das letras.

Esperava-se da mulher que tivesse um comportamento voltado à família e ao lar, esse era o paradigma considerado “normal”, logo, para a lógica da época, a mulher intelectual, escritora, era “anormal”. Isso se exemplifica através dos manuscritos de David Carneiro nos quais ele discorre sobre Mariana Coelho e destaca a estranheza em relação àquela mulher que caminhava desacompanhada:

Via-a, eu, às vezes passar pelas ruas, só.

Em minha casa os mais velhos comentavam que senhoras não deviam andar sem companhia... – Bons tempos do cavalheirismo!... – Sem alguém que pudesse defendê-las... Dona Mariana devia ser mulher excepcional. – A dedução era fácil!...

Ela era realmente excepcional, uma exceção por andar só, por ser escritora, por ser feminista... A sociedade conservadora não olhava com bons olhos a mulher escritora porque representava um perigo à ordem instituída, e aí estava o caso de Mariana Coelho. Pensar demais poderia tornar-se ameaçador, a princípio seriam geralmente inocentes versos, mas sabe-se lá onde chegaria... talvez andando desacompanhada e com idéias de emancipação...

A literatura foi, portanto, especialmente para as escritoras nascidas no século XIX, um ato de rebeldia, pelo fato de que ela era educada para não questionar, mas obedecer, e agir não de acordo com suas próprias vontades, mas segundo o que outros esperavam dela. Esse tradicional silêncio seria quebrado pelas palavras.

O papel secundário da atuação feminina é antológico, porque conta com a conivência de boa parte das próprias mulheres, por motivos vários, desde a ignorância até a comodidade, e até pouco tempo atrás a mulher era considerada sob a ótica masculina, revelando o desconhecimento de si mesma. Por isso muitas vezes os aplausos condescendentes que recebiam por suas primícias literárias, porque não ofereciam risco algum, pois partiam de uma ótica que não era a sua. As modificações só se efetivam a partir do momento em que essa escrita se torna consciente; a consciência crítica é que permitirá duvidar de antigos dogmas, questionar idéias pré-concebidas.

Nesse sentido, o trabalho de resgate tem sido fundamental, pois proporciona uma ruptura epistemológica que reorienta nosso olhar sobre a literatura, e que esta pesquisa se constitui exemplo. O questionamento do saber institucionalizado, de suas intrínsecas e rígidas regras em diferentes campos, do

debate em torno de antigas ideologias que permanecem há tempos guiando a sociedade, propiciam um modo diverso de se conceber a literatura, em especial a de autoria feminina, que surpreende muitas vezes, quando estudada sob prismas metodológicos renovadores.

Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*, contou a história da irmã de Shakespeare. A autora parte da hipótese de que o escritor inglês tivesse uma irmã, Judith, com grande capacidade intelectual, cujo desejo era se dedicar à criação artística e literária:

Permitam-me imaginar, já que é tão difícil descobrir fatos, o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã maravilhosamente dotada, chamada, digamos Judith. [...] era tão audaciosa, tão imaginativa, tão ansiosa por ver o mundo quanto ele. Mas não foi mandada à escola. Não teve oportunidade de aprender Gramática e Lógica, quanto menos ler Horácio e Virgílio. Pegava um livro de vez em quando, talvez um dos de seu irmão, e lia algumas páginas. Mas nessas ocasiões, os pais entravam e lhe diziam que fosse remendar as meias ou cuidar do guisado e que não andasse no mundo da lua com livros e papéis.²⁶⁶

As dificuldades dessa suposta irmã não foram poucas: teve que se contentar com uma formação autodidata, uma vez que as mulheres não eram aceitas nas escolas. Seu desejo de ligar-se ao teatro não contou com a aprovação de seus pais, com o agravante de que queriam lhe impor um casamento. Deixou de morar com a família e partiu em busca de um emprego. Desnecessário dizer que o mundo por esses tempos não era pródigo em acolher jovens que quisessem trabalhar. Mesmo no teatro, a participação da mulher era dispensável, pois os rapazes atuavam nos papéis femininos. O final da irmã de Shakespeare foi

²⁶⁶ WOOLF, Virginia, op. cit., p. 61-62.

melancólico e bastante sugestivo ao expor os reveses de Judith, personificando mulheres insurgentes dessa época e o destino que as aguardava, bem distante da glória literária do irmão. Suicidou-se, assim como a própria Virginia Woolf faria anos depois.

Christine Planté, em *La petite soeur de Balzac*²⁶⁷, discorre sobre o assombro que representava a participação das mulheres na literatura no século XIX, não como musas inspiradoras ou personagens estereotipadas, mas enquanto escritoras:

Não me proponho a narrar aqui a vida de Laure Balzac. Quis somente ver nela, como eco e como homenagem a Virginia Woolf e sua imaginária irmãzinha de Shakespeare, o emblema de uma relação difícil e cheia de contradições, aquela das mulheres com a literatura, na sociedade francesa do século XIX – e talvez além. Pois, se todas as mulheres não tivessem de situar-se diante da obra esmagadora e da embaraçante celebridade de um irmão como aquele, todas as que escreveram tiveram de debater-se em confusão semelhante, e se confrontarem ao mesmo desdobramento de valores. A mulher autor é esta personagem, criticada pelas obras de seu irmão, que não quis ser Laure Balzac. Ela encarna suas tentativas, por vezes ridículas, por vezes dolorosas, e sempre contraditórias, para escrever, sob o olhar, primeiro irônico, em seguida cheio de ódio da maioria dos homens de seu tempo.²⁶⁸

Virginia Woolf e Christine Planté nos oferecem a possibilidade de reconstituir o percurso das escritoras que suas personagens simbolizam. É possível, a partir daí,

²⁶⁷ PLANTÉ, Christine. *La petite soeur de Balzac: essai sur la femme auteur*. Paris: Seuil, “Libre à elles”, 1989.

²⁶⁸ Je ne me propose pas de raconter ici la vie de Laure Balzac. J’ai seulement voulu voir en elle, en écho et en hommage a Virginia Woolf et son imaginaire petite soeur de Shakespeare, l’emblème d’une relation difficile et infiniment porteuse de contradictions, celle des femmes à la littérature, dans la société française du XIXe. siècle – et peut-être au-delà. Car, si toutes les femmes n’avaient pas à se situer face à l’oeuvre écrasante et à l’encombrante célébrité d’un pareil frère, toutes celles qui écrivaient durent se débattre dans une semblable confusion, et se confronter au même dédoublement des valeurs. La femme auteur est ce personnage, fustigé dans les oeuvres de son frère, que *ne voulut* pas être Laure Balzac. Elle incarne leurs tentatives, parfois ridicules, souvent douloureuses, et toujours contradictoires, pour écrire, sous le regard d’abord goguenard,

compreender as adversidades que enfrentavam e como o fato de serem mulheres alterava o rumo da história, uma vez que seus irmãos representavam os escritores que alcançaram sucesso. Resta-nos, agora, imaginar como seria a vida da pequena Maria²⁶⁹, irmã de Machado de Assis. Ela nasceu em 1841, no Rio de Janeiro, mulata, em um família pobre. Inteligente e de vivo espírito, infelizmente pouco pôde estudar, mas tinha o sonho de tornar-se escritora. Ainda menina, ficou órfã de mãe, e logo teve que trabalhar auxiliando a madrasta a fazer os doces que Machado ajudava a vender. Os anos se passaram, o irmão vivenciava o mundo da literatura, mas Maria casou-se, constituiu uma numerosa família e passou o resto da vida cuidando do lar. As linhas anteriores foram apenas uma licença poética nesse trabalho que não se pretende uma narração literária, e a intenção é a de exemplificar que assim como as escritoras inglesas e francesas do século XIX, também as brasileiras que tivessem intenção de escrever teriam que enfrentar vários obstáculos, ainda maiores, uma vez que nosso país não atingiu até hoje os níveis de desenvolvimento dos países europeus citados.

A partir do momento em que as mulheres tiveram acesso ao saber e o feminismo tomou corpo e forma, o espaço da leitura e da escrita deixou de ser território sagrado. No entanto, mesmo hoje se percebe uma participação desproporcional de escritores e escritoras que contribuem para escrever a história literária contemporânea. A desigualdade simbólica, social e política reflete-se nessa participação literária, o que, de certa forma, mostra que a crítica literária feminista ainda tem muito a fazer.

puis de plus chargé de haine de la plupart des hommes de leur temps. Ibid., p. 12.[Tradução da Profª Drª Zahidé L. Muzart].

²⁶⁹ Machado de Assis teve realmente uma irmã, Maria, que faleceu em 1845, vítima de sarampo.

O feminismo, ao apontar para novas maneiras de se conceber um texto, modificou conseqüentemente o modo de se ler e valorizar determinada obra, apontando para princípios críticos diversos dos tomados comumente por parâmetros e o cânone literário passa a ser questionado. Compreender a literatura de autoria feminina é, portanto, não se limitar à estreita visão da tradição literária, mas contextualizá-la observando as relações que mantém com outros textos e as estruturas sociais e culturais que compõem o panorama da época. O cânone literário é o reflexo da sociedade que o produz, se nela as mulheres estavam à margem... desnecessário prolongar o raciocínio. Somente não observando as regras canônicas foi possível conhecer melhor os textos escritos por mulheres, tidos, em geral, como deficientes e secundários. Essa outra maneira de se ler os textos constitui uma história literária escrita sobre diferentes bases, cuja intenção é reconhecer a denúncia e subversão de alguns textos escritos por mulheres, com atenção inclusive para os relatos de cunho autobiográfico mostrando geralmente uma estreita vivência. O que para muitos significa uma “limitação” literária, revela-nos uma história muitas vezes silenciada pelas vias oficiais.

Como ponderou Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*, a mulher representa o outro, uma vez que a sociedade está estruturada levando-se em conta padrões patriarcais. Um identifica-se com o racional, lógico, capaz; ao Outro, por sua vez, atribuem-se características ligadas aos sentimentos, como a capacidade de oferecer carinho e a abnegação, ao lado de alguns termos, menos enaltecidos, em geral atribuídos às mulheres, como nevrótica e histérica. Beauvoir coloca o homem como o Sujeito, o Absoluto; a mulher é o Outro:

Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como o Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão da mulher?²⁷⁰

Sempre houve aquelas que escreveram e de alguma forma se afirmaram no território das letras, como Mary Shelley²⁷¹ e as irmãs Brontë,²⁷² por exemplo, mas foram exceções, somente subvertendo os conceitos de uma sociedade em que predomina o desequilíbrio é que se dará a participação ativa e efetiva dos sexos. Para que a mulher não seja vista apenas como o “outro”, torna-se necessário que construa sua própria identidade. Esse processo era ainda lento para as mulheres do século XIX, uma minoria vanguardista, e aí se inseria Mariana Coelho, que se dispôs a concretizar esse objetivo.

Na provinciana Curitiba, Mariana Coelho foi de fato uma mulher resoluta e não deve ter sido fácil desafiar as regras sociais. Júlia, sua sobrinha-neta, relatou²⁷³ que quando saía com a tia e entravam em um bonde com todos os assentos tomados, ficava apreensiva em relação à Mariana. De acordo com os ditames de comportamento da época, ela deveria aguardar que algum cavalheiro se dispusesse a lhe ceder o lugar, quiçá com um olhar súplice lançado ao redor. Mas não, aproveitava-se do fato de estar sempre com seu guarda-chuva, chegava-se a um deles (cutucando?!), pedia para se levantar e ainda lhe passava uma

²⁷⁰ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 1. Fatos e mitos. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 12.

²⁷¹ Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851). Romancista inglesa, autora de *Frankenstein* (1818). Filha da feminista Mary Wollstonecraft.

²⁷² Irmãs Brontë: Charlotte (1816-1855), Emily (1818-1848) e Anne (1820-1849). Romancistas inglesas.

²⁷³ Mantive vários contatos com as sobrinhas-netas da escritora, pessoais, por telefone e através de correspondências.

descompostura por já não ter feito isso logo que a viu. Ou seja, observava as regras sociais, no sentido de que um cavalheiro deveria lhe ceder o lugar, mas a seu modo.

Mariana foi escritora e é possível observar, através de suas obras, como a sua consciência crítica foi se desenvolvendo no decorrer dos anos. Os ideais feministas pautaram suas mais importantes obras, como se constatou ao longo da tese.

REMATES

Ao se estabelecer como tese a importância do feminismo na vida e obra de Mariana Coelho, foi necessário partir da relevância de alguns aspectos biográficos até a literatura de autoria feminina. No decorrer desse percurso, outras questões surgiram, subsidiárias do tema maior; sendo assim, além de destacar as principais obras da escritora permeadas pelos ideais feministas, houve também a preocupação em se estabelecer um histórico sobre o movimento feminista, ao qual a escritora pertenceu, como também um estudo comparativo com escritoras nascidas no século XIX e ligadas ao Paraná. Esse itinerário, se assim o pudermos classificar, proporcionou conhecer melhor não apenas Mariana Coelho, mas a atuação de outras mulheres na campanha sufragista e na literatura, por exemplo.

A pesquisa de resgate de escritoras olvidadas oferece a possibilidade desse olhar ao passado com os olhos do presente, na intenção de se restabelecer os vínculos que nos trouxeram até onde hoje estamos. Tarefa permeada por dificuldades e mesmo “armadilhas”, no sentido de perder a mirada do século XXI e envolver-se demasiado com os pensamentos de nossas precursoras. É uma situação limite, pois impõe que haja uma aproximação, caso contrário não seria possível contextualizar e atinar os principais objetivos que moviam as mulheres no geral e Mariana Coelho em particular, ao mesmo tempo que supõe um distanciamento, necessário para se estabelecer uma postura crítica frente aos fatos.

Iniciada nos anos 80, a pesquisa de resgate de escritoras tornou-se o carro-chefe do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) e podemos citar muitas pesquisadoras a ele filiadas que desenvolvem pesquisas nessa linha. Sem

ser filiada a este grupo, devo citar a pioneira nesses estudos, Prof^a Dr^a Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes que em seu livro *Mulheres de ontem?*,²⁷⁴ deu uma relação de 95 escritoras brasileiras esquecidas. Esta relação foi importante para o desenvolvimento desses estudos no Brasil. Outras pesquisadoras ligadas ao GT realizaram o estudo de escritoras “esquecidas” pela história literária. Assim, podem ser citadas, dentre outras, a Prof^a Dr^a Constância Lima Duarte e o trabalho empreendido em relação à Nísia Floresta; Prof^a Dr^a Eliane Vasconcellos, com a pesquisa de escritoras do século XIX do Rio de Janeiro; Prof^a Dr^a Ívia Alves, na recuperação da produção literária de autoria feminina na Bahia, durante os séculos XIX e XX; projetos semelhantes foram empreendidos pela Prof^a Dr^a Izabel Brandão, com escritoras de Alagoas, Prof^a Dr^a Luzilá Gonçalves Ferreira, com escritoras de Pernambuco e Dra. Rita Schmidt, com as escritoras gaúchas. Devo citar o trabalho das dicionaristas Prof^a Hilda Flores, com *Dicionário de mulheres* e Prof^a Dr^a Nelly Novaes Coelho, com *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: (1711-2001)*. O livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizado pela Prof^a Dr^a Zahidé L. Muzart tem por objetivo restabelecer o percurso de escritoras de vários pontos do país, o que se tornou possível a partir da pesquisa com representantes de diversos estados.²⁷⁵

Se voltamos os olhos ao passado é com a intenção de perceber com mais clareza o presente, uma forma de restabelecer uma trajetória literária. Esse sentimento impulsionou estudos em outros países, como por exemplo o de Elaine

²⁷⁴ BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro - século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

²⁷⁵ V. estudo escrito por Tânia R. Oliveira Ramos e Simone P. Schmidt, “Escritoras Brasileiras no Século XIX”, no qual elas abordam sobre a pesquisa empreendida para se chegar à publicação do livro.

Showalter, que nos anos 1960 iniciou pesquisa para seu PH.D, e que culminou com a publicação do livro *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*, em 1977, no qual ela se propõe a estabelecer a existência de uma tradição literária feminina, que permanecia praticamente ignorada pela crítica tradicional. Nina Baym igualmente se dedicou à reavaliação de escritoras do passado e escreveu *American women writers and the work of history, 1790-1860* e *Feminism and American Literary History*, obras nas quais reflete sobre a imbricação entre feminismo, história e literatura.

Assim, essa pesquisa de resgate de escritoras do passado está reescrevendo a trajetória literária no Brasil, reparando lacunas e ensejando novos estudos, sob perspectivas diversas. Há que se salientar que essas pesquisas se efetivam através da participação em eventos, congressos, seminários, colóquios; publicação de ensaios e livros; orientações de dissertações e teses; ou seja, a pesquisa de escritoras do passado se espraia e recebe a colaboração de diversas pessoas, como ocorre em outros países, uma vez que estudos de resgate são articulados em diferentes nações, com o impulso das idéias feministas.

O feminismo ocupa posição relevante, pois questiona a participação feminina no decorrer do tempo até a contemporaneidade. Do modo como foi escrito, pode passar a falsa impressão de que isso se deu ano após ano em um desenvolvimento progressivo, tranquilo e indiscutível. Claro está que não foi o que ocorreu, ao contrário, ainda hoje há muito por ser feito. As principais conquistas para as mulheres somente se deram após envolverem-se efetivamente nas questões políticas e sociais que impulsionavam o seu tempo. E, nesse sentido, não há como “decantar” tudo isso e voltar-se apenas à literatura, uma vez que as

letras faziam parte de um universo maior de expectativas femininas e estavam inseridas em um contexto mais amplo. Abordar a literatura de autoria feminina, portanto, não se limita a estudar os textos produzidos por mulheres, mas compreender a forma como essas obras foram compostas.

Durante o século XIX, as mulheres ainda propugnavam pelos mais elementares direitos, como o de acesso à instrução, por exemplo, prerrogativa básica às escritoras, e o acesso ao trabalho fora do lar. No início do século XX, o sufrágio, o trabalho assalariado e o ensino superior constavam da pauta das feministas. Ao se proceder a uma pesquisa de resgate como a de Mariana Coelho, não é possível limitar-se às suas obras, mas impõe-se perscrutar a condição de sua produção. No caso de Mariana, acrescenta-se o fato de ser feminista convicta além de escritora e boa parte de sua produção literária trazer em si essa marca autoral.

O feminismo garantiu melhorias à vida de muitas mulheres e, conseqüentemente, maiores condições para dedicarem-se à escrita. Mas isso não é tudo, há questões que devem ser analisadas. A sociedade está de tal forma estruturada que parte das inovações são efetivadas, não como foram concebidas, mas a partir de regras já existentes. Sendo assim, muitas mulheres tornaram-se escritoras, no entanto, com limitações a partir do tempo e do espaço de composição de suas obras. Subverter a ordem instituída, do ponto de vista da hierarquização de valores masculinos e femininos no sistema econômico, político e sociocultural, é o que determinará uma literatura de autoria feminina que na verdade não necessitaria mais ser especificada (como feminina). Bastaria citar literatura e então, fosse ela escrita por homens ou mulheres, a receptividade e a

consideração seriam as mesmas, independentemente de quem a tivesse concebido. Redefinir a realidade a partir de diferentes princípios e interesses é o que possibilitará a inserção de fato da literatura produzida por mulheres, sem a distinção de figurarem em capítulos especiais ou que se torne necessário empreender, daqui a algumas décadas, trabalho de resgate de Hilda Hilst, por exemplo.

A pesquisa de resgate de escritoras do passado é oportunidade para se refletir sobre a história literária e encaminhar modificações relativas à sua constituição, caso contrário, será um eterno resgatar de escritoras, dando voltas e voltas em torno do seu próprio eixo. No entanto, não é tarefa fácil redirecionar os rumos de uma tradição como essa, é uma atividade lenta e que se dá de forma gradativa. A princípio, uma atitude necessária seria a mulher abandonar o posto de injustiçada das letras e assumir erros e acertos enquanto leitora e escritora, sob pena de se manter refém de uma retórica vitimista. Que há lacunas na história literária, que muitas escritoras foram “esquecidas”, isso é fato. Porém, torna-se necessário avançar em direção a outras perspectivas literárias. Esse ponto é atingido quando são elaboradas listagens de obras indicadas aos concursos vestibulares, por exemplo, como também na preparação de ementas e programas de disciplinas, uma vez que o espaço acadêmico é, em grande parte, o responsável por essa escrita e manutenção da história literária. Novamente não é tarefa fácil, pois o peso da tradição se impõe. São anos de formação educacional baseada nos “clássicos”, o que está de tal maneira instituído que se torna quase impensável ser visto sob outro prisma.

Ao se estabelecer um caminho mais seguro da autoria feminina, que não se esfale de tempos em tempos determinando um eterno reiniciar, será possível que a literatura seja considerada apenas enquanto arte e não como forma de manutenção de prioridades instituídas.

O que distingue algumas escritoras do século XIX é justamente a capacidade crítica exposta de maneira explícita, de reconhecer que não bastava escrever, mas ter consciência do que isso representava. Dessa forma, o nome de Mariana Coelho se destaca. Desde que chegou ao Brasil, dedicou-se ao magistério e fundou o Colégio Santos Dumont nos anos iniciais do século XX. O colégio oferecia ensino das séries iniciais até o secundário, inclusive com aulas de música. A preocupação de Mariana era a de oferecer uma educação de qualidade e para isso não poupou esforços. Instituiu, como anteriormente referido, um método de alfabetização inovador para a época; ela mesma se responsabilizava pelas aulas de português, inclusive tendo publicado em 1937 *Linguagem*, tese apresentada ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil. Nesse estudo, a autora discorre sobre a língua portuguesa e diz adotar a ortografia simplificada e acreditava que, no futuro, esta prevaleceria sobre as outras, em um tempo de várias e contraditórias postulações:

Insubmissa por natureza rejeito, para o meu uso, opiniões opostas, mas respeito-as lealmente; e por isso permito-me expor livremente o que penso e o que a minha compreensão acha mais racional e de mais fidelidade à ciência e à história da língua, e até mesmo, talvez, por uma inexplicável intuição.²⁷⁶

²⁷⁶ COELHO, Mariana. *Linguagem* (tese). Curitiba: Tipografia A Cruzada, 1937, p. 9. [Ortografia atualizada].

É interessante destacar a personalidade de Mariana, manifesta nesse excerto, no qual se declara insubmissa, o que foi possível perceber ao longo dessa tese, mas também respeitando as idéias opostas. E mostrava-se sempre adepta ao novo, àquilo que de certa forma apontasse para o distanciamento dos padrões impostos há anos. Seja pelo método de alfabetização escolhido, pela ortografia utilizada, pelas concepções relativas à sociedade, sempre mostrou-se vanguardista. Não poderia ser diferente em relação à produção literária. Suas obras eram marcadas pelo feminismo, ou seja, tinha a consciência crítica do significado de sua escrita.

Mariana demonstra compreender que a incursão ao mundo das letras não era tarefa isenta de complicações, ao contrário. Relata no livro *A evolução de feminismo* o episódio no qual um pai a aborda dizendo estar preocupado com a educação da filha de sete anos e em dúvida em relação às instituições de ensino, uma vez que nas escolas modernas ensinavam vícios:

Que vícios? Inquirimos, naturalmente atingida por esta surpreendente e ousada afirmativa – visto sermos então, ainda que modesta, proprietária de uma casa de educação. E o mais curioso é que o *quidam* não se desconcertou com a nossa intencional pergunta; pelo contrário, tomou fôlego, e com a mais desassombrada ênfase, tanto mais grosseira que era a primeira vez que nos víamos, retrucou que as educadoras modernas se preocupavam com uma educação que lhe não convinha para a sua filha, porque: ou gostam de baile, (neste ponto, além de, evidentemente claudicar, o aguilhão de tão *abalizada* crítica não nos podia atingir); ou discutem política e escrevem nos jornais; e ele quer que sua filha seja *dona-de-casa* – porque é ao que a mulher deve aspirar; só admite a instrução do sexo masculino. E depois de estender de *fond en comble* a atrevida catilinária mais ou menos indireta, terminou por dizer, claramente convicto e satisfeito, que provavelmente resolveria o *intrincado* problema mandando a pequena para uma escola de freiras.²⁷⁷

²⁷⁷ COELHO, Mariana, p. 46.

Sobre esse excerto há algumas considerações a serem feitas, principalmente em relação à forma como sua postura feminista e à frente de seu tempo incomodava. Esse senhor encaminhou-se a ela com o claro intuito de lançar-lhe críticas e só se deu a esse trabalho porque se sentia de certa forma perturbado pela posição adotada por Mariana. Se ele estivesse conversando com Maria Cândida de Jesus Camargo, por exemplo, não teria sido tão ferino. Percebe-se também a ênfase do pai sobre o fato de educadoras que discutiam política e escreviam nos jornais, refletindo o receio de que isso se tornasse um (mau) exemplo para as alunas, que poderiam se desvirtuar do comportamento previsível voltado ao matrimônio e aos cuidados com o lar. Outro aspecto que se destaca é a preocupação por parte da escritora de adotar sempre um comportamento austero, fato que se infere no momento em que argumenta não ser atingida pelo comentário de que algumas professoras freqüentavam “bailes”. Isso se explica a partir do momento em que intuía que a vigilância sobre ela era cerrada, pelo fato de ser feminista. É preciso lembrar que no início do século XX, conforme referido nesse trabalho, ela se sentia um “urso”, tamanha curiosidade que despertava ao sair só às ruas. Os grifos da citação são da autora, que fazia uso corrente desses recursos gráficos, com o objetivo de chamar a atenção, nesse caso, para a inconveniência e defesa de idéias ultrapassadas por parte daquele senhor. Por fim, a solução encontrada pelo pai foi a de enviar a filha para um colégio de freiras, como se lá a pudesse manter salvaguardada das idéias de emancipação feminina defendidas por educadoras como Mariana Coelho.

Essa vigilância ostensiva em relação às educadoras era extensiva às escritoras, ainda mais aquelas que, como Mariana, não se limitavam aos versos e à

ficção. O seu desejo de uma sociedade na qual a mulher tivesse uma participação efetiva a levou a veicular essas concepções em seus escritos, a princípio movida pela indignação que por vezes cedia espaço à ponderação, à ironia, novamente à indignação. É preciso compreender que a própria Mariana Coelho, com seu espírito combatente, deve ter sentido as pressões psicológicas e sociais que de certa forma inibiam as iniciativas literárias. Mas esse espírito combatente fazia com que, mesmo que possa ser interpretado como até certo ponto ingênuo, o idealismo de uma sociedade melhor tenha sido um incentivo para que escrevesse, e para isso lançou mão de diferentes gêneros literários. O ensaio foi o veículo ideal para a transmissão de seus ideais imbuídos de função social, aos quais julgava necessário consagrar-se. Além de expressar os sentimentos, o gênero ensaístico permite reflexões culturais, ideológicas e sociais. Assim, em obras como *A evolução do feminismo* e *Um brado de revolta contra a morte violenta*, por exemplo, Mariana posicionou-se de maneira judiciosa, consciente e questionadora, visando à reorganização das relações sociais, com mulheres que procurassem intervir no espaço social, com o intuito de transformá-lo.

Mariana Coelho via no feminismo a possibilidade de uma estrutura social em diferentes bases, o que, segundo ela, possibilitaria à mulher o desempenho de funções que não fossem aquelas restritas ao lar. Apesar de sua concepção acerca do feminismo não ter sido a mesma durante os anos de sua maior atuação, é possível distinguir algumas questões que constantemente permearam a trajetória literária e feminista empreendida por ela, como as idéias expressas em seus primeiros escritos, que apontam para a necessidade de a mulher possuir uma educação que assegurasse posicionar-se criticamente e garantir o próprio sustento

dedicando-se a uma profissão. A princípio, não chegava a admitir plena igualdade de direitos entre homens e mulheres, o que não significa que admitisse a superioridade masculina, talvez apenas não percebesse o início do século XX como o momento ideal para expor a equidade sexual plena. Convém enfatizar que ela poderia ter optado por uma espécie de estratégia para a apresentação dos ideais feministas. Já houve oportunidade, nesse trabalho, de expor a preocupação de Mariana de que suas idéias feministas não fossem motivo de zombaria, afetando sua credibilidade. Logo, nem tudo o que ela expôs de início, corresponde, necessariamente, ao que de fato acreditava.

Alguns textos de autoria feminina, em especial nos anos de 1920, período pós-guerra, já expressavam os anseios de uma mulher que demandava ter a posse de sua vida, como também autonomia de sua mente, ou seja, pensar por si, e não a partir de outros. O comportamento feminino dava mostras de que muitas não aceitariam mais a vida reclusa em suas localidades de origem. Mariana é novamente exemplo dessa postura. Não se limitava a sair só pelas ruas, mas viajava desacompanhada, conhecia outros lugares, pessoas com ideais semelhantes, idéias inovadoras. Ainda que esses tempos modernos acenassem com mudanças, é indubitável que um comportamento assim provocasse certo desconcerto entre alguns de seus contemporâneos. E prevaleciam, ainda, os mecanismos sociais que procuravam manter a mulher em esfera de atuação mais limitada.

A escritora acreditava que o feminismo fizesse as mulheres terem maior consciência de seu estado de submissão. Entendia que aquelas que estudassem, garantissem uma profissão – ou mesmo se mantivessem no lar, mas preservando

uma identidade – e se dedicassem à atuação política, contribuiriam diretamente para um mundo melhor, não apenas sob o ponto de vista feminino, mas em relação à humanidade, com a participação equilibrada dos dois sexos. Portanto, o feminismo é que daria corpo às reivindicações, tanto em relação à emancipação feminina como à reordenação social baseada em novas estruturas. Ana de Miguel, ao questionar sobre o feminismo no século XIX, aborda o significado que o movimento adquiria e as contradições sociais nas quais se inseria, juntamente com os diferentes socialismos e o anarquismo:

Estes movimentos herdaram em boa medida as reivindicações igualitárias do Iluminismo, mas surgiram para dar resposta aos acutilantes problemas que a revolução industrial e o capitalismo estavam gerando. O desenvolvimento das democracias censitárias e o decisivo facto da industrialização suscitaram enormes expectativas a respeito do progresso da humanidade, e chegou-se a pensar que o fim da escassez material estava próximo. No entanto, estas esperanças chocaram frontalmente com a realidade. Por um lado, eram negados às mulheres os direitos civis e políticos mais básicos, ceifando das suas vidas qualquer réstia de autonomia pessoal. Por outro, o proletariado – e logicamente as mulheres proletárias – ficava totalmente à margem da riqueza produzida pela indústria e a sua situação de degradação e miséria convertia-se num dos factos mais impressionantes na nova ordem social. Estas contradições foram o caldo de cultura das teorias emancipadoras e dos movimentos sociais do século XIX.²⁷⁸

Para Mariana Coelho, portanto, o feminismo tinha papel preponderante, uma vez que através dele as mulheres tomariam consciência de sua capacidade e, ao adquirir essa consciência, atuariam decisivamente para o estabelecimento de uma nova ordem social. Em sua atuação direta enquanto feminista, incluía o debate e expansão desses ideais através de suas obras, e o tema surge de forma recorrente

²⁷⁸ ALVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. Trad. Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002., P. 23-24.

em diferentes textos de épocas diversas, havendo, portanto, nuances na maneira como o feminismo foi entendido por ela, dependendo, em grande parte, do contexto histórico-social do momento. Assim, em *O Paraná Mental*, páginas escritas entre os séculos XIX e XX expressavam uma preocupação relacionada à educação feminina, para que as mulheres não tivessem que se manter subjugadas. Em *A evolução do feminismo* percebe-se que Mariana estava completamente absorvida pelos ideais feministas, o que se traduzia através de seu engajamento em torno de várias questões detidamente estudadas anteriormente nesse trabalho, das quais podemos frisar a luta pelo direito ao voto – prerrogativa básica para a cidadania –, e a necessidade de acentuar que a mulher era capaz de exercer qualquer função, o que havia sido comprovado a partir do momento em que a Primeira Guerra Mundial afastara muitos homens de suas atividades, os quais foram substituídos pelas mulheres sem que houvesse prejuízo no desenvolvimento desses ofícios. A partir do momento em que o conflito bélico se tornara passado, era preciso não apenas garantir como ampliar a manutenção desse espaço de atuação conquistado. June Hahner, ao discorrer sobre a campanha sufragista, salienta:

Os problemas referentes às mulheres das classes trabalhadoras – os baixos salários, as longas jornadas e as condições miseráveis de trabalho – também passaram a ser atacados pelas feministas brasileiras, sem que deixassem de lado as lutas a que sempre tinham se dedicado: as reivindicações pelos direitos civis e políticos para todas as mulheres.²⁷⁹

²⁷⁹ HAHNER, June. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Trad. Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003, p. 334.

Mariana acompanhava o movimento feminista não apenas no Brasil, mas em outros países, mantinha-se atualizada em relação às principais conquistas femininas nos mais variados lugares, como Inglaterra, Estados Unidos, China, Turquia, Palestina. Seu interesse era pela situação da mulher. Ela era portuguesa, branca, classe média, teve acesso ao ensino, porém, não falava olhando para si mesma, seu discurso não era excludente, ao contrário, usava seus escritos para expor a situação das mulheres envolvidas com a prostituição, sem amparo na velhice, assim como evidenciava o estado de alienação (in)voluntária de muitas mulheres pertencentes às classes mais altas. Em *Um brado de revolta contra a morte violenta* são tratados temas como o pacifismo, a violência contra a mulher e o divórcio. As aspirações feministas mobilizaram a atenção de Mariana Coelho em sua vida pessoal e em suas atividades profissionais e literárias.

As doutrinas sociais e científicas que se iniciaram no século XIX e adentraram o século XX, como o positivismo e o evolucionismo, por exemplo, foram objeto de atenção por parte da escritora. Essas doutrinas não apenas possuíam propostas reivindicatórias e conjunturais próprias, mas acenavam com a transformação se não total, ao menos parcial da sociedade. E esse era o ponto essencial para Mariana. Para que essas doutrinas se desenvolvessem, estava implícita a necessidade de uma reflexão sobre a realidade social, para, a partir dessas características fundamentais, analisar de que forma determinados fatores se originavam e se reproduziam. Ao defender uma participação efetiva da mulher na sociedade à qual pertencia, seria necessário que essa sociedade sofresse transformações para acolher a contribuição feminina, uma vez que a tradição era a de manter a mulher restrita ao espaço privado. Portanto, analisar e propor

modificações relativas à organização social que formava e reproduzia a submissão feminina era um fator de primeira ordem para Mariana Coelho. Isso não equivale a dizer que a escritora tenha se tornado adepta desses movimentos sociais, mas pela análise de suas obras foi possível depreender que se aproximou das ciências sociais justamente pelo propósito feminista maior que a guiava. Uma vez que seus seguidores refletiam sobre a sociedade e aludiam com perspectivas de mudanças, ela não poderia ficar alheia. Norma Telles escreveu ao refletir sobre a produção literária de autoria feminina:

Higienistas, positivistas, correntes ilustradas, todas as vertentes do pensamento tentavam redefinir os comportamentos. No centro do palco, mais uma vez ficava a mãe; os positivistas a colocaram num pedestal, semelhante ao que fazia a Igreja Católica, com a diferença de que prometiam o céu aqui mesmo na terra através do auto-sacrifício.²⁸⁰

No entanto, não havia elos suficientes que garantissem uma união de ideais. Cada vertente tinha concepções próprias a respeito da mulher e cada qual imaginava à sua maneira a mudança da condição feminina.

Mariana Coelho registrou através de suas obras os ideais nos quais acreditava e muitas vezes fez da pena um bisturi, dissecando a sociedade de sua época.

²⁸⁰ TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 429.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA TEÓRICA E CRÍTICA

ÁLVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. Trad. Ana Barradas.

Lisboa: Ela por Ela, 2002.

BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo:

Edições Pulsar, 2001.

BAYM, Nina. *American women writers and the work of history, 1790-1860*. New

Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1995.

---. *Feminism and American Literary History*. New Brunswick, New Jersey:

Rutgers University Press, 1992.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 2 vols. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

2000.

BERNARDES, Maria Theresa Crescenti. *Mulheres de ontem?* São Paulo: T. A.

Queiroz, 1989.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Editora da

Universidade de São Paulo, 1988.

CARNEIRO, David (org.). *Positivismo e humanismo*. Curitiba: [s.e.], 1993.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Do simbolismo aos antecedentes de 22*. Curitiba:

Serena/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1982.

CATÁLOGO Coletivo de Literatura, História e Geografia do Paraná – Instituto de

Letras e Artes e Centro de Estudos Brasileiros. Curitiba: [s.e.], 1972.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: (1711-*

2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

- COSTA, Claudia Lima. “O tráfico do gênero”. *Cadernos Pagu*, n. 11, 1998: 127-140.
- COUTINHO, Afrânio e SOUSA, Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1990. 2 vols.
- DICIONÁRIO histórico-biográfico do Paraná. Curitiba: Chain/Banco do Estado do Paraná, 1991.
- DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DUARTE, Constância Lima. “Nísia Floresta Brasileira Augusta”. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Org. Zahidé L. Muzart. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- (org.) *Cartas de Nísia Floresta & Auguste Comte*. Trad. Miguel Lemos e Paula Berinson. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- . “Feminismo e literatura no Brasil”. *Estudos Avançados* 17 (49), 2003, p. 151-172.
- . “O cânone e a autoria feminina”. In: SCHMIDT, Rita T. (org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- . “Reflexões acerca de mulher e literatura no Rio Grande do Norte”. *Mulher e Literatura no Rio Grande do Norte*. --- (org.). Natal: UFRN/CCHLA, 1994.
- . “História literária das mulheres: um caso a pensar”. *Mulher e Literatura no Rio Grande do Norte*. --- (org.). Natal: UFRN/CCHLA, 1994.

- . “Literatura Feminina e Crítica Literária”. In *A Mulher na Literatura V. I.* GAZOLLA, Ana Lúcia A. (org.). Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.
- . “Nos bastidores da história da literatura feminina”. In *Anais do VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura.* ALVES, Ívia (org.). Salvador, 2001 [CD-ROM].
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira”. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula.* Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- . “Virginia Woolf – a androginia como desconstrução”. In: Encontro Nacional da ANPOLL – GT Mulher na Literatura, 2002, Florianópolis. *Boletim do GT A mulher na literatura.* Florianópolis: UFSC, 2002. v.9. p.223-229.
- ENCICLOPÉDIA Encarta - 1999 - Microsoft - Brasil. [CD-Rom].
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves, “Poesia feminina em Pernambuco no Segundo Império”. In *A Mulher na Literatura V. II.* GOTLIB, Nádya Battella (org.). Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 135-139.
- FLAX, Jane. *Psicoanálisis y feminismo. Pensamientos fragmentarios.* Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres.* Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.
- FRAISSE, Genevieve e PERROT Michelle (orgs.). *História das Mulheres: o século XIX.* Porto: Edições Afrontamento. V. 4.

- FRIEDMAN, Susan. "Beyond gender: the new geography of identity and the future of feminist criticism". *Mappings: feminism and the cultural geographies of encounter*. Princeton: Princeton University of Chicago Press, 1998, p.17-35.
- FUNCK, Susana Bornéo. "Da Questão da Mulher à Questão do Gênero". In *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. --- (org.). Florianópolis: UFSC, 1994, p.17-22.
- GAZETA do Povo. Escolástica Moraes Veloso: centenário de nascimento. Curitiba, 30 de outubro de 1974.
- GILBERT, Sandra e Gubar, Susan. *La loca del desván: las escritoras y la imaginacion literaria del siglo XIX*. Madrid: Ediciones Catedra, 1998.
- GROSS, Elizabeth. "Qué es la teoria feminista?". *Debate Feminista*, año 6, vol 12, oct. 1995: 85-105.
- GUILLORY, John. "Canon". In: LENTRICCHIA, Frank e MCLAUGHLIN, Thomas (eds.). *Critical terms for literary study*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GUINSBURG, J. "Romantismo, Historicismo e História". In --- (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- HAHNER, June. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Trad. Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- . *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- . *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- JEHLEN, Myra. "Gender". LENTRICCHIA, Frank e MCLAUGHLIN, Thomas (eds.). *Critical terms for literary study*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995, p. 263-273.
- KAMITA, Rosana Cássia. "A morte da personagem feminina na prosa romântica brasileira". Dissertação. UEL, 2002.
- . "O refúgio da arte". In: BRANDÃO, Izabel e MUZART, Zahidé L. (orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003, p. 105-114.
- . "Mulher e Literatura: o mundo além dos jardins". *Teoria e Debate – Revista da Fundação Perseu Abramo*, ano 17, nº 56, dezembro 2003/janeiro 2004, p. 67-68.
- . "A sensível percepção de mundo em alguns poemas de Helena Kolody, de 1941 a 1951". In: SANTOS, Luísa Cristina dos (org.). *Literatura e Mulher: das linhas às entrelinhas*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002, p. 165-173.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LAMAS, Marta. "Usos, dificultades y posibilidades de la categoría 'Género'". ---. (org.). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México: Pueg/UNAM, 1996, p. 327-366.

- LEIRO, Lúcia. “Uma questão de escolha: mulheres, família e situações”. In Anais do VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura. ALVES, Ívia (org.). Salvador, 2001 [CD-ROM].
- LEMAIRE, Ria. “Repensando a história literária”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LIMA, Sílvio. *Ensaio sobre a essência do ensaio*. São Paulo: Saraiva, 1946.
- LIMA, Rosy Pinheiro. *Vida de Júlia da Costa*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953.
- LOBO, Luiza. “Discurso ensaístico e alteridade na literatura feminina”. Anais do 3º Seminário Nacional Mulher e Literatura – Caderno – nº 1, 1989, p. 370-374.
- MACHADO, Rita Maria Xavier. “Mariana Coelho. *A Evolução do feminismo: subsídios para sua história*”. *Revista Estudos Feministas*, vol. 11, nº 1, jan./jun. de 2003, p. 319-320.
- MARTINS, Wilson. *Literatura paranaense: mitos e realidades*. Florianópolis: Museu/Arquivo da poesia manuscrita, 1999.
- MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru: Edusc, 2000.
- MENESES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MOI, Toril. *Teoria Literaria Feminista*. Madrid: Ediciones Catedra, 1988.
- MOREIRA, Júlio Estrela. *Dicionário Bibliográfico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1953.

- MURICY, Andrade. *Panorama do conto paranaense*. Curitiba: Fundação Cultural, 1979.
- MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- (org.). *Poesia – Júlia da Costa*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.
- . “A questão do cânone”. In: SCHMIDT, Rita T. (org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- . “Artimanhas nas Entrelinhas: Leitura do Paratexto de Escritoras do Século XIX”. In *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994, p. 263-269.
- . “Parnasianas, sim senhor! A poesia da mulheres no final do século XIX”. In *Mulher & Literatura – V Seminário Nacional*. DUARTE, Constância L. (org.). Natal: UFRN Editora Universitária, 1995, p. 134-141.
- . “Pedantes e *Bas-Bleus*: história de uma pesquisa”. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. In --- (org.). Florianópolis: Editora Mulheres/EDUNISC, 1999 p. 17-29.
- . “Resgates e ressonâncias: uma beauvoir tupiniquim”. In: BRANDÃO, Izabel e --- (orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- . “Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar”. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

- NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". *Estudos Feministas*, vol. 8, n. 2, 2000: 9-41.
- NICOLAS, Maria. *Vultos paranaenses*. Curitiba: [s.e.], 1966. 4º Vol.
- . *Pioneiras do Brasil: Estado do Paraná*. Curitiba, 1977.
- NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- OLIVEIRA, Américo Lopes de e VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*. Porto: Lello e Irmãos Editores, 1967.
- OLIVEIRA, Ana Paulo Costa de. "Cânone, valor, feminismo". In: *O sujeito poético do desejo erótico: a poesia de Gilka Machado sob a ótica de uma leitura estética e política feminista*. Dissertação de Mestrado em Literatura, UFSC, 2002, p. 11-31.
- PLANTÉ, Christine. *La petite soeur de Balzac: essai sur la femme auteur*. Paris: Seuil, 1989.
- QUEIROZ, Vera. "Feminino e Crítica". In *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994, p. 33-44.
- . *Crítica literária e estratégias de gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.
- QUINLAN, Susan C. E SHARPE, Peggy, introdução e notas. *Visões do passado, previsões do futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Goiânia: Editora da UFG, 1996.
- PRATT, Mary Louise. "Don't Interrup me": The Gender Essay as Conversation and Countercanon. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, nº 4 (1998): 85-101.

- RAITANI NETO, Felício e SOUSA, Colombo de. *Letras paranaenses*. 2ª ed. Curitiba: Ocyron Cunha, Editor, 1971.
- RAMOS, Tânia. R. Oliveira, LAGO, Mara. Souza e SILVA, Alcione Leite da (orgs.). *Falas de Gênero*. Florianópolis : Editora Mulheres, 2000.
- RAMOS, Tânia. R. Oliveira e SCHMIDT, Simone Pereira. “Escritoras brasileiras no século XIX”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: , v.7, n.1 e 2, p.246 - 250, 2000.
- RODRIGO JR. & PLAISANT, Alcibiades. *Antologia paranaense: poesia*. Curitiba: Mundial & França, 1938.
- RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: Edição S.O.S. Corpo, 1993.
- SAMPAIO, Newton. *Uma visão literária dos anos 30*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1979.
- SAMWAYS, Marilda Binder. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba: HDV, 1988.
- SCHNEIR, Miriam (introduction and commentaries). *Feminism: the essential historical writings*. New York: Vintage Books, 1994.
- SCHMIDT, Rita T. (Org.). *(Trans)Formando identidades*. Porto Alegre: Palotti, 1997.
- . “Da Ginolatria à Genologia; Sobre a Função Teórica e a Prática Feminista”. In *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994, p. 23-32.

- . “Os estudos sobre a mulher e a literatura no Brasil: percursos e percalços”. In *Anais do V Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995, p 175-188.
- . “Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber”. In *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. RAMALHO, Christina (org.). Rio de Janeiro: Elo, 1999, p. 23-40.
- SCHMIDT, Simone Pereira. *Gênero e história no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- . “Nas trilhas do tempo: anotações sobre o trânsito das teorias feministas no Brasil.” In: *Refazendo nós*. Florianópolis : Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- e COSTA, Cláudia de Lima (orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis : Mulheres, 2004, v.1.
- SHUMAHAR, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. Trad. José Sanz. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. Élvio A. Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.
- . “Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, n. 2, jul-dez. 1990: 5-22.
- SHOWALTER, Elaine. *Mujeres rebeldes: una reivindicación de la herencia intelectual feminista*. Trad. Inés Belaustegui. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2002.

- . "The Female Tradition". In *A Literature of Their Own*. New Jersey: Princeton University Press, 1999.
- . "Feminism and literature". In: COLLIER, Peter e GEYER-RYAN, Helga (eds.). *Literary theory today*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- SILVA, Francisco Pereira da. *Santos Dumont*. São Paulo: Editora Três, 1974.
- SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis : Mulheres, 1996.
- . *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis : Ed. Mulheres, 2001.
- SOUZA, Márcio. *O brasileiro voador*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de Musas, Poetas e Prosadores Brasileiros*. Porto Alegre: Thurmman, 1956. Vol. 1.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TELLES, Norma. "Escritoras Brasileiras do Século XIX". *A Mulher na Literatura* 3, 1990.
- . "Escritoras, escritas, escrituras". DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 401-442.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.

ZAVALA, Iris. “ Las formas y funciones de uma teoría crítica feminista. Feminismo dialógico”. In: DÍAZ-DIOCARETZ, Myriam e ZAVALA, Iris M. (coords.). *Breve historia feminista de la literatura española* (em lengua castellana). Madrid: Anthropos, 1993.

ZILBERMANN, Regina. *Estética da recepção e história da leitura*. São Paulo: Ática, 1989.

--- e MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

OBRAS CONSULTADAS DE ESCRITORAS PARANAENSES

CAMARGO, Maria Cândida. *Júbilos e mágoas*. (Obra póstuma). Curitiba: Ed. Lítero-Técnica, 1958.

CAMARGO, Paulina Taborda de. *Riscas – Prosieversos e Crônicas*. Curitiba: O Formigueiro, 1977.

---. *Corredor da vida – prosiversos*. Curitiba: O Formigueiro, 1976.

CARNEIRO, Carmen. *Vozes no Silêncio*. Curitiba: Gráfica Tipoarte, 1957.

---. *Exílio*. Curitiba: Oficinas Gráficas da Papelaria Requião, 1966.

---. *Poemas Escolhidos*. Coleção Farol do Saber. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.

CENTRO Feminino de Cultura. *Um século de poesia: poetisas do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1959.

---. *Mulheres Escrevem: crônicas e poesias*. Curitiba: Visagraf, 1997.

- COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. 2ª ed. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- . *O Paraná mental*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- . *Um brado de revolta contra a morte violenta*. Curitiba: A Cruzada, 1935.
- . *Cambiantes (contos e fantasias)*. Curitiba: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1940.
- . *Linguagem*. Tese apresentada ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil. Curitiba: A Cruzada, 1937.
- CURY, Aurora Silva. *Penumbra*. Curitiba: impresso na seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba, 1951.
- SANTOS, Pompília Lopes dos. *Sesquicentenário da poesia paranaense: antologia*. 2. ed. Curitiba: Academia Feminina de Letras do Paraná, 1985.
- . *Origens*. Curitiba: Oficinas Gráficas de Papelaria Requião, 1961.
- VELOSO, Escolástica de Moraes. *Pétalas de saudades. (Reminiscências)*. Curitiba: Ed. Lítero-Técnica, 1961.
- VITEL, Florentina. *Reviver*. Curitiba: O Formigueiro [s.d.].
- WESTPHALEN, Nair Cravo. *Sem que eu soubesse*. Curitiba: A. M. Cavalcante, 1975.

ANEXOS

Os registros gráficos apresentados a seguir resultam das pesquisas empreendidas para esta tese. Foram valiosas colaborações como as das senhoras Irene Lupion de Moura Brito e Júlia D. Follador, sobrinhas-netas da escritora, e do Sr. Wilson Bóia, integrante da Academia Paranaense de Letras. Inicia-se com cópias das páginas do caderno organizado pela própria escritora, após, foram compilados todos os materiais relativos à Mariana Coelho. A falta de qualidade na reprodução de alguns documentos se justifica, uma vez que já foram assim recebidos, e apesar da utilização dos recursos técnicos disponíveis, há uma limitação imposta a partir das cópias encaminhadas para auxiliar nesse trabalho.